



Universidade Católica do Salvador
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação
Programa de Pós-graduação em Família na sociedade
contemporânea

ALESSANDRA DALTRO PEREIRA SANTANA

**MULHERES QUE FORAM MÃES QUANDO ADOLESCENTES:
TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO EM DIFERENTES
CONTEXTOS FAMILIARES UM ESTUDO DE CASOS EM UM BAIRRO
POPULAR DE SALVADOR-BA.**

Salvador

2016

ALESSANDRA DALTRO PEREIRA SANTANA

**MULHERES QUE FORAM MÃES QUANDO ADOLESCENTES:
TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO EM DIFERENTES
CONTEXTOS FAMILIARES UM ESTUDO DE CASOS EM UM BAIRRO
POPULAR DE SALVADOR.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Profa. Dr^a Ana Cecília de Sousa Bastos

Salvador

2016

Ficha catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

Santana, Alessandra Dalto Pereira.

Mulheres que foram mães quando adolescentes: trajetórias de desenvolvimento em diferentes contextos familiares. Um estudo de casos em um bairro popular de Salvador/Alessandra Dalto Pereira Santana. - Salvador, 2016.

137 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof. Dr^a Ana Cecília de Sousa Bastos

1. Maternidade 2. Adolescência. 3. Ruptura. 4. Enfrentamento 5. Trajetórias 6. Narrativa I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Bastos, Ana Cecília de Sousa – Orientadora III. Título.

CDU 316.356.2-053.6

TERMO DE APROVAÇÃO

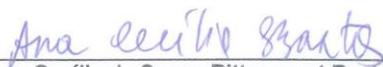
Alessandra Daltro Pereira Santana

**“MULHERES QUE FORAM MÃES QUANDO ADOLESCENTES:
trajetórias de desenvolvimento em diferentes contextos familiares um
estudo de casos em um bairro popular de Salvador-Ba”.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família
na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de maio de 2016.

Banca Examinadora:



Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos
Orientador(a) - (UCSal)



José Eduardo Ferreira Santos - (UFBA)



Márcio Santana da Silva - (UFBA)



Miriã Alves Ramos de Alcântara - (IFBA)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Firmina e Antônio (in memoriam), com quem aprendi a viver e a fazer escolhas importantes na vida, a ser simples e a valorizar o que me faz bem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Ana Cecília por seu acolhimento, pela forma de olhar e valorizar ao meu estudo, um olhar tão diferenciado que foi de extrema importância para o desenvolvimento do meu trabalho.

Às adolescentes mães do Areial-Nordeste de Amaralina, que me acolheram em suas vidas durante tanto tempo, partilhando toda a beleza de suas experiências, e que permitiram através dessas, que este estudo se tornasse real.

Às professoras, Márcio Santana, Elaine Rabinovich, Lilian Perdigão, e ao Prof. Miguel Mahfould que nos encontros feitos ao longo desta minha trajetória sempre ofereceram sugestões que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Ao Professor José Eduardo Ferreira por ter despertado em mim o desejo pela pesquisa, através de suas escritas e relato de experiências, o que foi de extrema relevância para minha formação enquanto pesquisadora.

Contei sempre com o apoio de todos os colegas do grupo CONTRADES, em especial: à Joana e Wanderlene, agradeço pela disponibilidade nos momentos cruciais deste percurso.

Às amigas Daniela Costa e Núbia Martins, sempre me encorajaram e escutaram nos momentos de dúvidas e angústia com toda paciência.

À amiga e companheira Milena Nunes, agradeço pela companhia nesse período que de uma forma bastante presente me ajudou a não me perder no meio de tanto estudo, o ponto fundamental, o rumo, o ponto de chegada, através da verdadeira amizade. À Lúcia Oliveira, Michele, Andréa, Francilene, Abelardo, Regilene, André Carvalho, Jonatas e Bruno meus amigos, agradeço pelo apoio nas transcrições, traduções, digitalização e correções dos dados e resultados do estudo.

Aos funcionários do Programa de pós-graduação em Família na sociedade Contemporânea da UCSAL: Luciana, Carla e Cristiane e tantos outros que sempre me receberam com paciência e disponibilidade nos momentos importantes.

Agradeço, ainda, aos amigos e professores da Universidade Católica de Salvador, em especial o Prof. João Carlos Petrini, e as professoras Silvana Sá, Lúcia Moreira e Miriã Alcântara, pelo incentivo e apoio.

Aos tantos outros amigos que sempre me incentivaram, sendo pacientes e me encorajando, agradeço imensamente pela paciência na escuta.

Agradeço especialmente à Ademildes e Layla, por cuidar da minha casa e dos meus filhos, nos tantos momentos em que estive ausente.

À meu grande companheiro Jean Santana por tudo: apoio, paciência, amor e principalmente pelo respeito e admiração que tem a mim.

Ao meu grande mestre, Dom Guido Zendron pela paternidade oferecida á mim em toda minha vida.

Ao movimento Comunhão e Libertação que despertou em mim o desejo pelo o estudo e, pela pessoa.

À fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) agradeço pela concessão da bolsa de mestrado, que sem esse apoio seria um desejo não realizado.

RESUMO

Santana, A.D. P. (2015). Mulheres que foram mães quando adolescentes: trajetórias de desenvolvimento em diferentes contextos familiares. Um estudo de casos em um bairro popular de Salvador. Dissertação de mestrado. Superintendência de pesquisa e pós-graduação programa de pós-graduação em família na sociedade contemporânea. Universidade Católica do Salvador. Salvador/BA. A experiência de ter um filho representa uma ruptura no desenvolvimento da adolescência, um período representado como importante na vida do indivíduo. Deste modo, implica em uma quebra na sua dinâmica, desafiando conceitos e expectativas que haviam sido projetados acerca das próprias trajetórias. As consequências deste evento acarretam diversas mudanças, principalmente em relação às expectativas traçadas para o futuro desta jovem mãe, causando incertezas. Este estudo tem por objetivo caracterizar as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência, identificando as estratégias de enfrentamento das quais elas lançam mão para lidar com eventos críticos que ocorrem ao longo dessas trajetórias. O referencial teórico, dentro da psicologia cultural do desenvolvimento, baseia-se nos conceitos de rupturas e transições, de Zittoun, e no processo de construção de significados (Valsiner), a partir das experiências feitas pela pessoa ao longo de sua trajetória. Trata-se de um estudo qualitativo de múltiplos casos, através de narrativas de trajetórias de vida de seis jovens mães que tiveram filhos na adolescência. Elas provêm de diferentes contextos familiares, incluindo-se no estudo: casos de mães que tiveram filhos na adolescência e manteve o relacionamento com o pai da criança; mães que perderam seus companheiros de forma violenta, tornando-se viúvas e mães que permaneceram solteiras. As entrevistadas, quando adolescentes, fizeram parte de um projeto desenvolvido em 2004 no bairro do Nordeste de Amaralina em Salvador BA. A análise considera dados coletados em dois momentos (2004 e 2015/2016). Para coleta de dados, a ferramenta utilizada foram entrevistas narrativas. A análise, inspirada da abordagem bioecológica de Bronfenbrenner e no modo como Tania Zittoun concebe transições e rupturas no curso de vida, centrou-se na interdependência entre contextos e trajetórias de desenvolvimento, buscando entender como estes se caracterizam, e as singularidades do movimento pessoal e dos significados construídos por essas mulheres para enfrentar eventos críticos (rupturas) ao longo de sua transição para a maternidade. As questões que orientaram a discussão dos dados foram: como a trajetória da mãe adolescente se desenha a partir do momento de gravidez? Quais são os pontos de referência, os outros sociais, os recursos nos quais elas se apoiam para ressignificar a própria experiência? De que modo o fato de terem se tornado mães na adolescência afetou suas perspectivas para o futuro? Nas conclusões, destacam-se: a gravidez desenhando diferentes trajetórias, a figura materna sendo o principal ponto de referência, para o enfrentamento dos eventos críticos elas utilizam como recursos, as próprias exigências que carregam de justiça, felicidade e verdade.

Palavras chave: maternidade, adolescência, ruptura, enfrentamento, trajetórias, narrativa.

ABSTRACT

Santana, A.D. P. (2016). Women who were mothers when adolescents: trajectories of development in different family contexts. A case study in a popular neighborhood of Salvador. Master Thesis. The superintendence of research and postgraduate program of post-graduation in family in contemporary society. Catholic University of Salvador. Salvador/BA. The experience of having a child represents a rupture in the development of adolescence, a period represented as important in the life of the individual. In this way, implies in a break in their dynamics, challenging concepts and expectations that had been designed about own trajectories. The consequences of this event entail various changes, mainly in relation to the expectations outlined for the future of this young mother, causing uncertainty. This study aimed to characterize the different trajectories of women who became mothers in adolescence, identifying the coping strategies of which they cast hand to deal with critical events that occur along these paths. The theoretical framework, within the cultural Psychology of Development, is based on the concepts of disruptions and transitions, Zittoun, and in the process of construction of meanings (Valsiner), from the experiences made by person along its trajectory. This is a qualitative study of multiple cases, through narratives of life trajectories of six young mothers who had children in adolescence. They come from different family contexts, including in the study: cases of mothers who had children in adolescence and maintained the relationship with the father of the child; mothers who have lost their companions of violent manner, becoming widows and mothers who remained unmarried women. The interviewees, when adolescents, were part of a project developed in 2004 in Nordeste de Amaralina, in Salvador, BA. The analysis considers data collected in two moments (2004 and 2015/2016). For data collection, the tool used were interviews narratives. The analysis, inspired the approach bioecological of Bronfenbrenner and in how Tania Zittoun conceives transitions and ruptures in the course of life, focused on the interdependence between contexts and trajectories of development, seeking to understand how these are characterised, and the singularities of personal movement and the meanings constructed by these women to face of critical events (ruptures) along their transition to motherhood. Questions that guided the discussion of data were: as the trajectory of the adolescent mother emerges from the time of pregnancy? What are the points of reference, the other social, the resources on which they rely to signify the own experience? In what way the fact of having become mothers in adolescence has affected its prospects for the future? In the conclusions, stand out: pregnancy drawing different trajectories, the maternal figure being the primary reference point, to face the critical events they use as resources, the own demands that upload of justice, happiness and truth.

Keywords: Motherhood, adolescence, rupture, coping, trajectories, narrative

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Viúvas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas 1º momento

Quadro 2 - Solteiras - Perfil sociodemográfico das entrevistadas 1º momento

Quadro 3 - Casadas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas 1º momento

Quadro 4 - Viúvas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas 2º momento

Quadro 5 – Casadas -Perfil sociodemográfico das entrevistadas 2º momento

Quadro 6- Solteira - Perfil sociodemográfico das entrevistadas 2º momento

Quadro 7 - Viúvas - Nº de filhos - 1º momento

Quadro 8 - Viúvas - Nº de filhos - 2º momento

Quadro 9 - Casadas - Nº de filhos das entrevistadas - 1º momento

Quadro 10 – Casadas - Nº de filhos das entrevistadas - 2º momento

Quadro 11 - Solteiras - N º de filhos das entrevistadas solteiras -1º momento

Quadro 12 - Solteiras - N º de filhos das entrevistadas solteiras - 2º momento

Quadro 13- Percepção e descoberta da Gravidez

Quadro 14- Informações a respeito do companheiro no momento em que ocorreu a gravidez

LISTA DE ABREVIATURAS

CAAG - Centro de Apoio as Adolescentes Grávidas

CONTRADES - Contextos Trajetórias e Desenvolvimento

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONGs - Organizações Não Governamentais

UCSAL - Universidade Católica de Salvador

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 14 |
| INTRODUÇÃO | 19 |
| Capítulo 1-FAMÍLIA E RELAÇÃO COM A ADOLESCÊNCIA | 25 |
| Capítulo 2 - FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS | |
| 2.1-QUADRO TEORICO CONCEITUAL | 31 |
| 2.3-SIGNIFICADOS | 31 |
| 2.4-PERSPECTIVA ECOLOGICA DO DESENVOLVIMENTO | 33 |
| 2.5-RUPTURAS | 35 |
| Capítulo 3- OBJETIVOS E METODOLOGIA | 38 |
| 3.1. OBJETIVO | |
| 3.1.1- GERAL..... | 39 |
| 3.1.2 - ESPECÍFICOS..... | 39 |
| 3.2 METODOLOGIA | 39 |
| 3.2.1-CONTEXTO | 40 |
| 3.2.2-A ENTRADA NO CAMPO | 44 |
| 3.2.3-PARTICIPANTES: | 45 |
| 3.2.4-ASPECTOS ÉTICOS | 45 |
| 3.2.5-RISCOS E BENEFÍCIOS | 45 |
| 3.2.6-ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS | 46 |
| 3.2.7-CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS | 46 |
| 3.2.8 - PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS | 47 |
| Capítulo 4- CASADAS, SOLTEIRAS, VIÚVAS: AS MÃES E SUAS TRAJETÓRIAS..... | 49 |
| 4.1 - CARACTERISTICA SÓCIO DEMOGRÁFICA - 1º MOMENTO | 49 |
| 4.2 - PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO - 2º MOMENTO | 50 |
| 4.3- NÚMERO DE GESTAÇÕES | 51 |
| Capítulo 5 “NO NOSSO LIVRO, A NOSSA HISTÓRIA É FAZ DE CONTA OU É FAZ ACONTECER” | 52 |

| | |
|---|------------|
| 5.1. MOMENTO ATUAL DA VIDA DAS ENTREVISTADAS | 53 |
| 5.1.1-AURORA | 55 |
| 5.1.2-RAPUNZEL..... | 56 |
| 5.1.3- BELA | 56 |
| 5.1.4-JASMIM | 57 |
| 5.1.5-CINDERELA | 57 |
| 5.1.6-ALICE..... | 58 |
| Capítulo 6 - OS CASOS –“ NEM TODA PALAVRA É AQUILO QUE O DICIONÁRIO DIZ “ | 59 |
| 6.1-“FELIZES PARA SEMPRE!”- AS CASADAS. | |
| 6.1.1- O CASO BELA | 60 |
| 6.1.2-O CASO JASMIM | 66 |
| 6.2 -“A ESPERA DE UM PRÍNCIPE”- AS SOLTEIRAS | |
| 6.2.1- O CASO CINDERELA | 70 |
| 6.2.2- O CASO ALICE..... | 73 |
| 6.3 -"ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE" - AS VIÚVAS | |
| 6.3.1-O CASO AURORA | 77 |
| 6.3.2-O CASO RAPUNZEL..... | 83 |
| Capítulo 7 - UM OLHAR TRANSVERSAL CONSIDERANDO AS TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS..... | 89 |
| 7.1- DESCOBERTAS DA GRAVIDEZ | 90 |
| 7.2- REAÇÕES DA FAMÍLIA..... | 92 |
| 7.3-REAÇÕES DO COMPANHEIRO | 97 |
| 7.4-ESTUDOS | 101 |
| 7.5-TRABALHO..... | 105 |
| Capítulo 8 - SIGNIFICADOS, NOVAS POSIÇÕES DO EU, EVENTOS CRITICOS, RUPTURAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO | 109 |
| Capítulo 9 - CONCLUSÃO: A MATERNIDADE COMO POSSIBILIDADE DE VIDA NOVA..... | 115 |
| 10. REFERÊNCIAS..... | 121 |
| 11. ANEXOS..... | 126 |

APRESENTAÇÃO

“... Desvalidar o improvável! Desdenhar do inconcebível!” (O Teatro Mágico)

Em 2005 recebi o convite de uma organização não governamental para trabalhar no Nordeste de Amaralina, especificamente em uma região conhecida como Areial em Salvador-Ba, e lá desenvolver um projeto junto às mães que tiveram filhos no período da adolescência. Porém devido à violência no local a inserção do projeto foi se dando ao longo de alguns meses.

No início contamos com alguns conflitos, pois o espaço no qual foi implantado o projeto era um ambiente antes abandonado onde se tornou o local em que os meninos do bairro faziam de forma constante: uso de drogas, moradia para cavalos, sexo, e fazer as “laricas” expressão utilizada na localidade para compartilhar drogas.

Aos poucos foi tornando-se evidente para esses meninos que o nosso desejo naquele local era apenas realizar um trabalho social para comunidade.

O projeto tinha um objetivo claro: assistir meninas grávidas, porém diante da necessidade encontrada se tornou necessário, realizar um trabalho também com os meninos visando favorecer uma aproximação amigável com os mesmos. Inicialmente foi necessário oferecer a eles algumas atividades recreativas como: torneio de futebol, campeonatos de *ping-pong*, aula de capoeira, dentre outras.

Após concretizado um vínculo de confiança entre a equipe de trabalho e a comunidade, iniciamos as atividades do projeto. Foi explicado a eles que foi notada uma presença significativa de meninas que engravidavam ainda na adolescência e que o desejo da equipe era realizar um trabalho diretamente com esse público.

Ao iniciar as inscrições para participação no projeto de apoio as adolescentes mães, fomos surpreendidos com cerca de 110 adolescentes grávidas e com filhos nos braços com menos de 18 anos.

Ao começarmos, o primeiro passo foi fazer a triagem minuciosa dessas adolescentes. Devido à violência existente no bairro alguns detalhes aparentemente insignificantes foram necessários ser notados. Como por exemplo: local onde morava e o nome do pai da criança. Esses dois aspectos eram importantes para o desenvolvimento do projeto, devido a grande rivalidade que existia na localidade entre os bairros e ruas.

Com o passar do tempo, a experiência com essas meninas tomou novos rumos, novos projetos sendo planejados e executados, muitas mudanças aconteceram, inclusive em minha atuação profissional. Entre estas, a parceria com algumas organizações importantes pelo qual eram oferecidos cursos profissionalizantes e formação para profissionais. Neste âmbito, portanto, dificuldades enfrentadas estavam relacionadas a permanência desses profissionais nas atividades oferecidas pelo projeto, devido ao risco pessoal que esses profissionais tinham que enfrentar no itinerário até a sede do projeto.

O trabalho como coordenadora do projeto foi ponto de partida para motivar o interesse por pesquisas, justamente porque a diversidade na forma de enfrentar um mesmo evento me enchia de curiosidades e perguntas. Enquanto uma adolescente e sua família enfrentavam de uma maneira, outras enfrentavam de forma oposta o evento da maternidade na adolescência. O trabalho contribuiu para descobrir toda a capacidade que elas tinham para enfrentar o evento da maternidade.

Além desse aspecto, o projeto proporcionou um estreitamento com essas famílias, através das visitas domiciliares que eram feitas de forma regular. E assim de forma não intencional se estreitava o relacionamento com toda comunidade. O local onde as meninas grávidas e mães eram acolhidas servia também de acesso à comunidade, pois ali todas as crianças tinham acesso à quadra, ao salão de festas, tornando-se um local de referência para a comunidade.

Após alguns anos da graduação em enfermagem e experiência hospitalar resolvi mergulhar no mundo da pesquisa. E ingressei no mestrado em “Família na sociedade contemporânea” com intuito de estudar a trajetória de vida de jovens mães em diversos contextos familiares. A minha inquietação surgiu depois de perceber que dentro de um mesmo contexto social marcado por violência, pobreza, ausência de oportunidade, uma mesma experiência que é a maternidade na adolescência pode ser enfrentada de formas diferentes.

“Os pais frente à sexualidade dos filhos adolescentes” foi com esta temática que iniciei os estudos. Após uma mudança de orientação e a participação no grupo de pesquisa Contextos e Trajetórias de Desenvolvimento – CONTRADES.

Alguns aspectos foram importantes para mudança da temática. O primeiro foi à reação da minha orientadora Ana Cecília, que afirmou após a apresentação da minha experiência profissional a professora Giussepina Marsico em um dos

encontros com os novos orientandos do semestre. “Ale! Os seus olhos brilham quando fala dessas meninas, e não quando fala dos pais!”. Outro aspecto foi de fato a participação no grupo de pesquisa CONTRADES, conhecendo melhor a Psicologia Cultural do desenvolvimento e alguns conceitos fizeram com que me interessasse pela maternidade. Esta abordagem teórica valoriza a construção do significado, e aos poucos fui descobrindo que era exatamente deste olhar sobre a experiência/fenômeno que buscava para desenvolver o estudo .

Assim, em um dos diversos encontros de orientação com a professora Ana Cecília, conversava e relatava a preocupação que eu apresentava em relação a construção do meu estudo , pois não acreditava que pudesse construir uma dissertação no padrão dos seus orientandos anteriores. Então, a mesma me orientou que eu não ficasse tensa com a construção do meu estudo, e disse: “Olha Ale! o espetáculo está acontecendo aqui e você admirando o show dos outros!” . Essa frase me inquietou e iniciei a pensar meu estudo a partir daquele momento, como “um espetáculo”. Pesquisando encontrei “O Teatro Mágico” um grupo musical brasileiro formado em 2003 na cidade de Osasco, São Paulo, criado por Fernando Anitelli, que reúne elementos do circo, do teatro, da poesia, da música, da literatura e da política tornando possível a junção de diferentes segmentos artísticos numa mesma apresentação. Inspirada neste grupo e suas belíssimas canções fui aos poucos identificando trechos das canções que retratavam a realidade estudada por mim.

O **objetivo geral** desse estudo é caracterizar as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência, identificando as estratégias de enfrentamento das quais elas lançam mão para lidar com eventos críticos que ocorrem ao longo as transições-rupturas por que passam, o intuito foi demonstrar as diferentes possibilidades existentes dentro daquele contexto estudado, ou seja, é possível ser mãe na adolescência e encher essa experiência de significado, tornando-a cheia de riqueza sendo possível até mesmo construir uma trajetória familiar estável, acadêmica e profissional, diferente do que estudos demonstram que ser mãe no período da adolescência culmina possivelmente em uma experiência negativa.

Este estudo fora realizado dez anos após o primeiro contato com essas meninas, fato que permite estudar e tornar rica de evidências uma experiência,

tornando possível um estudo, além de contribuir para enriquecer o trabalho de profissionais que trabalham com famílias. Espera-se que este estudo forneça subsídios para a implantação de ações que considerem o significado atribuído pelas adolescentes à maternidade.

OS CAPÍTULOS

O estudo está dividido em nove capítulos:

Capítulo 1- Apresenta a relação que a família tem a adolescência e a maternidade;

Capítulo 2- Fundamentação teórica onde apresento as três teorias que fornecem fundamentos para o estudo;

Capítulo 3- Apresenta o problema do estudo e os objetivos e a metodologia escolhida;

Capítulo 4- Apresenta os resultados e discussão às mães e suas trajetórias; comparando as características sócio demográfica do primeiro e segundo momento.

Capítulo 5- Nesta seção é apresentada as trajetórias das mães no contexto atual, no que diz respeito a situação marital , trabalho, número de filhos e escolaridade , dez anos após o primeiro encontro;

Capítulo 6 - Apresentação dos casos - as narrativas das mães ao longo dos dez anos, os casos são apresentados de forma que se possa entender a trajetória de cada menina de forma particular, nessa seção será apresentada como se encontram no que diz respeito à situação conjugal em relação ao pai da criança: casadas, solteiras e viúvas.

Capítulo 7 Nesta seção é lançado um olhar transversal considerando as trajetórias percorridas, assume-se uma perspectiva transversal, comparativo, sobre os diversos casos, considerado momentos e aspectos importantes da trajetória das meninas: como se deu a descoberta da gravidez, a reação do companheiro e família diante da gravidez e as alterações que ocorreram no universo do estudo e trabalho..

Capítulo 8 Apresentação de algumas considerações com o objetivo de refletir sobre como as estratégias utilizadas para enfrentar os diversos eventos críticos e a experiência pessoal são fundamentais na construção do significado da maternidade no período da adolescência .

Capítulo 9 Apresenta a maternidade como uma experiência que possibilita uma vida nova.

INTRODUÇÃO

A maternidade na adolescência refere-se a um evento complexo, no qual múltiplos fatores se encontram envolvidos. Além disso, diferentes significados são construídos ao longo da experiência desse mesmo evento por diferentes jovens.

Analisar a maternidade no período da adolescência tem grande pertinência em estudos atuais, pois evidenciam indicadores sociais como: abandono escolar e outras rupturas típicas. Tais estudos científicos corroboram com pesquisas que apontam dados importantes para o contexto da maternidade na adolescência, evidenciando problemas e propondo discussões ou mesmo intervenções que venham a minimizar as adversidades ligadas às relações familiares dessas jovens, o atendimento a esse público, entre outras. Entende-se ainda ser a adolescência um período bem peculiar na vida de todo indivíduo, fazendo com que essa experiência seja intensa, além de trazer consequências que atinjam o sujeito individualmente e à sociedade na qual está inserido.

Apesar de uma série de fatores considerados negativos, como a falta de preparação psicológica para ser mãe, questões financeiras e outras condições mínimas que a maternidade requer, alguns estudos mostram que a gestação e maternidade adolescente associam-se a “fatores positivos como maior responsabilidade da menina, busca por condição socioeconômica melhor para oferecer maiores recursos à criança”. (DIAS TEIXEIRA, 2010).

De acordo com o MINISTÉRIO DA SAÚDE:

a gravidez precoce caiu 26% nos últimos 13 anos. Em 2000, foram 750.537 bebês nascidos vivos por partos de adolescentes de 10 a 19 anos. Nesse mesmo ano, o Brasil estava em 54º lugar no ranking mundial com índice de fecundidade em meninas entre 15 e 19. Com a ajuda de políticas de prevenção, em 2013, foram 555.159 bebês. Mesmo com uma diminuição significativa no número dos nascidos, proporcionalmente, o país piorou em relação a outras nações. (BRASIL, 2015, p. 1).

Segundo Silva e Hutz (2002), esse período da vida adolescente compõe-se de “fronteiras” que nem sempre são regidas sob regras, já que se trata da vivência de experiências e processos de cada sujeito na sua individualidade, isto é, o processo de formação de cada indivíduo está diretamente ligado às interações de contextos de desenvolvimentos acessíveis. Diante dessa concepção, é válido

salientar que lidar com tal evolução da descoberta de si mesmo pode ser difícil para o adolescente que vive sua sexualidade ativamente, porém não consegue vivenciar as responsabilidades que essa experiência lhe impõe. Independente de conhecê-las ou não, as interações acontecem o tempo todo influenciam o comportamento de muitos adolescentes.

A maternidade no período da adolescência representou para muitas mulheres a vivência de um período de surpresas. Em alguns casos um evento de algum modo imaginado de forma pessoal. Para a sociedade, ter um filho neste período é considerado, muitas vezes, algo não previsto, um evento crítico, um desastre na vida de uma adolescente e da família dela. Conseqüentemente isso repercute na sociedade, cujo desfecho é uma realidade cheia de limites, destruições de projetos pessoais devido à ausência de acompanhamento psicológico, apoio financeiro, ou quaisquer políticas públicas que assegurem o trabalho ou outra forma de apoio a essas jovens.

No entanto, para outras mulheres, este evento não é visto com essa perspectiva negativa apesar de sofrer inúmeras experiências de rupturas, trazendo consigo a vivência de muitas perdas significativas: não só a da ideia de curtir a juventude, mas também a de certo ideal de família, a qual esperava o papel social de mãe mais pautado na independência financeira ou mesmo o casamento; certo controle sobre o próprio corpo e sobre a própria vida.

Para diversos autores o evento da maternidade no período da adolescência tem um caráter negativo, para outros, este evento tem outro ponto de vista, não que seja positivo, mas um evento crítico que pode servir como uma oportunidade de amadurecimento, aponta Takei (2008), em seu estudo sobre maternidade adolescente como uma experiência familiar:

Conforme Levandowski, et. al. (2008) as mães adolescentes podem relatar aumento da autoestima, maiores sentimentos de orgulho e felicidade em relação à gravidez e a maternidade. Nessa concepção, muitas destas acabam por vivenciar a gravidez de forma positiva o que acarreta ações e práticas mais confortáveis para a criança e para a mãe, independente do que se venha a enfrentar como a mudança do corpo, as noites mal dormidas, as atividades canceladas ou adaptadas para a nova realidade, dentre outras mudanças que a maternidade pode representar.

Este estudo também se propõe a focalizar de que forma o contexto em que o sujeito se encontra inserido tem contribuição para as escolhas que faz nas trajetórias das mães adolescentes, observando de que modo e com que resultados elas definiram perspectivas para o próprio futuro, ao longo de suas trajetórias destacando os eventos críticos, as rupturas e as estratégias de enfrentamento. Sobre as escolhas ou mesmo decisões que os indivíduos tomam no decorrer do seu desenvolvimento humano, Dessen e Costa Júnior (2005) apontam que há correlação com estudos de Elder (1996) e Hinde (1992) quando estes apontam os fatores sociais e pessoais que compõem a trajetória do sujeito por meio do estabelecimento de padrões socioculturais. Dessa forma, aqueles autores compreendem que referente ao desenvolvimento humano cabe “investigar como os organismos estabelecem, mantêm e reorganizam seus comportamentos e relacionamentos dentro de um ambiente ao longo da sua ontogenia” .

Significar os eventos críticos que acontecem na trajetória da vida é fundamental para o processo de desenvolvimento do indivíduo. Para isso é importante que se entenda que tal evolução é progressiva e que só há interação se houverem pelo menos duas pessoas em um mesmo contexto apontam Dessen e Costa Júnior , 2005. Portanto, atribuir significado ao fato de ser mãe na adolescência é um fenômeno de grande importância. “A qualidade de vida de um indivíduo adulto, sem dúvida, não pode ser compreendida sem considerar as escolhas e as prioridades estabelecidas nas fases de transição anteriores à idade adulta”.

Ao abordar os distintos casos encontrados (jovens mães que constituíram famílias com o pai da criança; jovens mães que não permaneceram com o pai da criança e são dependentes dos pais, jovens mães que vivem com os filhos independentes dos pais e jovens mães que perderam seus companheiros de forma violenta.), a intenção é demonstrar como o fato de ser mãe no contexto da adolescência pode ser enfrentado, encarado de formas diversas.

Este trabalho é um estudo de múltiplos casos, de narrativas de trajetórias de vida com jovens mães que tiveram filhos na adolescência. As entrevistadas são jovens que fizeram parte de um projeto desenvolvida para adolescentes mães, em 2005 no bairro do Nordeste de Amaralina em Salvador-BA.

A abordagem desta temática possibilita uma discussão sobre a ideia de uma configuração da experiência dos jovens mães no contexto social escolhido, em um

determinado período de tempo. Sendo a maternidade um fenômeno que se caracteriza por tantas transições, mudanças, rupturas e continuidades, possibilitando um entendimento mais amplo da maternidade na adolescência observada. (SANTOS, 2004).

Nessa etapa da vida, o adolescente está procurando estabelecer a própria identidade adulta. Neste processo podem ocorrer conflitos e tensões entre a adolescente e a família, o que pode desencadear uma precoce decisão em constituir a própria família. Portanto, a gravidez durante a adolescência pode impedir ou dificultar algumas tarefas que devem ser resolvidas pelo jovem durante esse período do desenvolvimento, que por si só é considerado complicado (LEVANDOWSKI, et. AL, 2008).

Neste estudo, a maternidade na adolescência tem relevâncias particulares e são abordados sob a perspectiva dos significados construídos pelas mães adolescentes sobre a maternidade, caracterizando os signos definidos e práticas que emergiram ao longo das trajetórias descritas nas narrativas das participantes, pois estão diretamente ligadas à condição de ser mãe. São enfocadas as mudanças que este evento gerou na vida delas em relação ao trabalho, ao estudo, à criação do filho, à conjugalidade e à família de origem, correspondentes à circunstância de ser mãe. “A perspectiva teórica- metodológico da rede de significações constitui uma ferramenta capaz de auxiliar tanto nos procedimentos de investigação como na compreensão do processo de desenvolvimento humano.” (ROSSIETTI-FERREIRA; AMORIM; CARVALHO, 2004, p. 34).

A ideia é buscar analisar quais os recursos simbólicos nos quais as mães adolescentes se apoiam para ressignificar a própria experiência. Para Zittoun (2004, p. 134) “existem recursos simbólicos que podem auxiliar no período de transição e que se mobilizam no pensar, agir e representar o próprio futuro”. Essa construção de significado pessoal é a própria transição e seus componentes emocionais e corporais. As chamadas formas desenvolvimentais revelam um processo de encontro do sujeito com as incertezas que deve enfrentar. O próprio futuro incerto, no caso desse estudo, a gravidez na adolescência. (ZITTOUN, 2004).

Este estudo busca analisar a maternidade na adolescência como uma transição a partir dos significados e sentimentos narrados por jovens mães que fizeram a experiência e agora narram suas experiências. A escolha deste foco visa

enfocar a maternidade enquanto um momento de transição desenvolvimental, essencial à mulher, além da descrição de como esta transição é experienciada neste cenário.

Para o desenvolvimento desta pesquisa escolhi a abordagem do estudo de caso como ferramenta metodológica, por tratar-se de uma metodologia que se relaciona com os imprevistos emergentes da prática, da observação participante e também possibilita a ideia de uma configuração da experiência das jovens mães no contexto social escolhido, em um determinado período de tempo. Este é um fenômeno que se caracteriza por tantas transições, mudanças, rupturas e continuidades, possibilitando um entendimento mais amplo da maternidade na adolescência estudada. (SANTOS, 2004).

Como é possível analisar a experiência de jovens mães de um bairro popular, em um contexto socioeconômico de pobreza, violência urbana e restrição de oportunidades de desenvolvimento em várias dimensões (educação, trabalho)? Que trajetórias se desenham a partir do momento de gravidez? De que estratégias de enfrentamento e reparação elas lançam mão ao longo dessas trajetórias? Que eventos críticos marcam essas trajetórias? Quais são os pontos de referência, os outros sociais, os recursos materiais e simbólicos nos quais elas se apoiam para ressignificar a própria experiência? De que modo o fato de terem se tornado mães na adolescência afeta suas perspectivas para o futuro? De que modo é expressada a narrativa dessas jovens acerca da própria percepção do drama da existência, exigências elementares de felicidade, beleza, justiça e sentido da vida?

Ser enfermeira possibilita ao profissional conviver e se aproximar dos problemas inerentes à pessoa em seus diversos aspectos. A enfermeira tem uma função especial dentro da saúde sexual da mulher: ela participa da assistência, além de orientar no planejamento familiar. O enfermeiro necessita adquirir ao longo de sua experiência profissional uma visão holística, integral de saúde e o foco sobre aspectos ligados ao desenvolvimento psicológico da pessoa. Entende-se assim que atuar como enfermeira também se faz na busca constante de estratégias, principalmente através ações que possibilitem uma formação crítica e transformadora, comprometida com as realidades sociais, independentemente do contexto no qual essa prática se efetive.

Por fim, atuar como enfermeira possibilita prestar serviços em conjunto com a equipe profissional, buscando divulgar informações relevantes ao exercício das funções prestadas, por meio do esforço de todos os envolvidos, priorizando resultados significativos ao interesse público, como no caso das jovens mães que tiveram filhos na adolescência.

CAPÍTULO 1
FAMÍLIA E RELAÇÃO COM A ADOLESCÊNCIA

As crescentes mudanças sociais, que vêm ocorrendo nas últimas décadas, influenciaram diretamente nas transformações do conceito de família. A instituição do matrimônio, tida como principal tradição familiar começa a perder seu prestígio e importância em virtude das novas vertentes de organização familiar que estão sendo impostas devido à mudança dos costumes.

Diante da realidade social em que hoje vivemos e dos novos padrões e variadas formas de organização familiar, conforme afirma Oliveira (1997, p. 76) “necessário se faz o reconhecimento constitucional da família monoparental como entidade familiar para que esta seja protegida pelas leis que regem o Direito de Família”. Sendo assim, a Constituição define família monoparental desta forma: “Art. 226 § 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. (BRASIL, 1988, p. 76).

A sexualidade na vida dos indivíduos é acompanhada por descobertas que incidem na personalidade. Na fase da adolescência, as famílias nem sempre estão preparadas para entender, ou mesmo lidar com exigência dos filhos, pois para muitos há incapacidade intelectual ou mesmo emocional. Os estudos apontam que a família é essencial para a formação do sujeito, principalmente quanto à afetividade que representa o vínculo afetivo que se tem por uma pessoa. Diante da sexualidade dos filhos há que se distanciar tanto de preconceitos como de estereótipos para evitar conflitos em família. (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Percebe-se que a conversa no centro familiar deve ser constante no sentido de ser possível aos pais uma percepção mais concreta da realidade sexual vivida pelos filhos na adolescência. Diante de um modelo hierárquico em que se tinha o pai como formador e chefe familiar e a mãe como pouco participativa, centralizava-se todo o tipo de orientação dada aos filhos à educação, vida profissional, relações na sociedade. Assim, para muitos as informações sobre a sexualidade se deram de forma reguladora e com proibições. (DIAS; GOMES, 1999). Nesse contexto, muitos jovens deparam-se com a insegurança ou mesmo receio de conversar com seus responsáveis e assim vivenciam a sexualidade com base em diálogos com outros adolescentes, assim como eles com pouca orientação.

Para entender a adolescência estudos como o de Stangy e Story (2005) trata da maturação sexual independente da idade cronológica, isto é, questões como

crescimento linear, peso, alteração corporal e alteração hormonal podem antecipar a chegada da menstruação, seios crescidos e o crescimento de pelos púbicos nas mulheres e grau testicular e peniana nos homens. Tais mudanças biológicas são extremamente refletidas na adolescência como uma experiência dramática, entre as mudanças corporais e a assimilação de novas situações e informações para tornarem-se independentes.

Toda essa mudança sugere uma série de questionamentos naturalmente vividos pelos adolescentes e quando não bem trabalhados junto à formação familiar podem desencadear prejuízos como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), a gravidez e outros. A gravidez na adolescência torna-se um desafio na atualidade por ser constante, principalmente em regiões na qual a população é de baixa renda.

De acordo com o relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) há necessidade de se discutir sobre as implicações da gravidez na adolescência, sendo pertinente se trabalhar ações que permitam uma transição saudável por meio da garantia da segurança da mãe e da criança. Questões como obrigar uma adolescente a casar por estar grávida, forçando-a assim a assumir sem preparação uma família ocorrem em muitos casos. Além disso há riscos que as jovens correm, principalmente as que possuem menos de 14 anos, pois com estas podem ocorrer complicações no parto ou durante a gestação, podendo até levar mãe e bebê a óbito. Critica-se a posição dos governos de manterem-se distantes dessa realidade, sendo este um grupo desassistido. Ressalta-se ainda que muitas meninas sejam pressionadas a abandonar a escola e para elas faltam o cumprimento de direitos humanos. São também impedidas de fazer uso de anticoncepcional. (UNFPA, 2013).

Sabe-se que os investimentos em capital humano mesmo sendo imprescindíveis para a proteção dos direitos e essa luta passa pela UNFPA, órgão que enfatiza a redução de gravidez na adolescência como prioridade dos governos comprometidos com a causa. Para tanto, sinaliza a urgência em investimento para o cumprimento dos direitos dos adolescentes, em particular, as meninas visando suas necessidades, desafios, aspirações, dentre outros.

Os dados revelam uma realidade mundial preocupante, pois são cerca de 7,3 milhões de meninas ficam grávidas a cada ano; vinte mil dão a luz e duzentas morrem devido a complicações durante o parto e complicações durante a gravidez e

parto; 3,5 milhões de abortos inseguros entre adolescentes por ano no mundo; perpetuação da pobreza e da exclusão; negação dos direitos humanos básicos; as jovens não têm seu potencial desenvolvido. (UNFPA, 2015).

Neste cenário, muitas jovens no mundo inteiro recebem influência direta da família, como é o caso de países que passam expectativas negativas para as filhas, em que a educação escolar não tem muito valor, principalmente para as meninas. Faltam a tais adolescentes serviços de saúde sexual e reprodutiva, pois a pobreza e a exclusão são pontos fortes nestes casos.

A esse respeito, Hoga, Borges e Alvarez (2009) discutem sobre os valores e reações dos membros da família em caso de gravidez na adolescência. O estudo aponta que quando o contexto familiar é sólido, as adolescentes após o nascimento de seus filhos formam forte aliança e conseguem desenvolver uma vida social com apoio material e afetivo junto à família. Questões como: o temor do julgamento familiar; a gravidez vista como fraqueza das adolescentes, daí recaindo sobre ela a ideia de culpa; classificações morais sobre a sexualidade vivida pela mulher. “Assim, tornar pública uma gravidez que ocorre na adolescência é fonte de preocupação moral, não necessariamente de tristeza ou decepção familiar”.

É nesse cenário de participação da família que auxilia a adolescente seja com maior ou menor intensidade, geralmente acontece mesmo que haja uma suposta crise familiar ou ausência do suporte paterno. Haja vista que muitas gestantes nessas condições necessitam de apoio profissional, tanto durante como depois da gravidez.

Os laços familiares representam o afeto e a segurança de crianças e adolescentes (SCHENKER; MYNAYO, 2005). A família pode se tornar um fator de risco para uma adolescente que acaba engravidando, quando a família não fornece para a mesma um suporte adequado.

A questão do comportamento da família é outro ponto a se refletir, visto as inúmeras consequências que podem passar para as crianças e adolescentes. Ao descreverem as razões ou mesmo causas da gravidez na adolescência, Hoga, Borges e Reberte (2010) apontam que a falta de liberdade e de autonomia contribuíram para isso. Porém o estudo demonstra que os familiares desconheciam ou mesmo não tinham informações concretas sobre as necessidades das adolescentes. De um lado o conflito entre proibir saídas com amigos e do outro agir

com mais rigidez e controle sobre as amizades e saídas às festas. “Ressalta-se que tanto a rigidez dos pais quanto a flexibilidade no trato com as filhas foram simultaneamente apontadas como causas da gravidez”.

Percebe-se que por um lado as relações familiares acabam por pautar-se nas ameaças, no pouco diálogo sobre a sexualidade dos filhos. Para alguns, negligenciar as orientações e ignorar os laços de confiança por meio de afetividade e abertura com os filhos pode ser algo difícil de administrar. Vale ressaltar que, em muitas dessas famílias, esse suporte familiar em relação a assuntos referentes à sexualidade é uma realidade muitas vezes não vivenciada por elas. Oferecer as filhas adolescentes o que não recebeu muitas vezes se torna uma responsabilidade não muito fácil de ser executada.

CAPÍTULO 2
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1-QUADRO TEORICO CONCEITUAL

Para compreender como de verdade a minha inquietação em relação à vivência da maternidade na adolescência se relaciona com a teoria, me sustentei em alguns conceitos e abordagens teóricas.

A perspectiva ecológica desenvolvida por (BRONFENBRENNER, 2010) contribui para o entendimento do problema do estudo. Como um mesmo evento pode ser vivido de diferentes formas, dentro de um mesmo contexto sócio cultural? Em parceria com a perspectiva da Psicologia do desenvolvimento (VALSINER, 2012) que valoriza a construção de significados, contribuindo para compreensão de como as jovens mães utilizam elementos próprios de sua cultura para o enfrentamento de eventos críticos, tornando capazes de significar suas experiências, buscando entender como estes se caracterizam, e as singularidades do movimento pessoal e dos significados construídos por essas mulheres para enfrentar eventos críticos–rupturas ao longo de sua transição para a maternidade. (ZITTOUN, 2010).

2.3-SIGNIFICADOS

A chegada de um filho é um evento carregado de significado na vida de uma mulher e pode ser encarada de inúmeras maneiras.

A maternidade na adolescência é vista por muitos olhares, e um desses olhares tem o foco da geração de um filho como sinal de decadência social e pessoal que culmina em consequências apenas negativas, já que este fenômeno traz consequências para sociedade devido a resposta que a maternidade ocasiona à vida da adolescente, como por exemplo: evasão escolar, desqualificação profissional, aumento da pobreza e posteriormente da geração de violência.

Por outro lado, há um ponto de vista que tem um olhar diferente em relação a este fenômeno. Este evento é observado a partir das exigências que essas meninas carregam. Algumas delas encontram na maternidade a possibilidade de ter essas exigências elementares correspondidas através da geração de um filho. A criança chega e muda trajetória antes traçada para vida de jovens mães., modifica principalmente a forma de enfrentar a vida.

Aspectos importantes da vida como: os relacionamentos, manter ou não o relacionamento com o pai da criança, permanecer ou não sob os cuidados familiares. As expectativas relacionadas ao futuro começam a adquirir novas

dimensões, principalmente em relação ao estudo e ao trabalho, pois é justamente no período da adolescência que se iniciam as etapas de um projeto para o futuro .

Porém, a forma como cada uma enfrenta cada dimensão mencionada acima, depende de alguns aspectos importantes, um exemplo: é a forma como este fenômeno é enfrentado pela família.

Valsiner (2012) defende que no contexto de vidas humanas uma proposição geral se coloca: a de que os seres humanos se desenvolvem por meio de uma alta variedade de trajetórias de curso de vida e são capazes de demonstrar notável flexibilidade , momento a momento , em seu relacionamento com seus ambientes.

Quando uma adolescente faz a experiência da maternidade, ela entra em contato com diferentes papéis: mãe, estudante, esposa, dona de casa, trabalhadora. E tem oportunidade de estabelecer repertórios distintos para cada papel que desenvolve.

Assim, Valsiner (2012) reforça que o papel dos signos (mediação semiótica/ significados) é central nesse processo, pois funcionam como guias para construção do futuro. Pois o uso de signos influencia diretamente na regulação de fenômenos importantes que ocorrem na trajetórias dos indivíduos, fazendo com que esses indivíduos transcendam qualquer contexto de atividade no aqui e agora lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos.

Ao se relacionar com a realidade o individuo se encontra dentro de um tempo, que o direciona para o futuro. Desejando alcançar a meta estabelecida esses indivíduos contam com o apoio de alguns signos abstratos para alcançar seus objetivos, esses são chamados por Valsiner, 2004; 2006b de signos promotores que são profundamente internalizados pelos indivíduos e funcionam como orientações pessoais baseadas em valores, carregados de significados.

Valsiner salienta que graças a capacidade que o individuo tem de transcender por meio de signos o aqui – e - agora ele é capaz de construir significados, além disso, ele diz: os signos estabelecem uma gama de fronteiras de significados possíveis para as experiências futuras no mundo.

Existe uma diversidade de signos que favorecem a construção de significados porém o signo promotor é um signo capaz de canalizar ações futuras, principalmente quando se torna internalizada sob a forma de sentimento.

2.4-PERSPECTIVA ECOLOGICA DO DESENVOLVIMENTO

Qualquer tipo de evento importante na trajetória de vida do indivíduo exige dele um posicionamento. Quando a gravidez ocorre no período da adolescência este evento acaba influenciando diretamente no desenvolvimento desta adolescente. Uma pesquisa orientada pelo modelo biotecnológico analisa não apenas os aspectos singulares e importantes que um evento provoca na trajetória de vida do indivíduo e no contexto que se encontra inserido .

(...) Esse modelo permite não somente enfatizar os resultados do desenvolvimento, mas também a efetividade dos processos que produzem esses resultados, além de revelar como os resultados do desenvolvimento e os processos variam como uma função conjunta das características da pessoa e do ambiente , o que permite identificar a associação de fatores que contribuem para o desenvolvimento. Nesse modelo são enfatizados os eventos ao longo do tempo do curso de vida e não somente as transições normativas e não somente normativas, aprofundando e ampliando a discussão sobre os paradigmas formais da pesquisa para o estudo do desenvolvimento humano. (DESSEN, 2005, p.82)

Segundo Bronfenbrenner (1979/1996) desenvolvimento humano é o processo por meio do qual a pessoa que se desenvolve adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustenta ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo.

Para estudar os fatores que influenciam no desenvolvimento do indivíduo, se torna necessário observar diversos fatores que são envolvidos neste processo de construção. Na concepção de Bronfenbrenner (1999), o desenvolvimento representa uma transformação que atinge a pessoa, que não é de caráter passageiro ou pertinente apenas à situação ou a de dado contexto. O contexto em que a pessoa se encontra inserida tem grande relevância para a forma como enfrenta os diversos aspectos da vida, pois é dentro deste contexto que se encontram expostos principalmente os fatores de riscos para o seu desenvolvimento.

Bronfenbrenner jamais acreditou que o contexto apenas determina o desenvolvimento; ele sempre utilizou a palavra “ecologia” ou “ecológico” para ressaltar a interdependência indivíduo/contexto a essência de sua teoria. (Moreira, 2008 p. 214)

O modelo ecológico é uma teoria fortemente ligada aos conceitos da teoria de Kurt Lewin, principalmente influenciada pelos conceitos de desenvolvimento e de

ambiente, além de Lewin esse modelo de Bronfenbrenner sofre influencia da teoria de Jean Piaget no que se refere ao processo de desenvolvimento humano. (DESSEN, 2005 p.73)

Bronfenbrenner (2010) afirma na sua abordagem teórica que a pessoa, o processo, o contexto, e o tempo tem contribuições importantes para o desenvolvimento da experiência pessoal e que esses elementos estão Inter-relacionados e de grande importância para a pesquisa, portanto devem ser valorados pelos pesquisadores. Esses quatro conceitos básicos foram denominados “modelo PPCT” do desenvolvimento (Moreira, 2008 p. 214). São considerados os elementos centrais da teoria biotecnológica.

A seguir serão apresentados os conceitos desses quatro elementos, que serão explorados nesse estudo.

A Pessoa, a forma como Bronfenbrenner olha e valoriza a pessoa, valorizando suas características, acaba por influenciar o desenvolvimento futuro, que inevitavelmente influencia o contexto.

(...) Essas novas formas reformulações da noção de pessoa , com suas características moldando seu desenvolvimento futuro , expandem e se integram á conceituação original de ambiente, o que implica olhar a pessoa sob a ótica de sistemas que se acomodam e se ajustam , de micro e macro sistemas (DESSEN,2005 p.82) .

Bronfenbrenner (1999) propõe três elementos que compõe características da pessoa, evidenciando como estas influenciam o curso do desenvolvimento dando-lhe consistência e forma , alterando a direção e o poder dos processos proximais durante o ciclo de vida . São eles: as disposições, os recursos, as demandas. O Processo (proximal) é definido, por Bronfenbrenner e Ceci (1988) como o próprio nome convida a entender como sendo os tipos de atividades do dia a dia em que as pessoas se engajam. Os autores enfatizam que conhecer a pessoa é o primeiro passo para entender o processo proximal, principalmente conhecer e entender analisar e identificar como a as características da pessoa influenciam e são influenciadas em suas interações. Deve-se ainda, verificar como o processo proximal varia no Inter jogo entre as funções e as características do ambiente no qual ele acontece, a vivência da pessoa naquele ambiente e a natureza dos seus efeitos no desenvolvimento. Outro dado identificado é que este esse processo proximal opera através do tempo. As mudanças ocorridas no tempo para Bronfenbrenner e Morris (1988):

(...) podem produzir mudanças significativas no desenvolvimento do indivíduo, em qualquer direção, isto é, tanto positivas como negativas. Por exemplo, ao interrompermos o momento e a duração de transição normativa durante o curso de vida haverá também uma interrupção da sequência das experiências de aprendizagem que são essenciais ao desenvolvimento humano à medida que o indivíduo vai envelhecendo. (DESSEN. 1995 p.83).

O tempo é um elemento que tem um papel importante em pesquisa envolve desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (1999) buscando compreender melhor os processos do desenvolvimento dos indivíduos pesquisados destaca três níveis de tempo: o micro, o meso e o macro. Já o contexto ecológico ou ambiente, é constituído por um conjunto de sistemas interdependentes, vistos, “topologicamente como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, em que uma está contida na seguinte”(Bronfenbrenner, 1986, p.18)

2.5-RUPTURAS

No contexto estudado, são muitos os elementos da vida dessas jovens mães em estudo que acabam sendo quebrados, com o surgimento da maternidade precoce. E dentre esses, elementos fundamentais a pessoa, que são constitutivos de qualquer pessoa como: os desejos elementares definidas por Giussani, 2012, como experiência elementar:

“Trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe. [...] A elas podem ser dados muitos nomes, através de diversas expressões, como: exigência de felicidade, exigência de verdade, exigência de justiça, etc. Seja como for, são como uma centelha que põe em ação o motor humano; antes delas não ocorre nenhum movimento, nenhuma dinâmica humana. Qualquer afirmação de uma pessoa, desde a mais banal e cotidiana até a mais ponderada e plena de consequências só pode ser feita tendo por base esse núcleo de evidências e exigências originais”. (MAHFOUD, 2012, pg.16)

Espinheira (2005) em seu artigo “*Violência e pobreza: janela quebradas e o mal estar da civilização*” comenta sobre a “Teoria de “*Broken Windows*” esta teoria trabalha com a ideia de que sinais pessoais e sociais de decadência , quando não corrigidos prosseguem e culminam em desastre abrindo portas para crimes sérios. (Miller,2001)

Mas o que precisa ser corrigido, reparado? Onde está o problema? No fato de engravidar na adolescência? Haja vista que este fenômeno é muito antigo em nossa sociedade.

Espinheira (2005) diz que no ponto de vista dos americanos todo o problema é visto pelo ângulo de uma possível solução ou redução dos efeitos perversos, porém ressalta que esse pragmatismo tem sua vantagem e desvantagens; entre a primeira, a forma decisiva como atuam em busca de solução do problema detectado, já entre as de segunda ordem, a pressa em estabelecer relações, ou correlações, que efetivamente não se processam como causa e efeito no mais das vezes, sem uma relação direta.

Essa teoria “Broken Windows” se torna adequada para o contexto em estudo onde o fenômeno da pobreza é uma constante. É uma realidade onde as janelas estão constantemente quebradas. Para que serve uma janela? Dependendo da finalidade, existe um conjunto de necessidades que as janelas devem atender para poder desempenhar adequadamente a sua finalidade. Dentre elas, podemos enumerar: visibilidade, dar claridade, renovar o ar ambiente.

O que foi rompido? As rupturas para Pontes (2013) podem ser vislumbradas como ocasiões para a construção de uma nova estabilidade relativa, através do uso de recursos disponíveis em seus contextos sociais, que darão suporte a esse processo de transformação. (p. 212).

Para Zittoun (2007) rupturas no fluxo da experiência exigem processos de reposicionamento e podem solicitar novas aquisições, entendimentos e redefinições pessoais, até que a jovem mãe possa encontrar um caminho através da incerteza em direção a uma nova regularidade.

Se por algum motivo essas janelas perderem essas funções que a elas são atribuídas é evidente que consequências podem acontecer por um não desempenho adequado das suas funções, como: a entrada da chuva, do vento forte, do barulho, insetos e até mesmo quedas de altura.

O mesmo acontece nas experiências das pessoas, expostas a situações de risco, ocasionado pelo contexto de pobreza que elas encontram-se inseridas. É por meio dessas janelas quebradas e que não são imediatamente consertadas que os diversos elementos que favorecem a ocorrência de sérios crimes são inseridos. As famílias acabam oferecendo aos filhos, sem mesmo se dar conta do risco. Um ambiente propicio a marginalidade. A necessidade faz com que isso ocorra.

Sem condições de financeiras adequadas e sem suporte familiar para cuidar dos filhos enquanto trabalham, as mães se veem praticamente obrigadas a deixar seus

filhos em casa sozinhos precocemente sem uma supervisão de uma pessoa adulta. Em alguns casos é a figura de um irmão adolescente que assumi essa responsabilidade.

Essas atitudes por parte da família acabam favorecendo que alguns fatos desagradáveis aconteçam como: a iniciação sexual precoce, abuso sexual por parte dos adultos, acidentes domésticos, uso de drogas, iniciação ao tráfico. Exposição dos filhos no ambiente onde há pessoas com diversos tipos de atitudes: usuário de drogas licita e ilícitas, convivendo na presença de uma tensão, onde a qualquer momento pode acontecer algo inesperado como: uma briga, assalto e possivelmente uma bala perdida.

A sociedade encara este fenômeno de forma equivocada muitas vezes. O problema não estar totalmente voltado para o fato da gravidez precoce, mas também voltado para forma como este fenômeno acontece. É preciso entender antes de tudo quem é essa adolescente, em que contexto familiar e social ela está inserida.

Um olhar abrangente diante deste contexto faz com que se tenha um suporte para avaliar de onde pode origina abertura para esses sérios crimes aconteçam e culmine em um desastre.

Essa teoria vem dos americanos que nasce de uma postura pragmática, praticam diante dos fatos, sem olhar a totalidade dos fatores em jogo, os fatores que estão inseridos no contexto.

Petrini (2012) assegura que esse ponto de referência poderá ser ativado num diálogo aberto e permanente entre os membros da comunidade científica e da sociedade em geral. Oferecendo uma base objetiva para a realização do “processo de argumentação sensível à verdade” recomendado por Habermas.

CAPÍTULO 3

AS DIFERENTES TRAJETÓRIAS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Como se caracterizam as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência? Que estratégias utilizam no enfrentamento de eventos críticos ao longo das transições-rupturas por que passam?

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 GERAL

O objetivo geral desse estudo é caracterizar as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência, identificando as estratégias de enfrentamento e das quais elas lançam mão para lidar com eventos críticos que ocorrem ao longo as transições-rupturas por que passam.

3.1.2 ESPECÍFICOS:

(a) Caracterizar os signos, significados e práticas que emergiram ao longo das trajetórias descritas nas narrativas das participantes, ligados à condição de ser mãe.

(b) Identificar novas posições de Eu nos campos do trabalho, estudo, criação do filho, conjugalidade e família de origem, ligados à condição de ser mãe.

(c) Analisar, nas narrativas das participantes, de que modo e com que resultados elas definiram perspectivas para o próprio futuro, ao longo de suas trajetórias, destacando os eventos críticos, rupturas e estratégias de enfrentamento utilizadas pelas participantes.

3.2 A METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de múltiplos casos, voltado para analisar, através de narrativas, trajetórias de vida de jovens mães que tiveram filhos na adolescência. Essa abordagem mostrou-se adequada aos objetivos do estudo, na medida em que permitiu explorar as significações e recursos de que as jovens lançaram mão para enfrentar as dificuldades ao longo dessas trajetórias.

As participantes são jovens que fizeram parte de um projeto desenvolvido para adolescentes mães, dez anos antes no bairro do Nordeste de Amaralina em Salvador- BA. A pesquisadora atuou como coordenadora no referido projeto, retornando no momento atual para entrevistá-las.

3.2.1 Contexto

No Areial, localidade escolhida para o desenvolvimento do estudo, a maternidade na adolescência é um evento muito comum. Parte da população é constituída de pessoas muito jovens, com baixo ou quase nenhum poder aquisitivo, vivendo do trabalho informal. Os pais que estão empregados são trabalhadores assalariados, biscateiros, diaristas, empregados domésticos e trabalhadores do mercado informal. Muitos jovens, adolescentes e algumas crianças também contribuem para a renda familiar como vendedores ambulantes, carregadores de compras, faxineiros, balconistas, principalmente guardadores de carros, catadores de materiais recicláveis, dentre outros. Outros vivem no ócio pelas ruas, em portas de bares, de casas de jogo. Nessas condições, jovens e adultos têm grande dificuldade de inserção no mercado do trabalho, entre outras razões, pelo baixo nível de escolaridade. São quase sempre egressas de escolas públicas que oferecem ensino sem a qualidade esperada pelas famílias.

Segundo Campos et al.(2003) estes bairros que possuem os índices de vulnerabilidade social elevados , apresentando um cenário de pobreza , baixa escolaridade e exacerbados índices de desemprego, de violência, de uso de drogas e de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Estes itens, associados ou não, podem contribuir para a gravidez na adolescência

Essas jovens mães que reencontrei após dez anos do primeiro contato são jovens que engravidaram com idade entre 13 aos 18 anos. Embora todas estivessem estudando no período em que engravidaram apenas duas delas permaneceram estudando e concluíram o ensino médio, estando no momento cursando uma universidade.

Dentre as famílias estudadas em sua maior parte família é constituída apenas pela figura materna; apenas em dois casos a figura paterna era presente. Geralmente essa mulher é a única provedora do sustento familiar e vive com uma

quantidade inadequada de dinheiro para o sustento familiar. Parte dessas mulheres desenvolve atividades domésticas em residências familiares e para complementar o dinheiro exercem atividade de reciclagem durante a madrugada..

As famílias de origem dessas jovens estudadas são geralmente extensas, com um número específico de filhos, cada família com filhos que variavam entre dois a oito filhos, sem contar a existência de agregados como: primos, tios, filhos de criação. É muito comum a presença de agregados no ambiente familiar nesta população. Considera-se aqui família aquela constituída por parentes próximos de primeiro grau como mãe, pai, irmãos, avós, primos, tios, sobrinhos que convivem muitas vezes em uma mesma casa e participam um da vida do outro de forma presente e interativa, independente dos problemas ou conflitos que possam existir.

A estrutura da casa onde essas jovens vivem geralmente é muito simples, com pequenos cômodos e com uma quantidade elevada de habitantes, fato que acaba favorecendo uma organização inadequada, resultando em um ambiente sem um mínimo de privacidade.

Para preencher o tempo livre essas jovens costumavam ficar conversando na porta de casa sobre diversos assuntos como: novela, o que tinha ocorrido na noite anterior, sobre os meninos da comunidade; algumas frequentavam alguns cursos oferecidos por associações, igrejas presente no bairro. Faziam cursos em atividades principalmente que pudessem gerar algum retorno financeiro, que proporcionasse conhecimento e habilidade para ajudar no sustento familiar, como cursos de: cabeleireiro, manicure, depiladora, massagista, dentre outros. Era muito comum escutar algumas delas dizer que só iriam fazer a inscrição no curso oferecido se fossem ganhar algum dinheiro. Era essa a expressão utilizada: "*Nunca na galáxia!*" (uma possibilidade que jamais será alcançada por elas, já que havia a possibilidade de um ganho financeiro se permanecesse estudando, então concluir seria a ultima possibilidade

Essas meninas tiveram acesso ao universo da sexualidade precocemente isso se deve, entre diversos motivos, à falta de privacidade e cuidado que os adultos tinham ao se tratar deste assunto. Essas famílias compartilham entre eles espaços pequenos. Nesses ambientes as conversas entre os adultos fluem de forma natural e por vezes tais diálogos tratam de questões sexuais sem nenhum tipo de cuidado com o como será passado.

Alguns dos irmãos das participantes do estudo eram envolvidos com tráfico e com as drogas. O sofrimento era muito presente entre essas famílias, e algumas delas perderam filhos ou irmãos mortos de forma violenta. Apesar do acesso fácil a drogas ilícitas não era frequente entre elas o uso dessa drogas.

O cenário é marcado por muita pobreza e por violência de diversos tipos – muitas vezes na tentativa de sobreviver. Pois a violência é tremenda, o uso de drogas é oferecido como uma fuga da realidade na qual todos os dias um parente, um amigo, um vizinho é vítima -, muitas vezes, a pessoa que foi morta nem mesmo era envolvido no mundo do tráfico e drogas.

A vida é banalizada e a morte é uma constante aos olhos desses moradores ; por motivos banais a vida é retirada de um inocente. As pessoas partilham um sentimento de impotência, como se a única coisa que resta fosse aceitar a banalização da violência e do homicídio - aceitar calada, pois se reclamar, chorar ou mesmo mencionar o ocorrido, situações piores podem acontecer, a violência pode se estender para os outros familiares e amigos. Alcântara e Bastos, (2003) em estudo realizado no Vale das Pedrinhas em 1992 afirmam que condições de violência são constantes em relatos dos sujeitos estudados e os mesmos possuem condições diferenciadas de proteção, o que chama atenção para os “mecanismos de risco e proteção”.

Para muitos se coloca como necessário fugir, fugir do lugar de origem, o lugar, onde tudo foi conquistado com tanto sacrifício: casa, móveis, plantas, animais, amigos, vizinhos, trabalho e familiares. É o fenômeno do desterro, descrito por Ferreira Santos (2010).

O desterro está presente na periferia de Salvador e se define pelo fato que os jovens e demais moradores são obrigados a deixar seus espaços de trânsito após incidência da violência (SANTOS, 2010, pg. 243).

Uma privação da vida, uma vida que foi tirada muitas vezes por motivos bobos e banais. Por causa de um pedaço de acarajé, por causa de uma paquera recusada, por causa de olhar não adequado, por causa de um comentário que não deveria ter sido feito, vidas são findadas banalmente.

As mulheres, (as mães e as esposas) são as que mais sofrem, porque sabem que a morte é certa para os filhos e companheiros. Muitos são os casos em que elas imploram o perdão dos companheiros ou dos filhos. Muitas se humilham pedindo

para que os chefes do tráfico não ofereçam drogas ou que não matem seus filhos - pedidos sinceros que são por muitas vezes ignorados.

A maternidade na adolescência é um evento recorrente nessa região, e nesta localidade é perceptível que para certas pessoas é encarado como um evento normativo e por muitos é considerado um fato já esperado por parte das adolescentes. Outra tendência observada é que este evento é por muitas vezes utilizado como ferramenta para fugir da própria realidade. Em diversos casos foram relatadas situações de risco, de violência na família de origem, e às vezes engravidar era, para algumas das entrevistadas, uma oportunidade de fugir daquilo que fazia tão mal a elas.

O contexto consistiu no Centro de Apoio a Adolescentes Grávidas – CAAG. A minha inserção nesse contexto ocorreu em 2005. Desde essa época até meados de 2010, eram realizadas oficinas semanais sobre assuntos relacionados à maternidade, sexualidade, mundo do trabalho dentre outros de acordo com a necessidade que demandavam durante os encontros com as adolescentes que participavam do projeto.

Essas atividades, cujo objetivo principal era oferecer aquelas adolescentes mães um lugar onde pudessem de alguma forma obter informações adequadas quanto ao fato da maternidade, conhecer o que de fato estava acontecendo com ela e como aprender a conviver com aquela nova situação, tentando de alguma maneira diminuir os efeitos negativos que uma gravidez precoce pudesse ocasionar a uma adolescente.

Configuravam-se em grupos fechados, formados através da seleção de adolescentes que estavam grávidas ou que já tinham filhos, moradoras daquela região do Nordeste de Amaralina e adjacências, as oficinas eram voltadas para o compartilhar das experiências, o esclarecimento de dúvidas e a transmissão de informações relacionadas à saúde da criança e do adolescente, além de oferecer atividades que favorecem que as mesmas adquirisse uma atividade para que a partir dali pudessem contribuir para o sustento do filho .

3.2.2 A Entrada no Campo

A presente análise se centra nas entrevistas que realizei no momento atual, dez anos após um primeiro contato com as jovens no contexto de projeto social voltado para atender adolescentes grávidas, no qual participei na condição de coordenadora. As narrativas, além de minhas próprias anotações de campo, evocam acontecimentos daquele primeiro momento, e assim se incorporam à análise.

A minha inserção neste segundo momento aconteceu de forma bem especial. Através do contato com duas dessas jovens mães, Ana e Elsa que continuavam integrando minha própria rede social, fui reencontrando as outras jovens, cada uma de forma individual fui desenvolvendo a entrevista narrativa.

Aqui, como já mencionado na Introdução, o contexto investigado foi à própria vida das jovens que tiveram filhos no período da adolescência, sendo analisadas suas narrativas acerca de como se desenvolveram suas trajetórias de vida, suas diversas formas de enfrentamento em seus diversos contextos familiares, os recursos de que lançaram mão.

A inserção nesse contexto ocorreu no início de 2015, para os primeiros contatos, sendo as entrevistas realizadas mais recentemente. O meio privilegiado de acesso às participantes ocorreu, portanto, através do contato pessoal que havia estabelecido com algumas das jovens que fizeram parte do projeto de apoio as adolescentes mães no bairro do Areal no Nordeste de Amaralina. Esse segundo contato com essas jovens mães após dez anos possuía enquanto objetivo principal caracterizar cada jovem na sua forma particular, ao descrever como este evento ocorreu, iniciando-se desde o momento em que conheceu o pai da criança até o momento atual, levando em conta principalmente as estratégias que escolheram para enfrentar os diferentes eventos que foram ocorrendo ao longo desses dez anos.

3.2.3 Participantes

Participam do estudo seis mulheres de diferentes contextos familiares, a saber: mães que tiveram filhos na adolescência e permanecem com o pai da

criança; mães que ficaram viúvas, mães que permaneceram solteiras (dependentes dos pais); e mães que vivem (independentes dos pais).

3.2.4 Aspectos Éticos

De acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto foi devidamente submetido para análise do comitê de Ética da Universidade Católica do Salvador - UCSAL. Após aprovado foi entregue às participantes da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo). O documento foi lido e assinado por elas, levando-se em conta as informações básicas sobre o teor do estudo, isto é, procedimentos básicos, objetivos, justificativa, eventuais riscos e benefícios. Todas as pesquisadas foram esclarecidas que eram livres para desistir do processo investigativo, além de terem assegurada a privacidade e os dados confidenciais presentes na pesquisa. Após o consentimento, com documento assinado e em duas vias, teve início a coleta de dados.

3.2.5 Riscos e Benefícios

Abordar assuntos relacionados à vida, principalmente retomando ao passado, situações abordando questões críticas como é o caso da maternidade na adolescência poderá levar a participante a levantar questionamentos que podem afetar a carga emocional afetiva por envolver questões significativas, podendo gerar algum sentimento que não esperavam. Caso essas participantes necessitem de um acompanhamento psicológico, após a entrevista, garantimos a possibilidade de a mesma ser encaminhada para um acompanhamento profissional adequado.

Para as participantes o estudo poderá trazer alguns benefícios, pois trazer a tona estes eventos importantes na vida, poderá levar a participante a elaborar um novo significado em relação a esse evento, sendo um momento importante para a vida delas.

3.2.6 Estratégia de coleta de dados

A metodologia escolhida foi à qualitativa, utilizando a observação participante e no estudo de casos, sendo utilizados diversos recursos como: entrevistas narrativas, observações, anotações pessoais da pesquisadora, como recurso para favorecer o objetivo da pesquisa.

Entende-se técnica de observação como importante instrumento do pesquisador que permite o alcance de propósitos científicos por meio da descrição intertextual que fundamenta a pesquisa. A entrevista é usada em seguida para sistematizar com profundidade as características específicas de cada sujeito entrevistado.

A abordagem qualitativa usada neste estudo corresponde ao procedimento metodológico para tratamento dos dados coletados, por meio desta tentou-se explicar as características do resultado das informações obtidas através das entrevistas. Foi ainda possível apresentar as respostas das entrevistadas, oferecendo contribuições pertinentes para o alcance do objetivo proposto nesta pesquisa. Neste sentido, “as abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas, [...] oferecer contribuições no processo de mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos [...]” (OLIVEIRA, 1999, p. 117).

3.2.7 Considerações sobre as narrativas

A entrevista narrativa registra assim as falas das mães pesquisadas, por ser também instrumento favorável ao que propõe Brunner (2002) que é a pergunta estímulo ao entrevistado sobre determinado ocorrido e também importante da vida pessoal. Para a análise das respectivas entrevistas segue a composição do self, o qual de acordo com mesmo autor atende às necessidades da pesquisa por auxiliar na singularidade do processo de construção de significados sociais e pessoais.

A abordagem narrativa traz contribuições relevantes ao reconhecer a importância da voz e do diálogo para o entendimento da mente humana. As conversas em família garantem a transmissão de tradições, valores, experiências acumuladas, padrões, mitos e rituais próprios da cultura familiar, nas quais ecoam também as vozes canônicas das narrativas sociais que oferecem e configuram os scripts que estruturam as narrativas familiares. As gerações anteriores, mais antigas, reúnem mensagens de uma determinada forma, singular, visando a canalizar o desenvolvimento dos mais jovens, pertencentes às gerações mais novas. Os mais jovens, por

sua vez, analisam ativamente as mensagens culturais recebidas e as reorganizam de modo pessoalmente novo. Desta forma, a cultura é transmitida através das gerações, mediante um processo dialético entre estabilidade e transformação, entre continuidade e mudança. (BRUNER, 2002, p. 75).

3.2.8 Procedimentos para análise de dados

Foi estruturada em dois momentos: o primeiro momento é a descrição dos casos e dos contextos familiares; e o segundo momento é o momento de análise das trajetórias, considerando os casos revelados neste estudo. Por fim, a análise das estratégias utilizadas para o enfrentamento dessa realidade.

As entrevistas foram ouvidas em áudio para a percepção dos momentos de maior relevância nas narrativas. Após a transcrição das entrevistas, foram levantadas categorias relacionadas ao conteúdo abordado.

Para cada caso escolhido busco analisar as seguintes categorias: Circunstância da gravidez; reação do companheiro e família, contexto familiar após nascimento do filho, alterações em relação ao estudo e trabalho, eventos críticos (viuvez, perda do apoio familiar), perspectiva do futuro. Em um segundo momento da análise, o foco é a dinâmica presente no enfrentamento e de eventos críticos vivenciados pelas participantes.

CAPITULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO
Casadas, Solteiras, Viúvas: As mães e suas trajetórias.

Neste capítulo, após a caracterização das participantes em termos sócio demográficos, quando do contato inicial e no momento do presente estudo, são apresentados os casos, discutindo-se aspectos comuns a todas as trajetórias, de acordo com as categorias apresentadas a serem analisadas, observando-se cada participante em sua singularidade.

4.1 Características Sócio demográfica - 1º momento

As seis participantes do estudo possuíam idade que variavam entre 15 a 18 anos, no primeiro momento da entrevista; Com relação a situação marital duas eram solteiras, duas casadas e a outras eram viúvas. Em relação à escolaridade duas estudavam e uma havia abandonado os estudos logo após a gestação. Todas residentes na cidade de Salvador. Quanto á ocupação, apenas uma trabalhava registrada como doméstica, uma era estudante e a outra exercia atividades informais, como manicure, vendedora. Todas de classe popular, negras, sem renda familiar adequada para a necessidade que a vida exigia. (ver quadro)

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|-----------------|--------------|---------------------|-------------------------|------------------|--------------|
| Rapunzel | 18 anos | Casada | Ensino médio em curso | Manicure | Negra |
| Aurora | 18 anos | Viúva | Ensino médio incompleto | Doméstica | Negra |

Quadro 1 - Viúvas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas (1º momento)

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|------------------|--------------|---------------------|--------------------------|------------------|--------------|
| Cinderela | 17 anos | Solteira | Ensino superior em curso | Estudante | Negra |
| Alice | 15 anos | Solteira | Fundamental em curso | Estudante | Negra |

Quadro 2 - Solteiras - Perfil sociodemográfico das entrevistadas (1º momento)

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|---------------|--------------|---------------------|------------------------|------------------|--------------|
| Bela | 18 anos | Casada | Ensino médio em curso | Vendedora | Negra |
| Jasmim | 15 anos | Casada | Fundamental Incompleto | Vendedora | Negra |

Quadro 3 - Casadas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas (1º momento)

4.2 Perfil sócio demográfico das entrevistadas - 2º momento.

Após dez anos do primeiro momento do encontro com essas jovens mães, alguns fatores passaram por modificações, com relação à situação marital as duas jovens tornaram-se viúvas por motivos de violência urbana, duas permaneceram solteiras (sendo que uma iniciou um novo relacionamento). Quanto à situação escolar apenas uma conclui o ensino médio e ingressou na universidade as outras duas não concluíram o ensino médio. Com relação à ocupação não aconteceu nenhuma mudança.

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|-----------------|--------------|---------------------------|---------------------|-----------------------|--------------|
| Rapunzel | 28 anos | Viúva/novo relacionamento | 3º em curso | Manicure / depiladora | Negra |
| Aurora | 28 anos | Solteira | 2º incompleto | Doméstica | Negra |

Quadro 4 - Viúvas - Perfil sociodemográfico das entrevistadas solteiras (2º momento)

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|---------------|--------------|---------------------|---------------------|------------------|--------------|
| Bela | 28 anos | Casada | 2º grau incompleto | Vendedora | Negra |
| Jasmim | 25 anos | Casada | 1º grau incompleto | Vendedora | Negra |

Quadro 5 – Solteiras- Perfil sociodemográfico das entrevistadas (2º momento)

| Nome | Idade | Estado civil | Escolaridade | Profissão | Etnia |
|------------------|--------------|---------------------|---------------------|----------------------|--------------|
| Alice | 27 anos | Casada | 3º grau em curso | Auxiliar de dentista | Negra |
| Cinderela | 25 anos | Solteira | 3º grau incompleto | Não trabalha | Negra |

Quadro 6 – Casadas- Perfil sociodemográfico das entrevistadas solteiras (2º momento)

4.3 Números de gestações

A história reprodutiva das mulheres em estudo caracterizou-se por um número de gestações que variou de um a seis filhos, incluindo a gravidez atual, com nenhum relato de aborto. No primeiro momento de encontro com as adolescentes, apenas uma das mulheres ainda não tinha filho, mas participava do projeto em uma turma que visava a prevenção da gravidez. No segundo momento do estudo, apenas uma permaneceu com um filho as outras tiveram entre dois e quatro filhos.

1º Momento

Viúvas

| | Nº de Filhos | Idade |
|-----------------|---------------------|--------------|
| Aurora | 1 | Dois anos |
| Rapunzel | 2 | Quatro anos |

Quadro 7 - viúvas - N° de filhos - 1º momento

2º momento

| | Nºde Filhos | Idade |
|-----------------|--------------------|-------------------------------------|
| Aurora | 1 | 1 filho-12 anos |
| Rapunzel | 2 | 1 filha -14 anos 1 filho -2 anos |

Quadro 8 - viúvas N° de filhos - 2º momento

Casadas

1º momento

| | Nº de Filhos | Idade |
|---------------|---------------------|--------------|
| Bella | 01 | Dois anos |
| Jasmim | 01 | Dois anos |

Quadro 9 – Nº de filhos das entrevistadas casadas-1º momento

2º momento

| | Nº de Filhos | Idade |
|---------------|---------------------|---|
| Bella | 03 | Doze anos Seis anos Dois anos. |
| Jasmim | 04 | Doze anos, Oito anos Cinco anos Quatro anos. |

Quadro 10 - Nº de filhos das entrevistadas casadas 2º momento

Solteiras

1º momento

| | Nº de Filhos | Idade |
|------------------|---------------------|--------------|
| Alice | 01 | Dois anos |
| Cinderela | 00 | 00 |

Quadro 11 - N º de filhos das entrevistadas solteiras 1º momento

2º momento

| | Nº de Filhos | Idade |
|------------------|---------------------|---|
| Alice | 01 | Doze anos |
| Cinderela | 04 | 01 filha - sete anos 02 filhas - cinco anos gemelar 01 filha - dois anos Grávida de gêmeos- no momento da entrevista |

Quadro 12 – N º de filhos das entrevistadas solteiras 2º momento

Capítulo 5

**“NO NOSSO LIVRO, A NOSSA HISTÓRIA É FAZ DE CONTA
OU FAZ ACONTECER”. (O Teatro Mágico)**

Sabe-se que, no mundo inteiro, as meninas crescem ouvindo histórias de princesas idealizadas pelos irmãos Grimm e popularizadas pelos estúdios Disney. Na realidade das favelas, estas histórias do mundo da imaginação servem para embalar os sonhos de uma vida melhor e ganham adaptações de contornos muito particulares para as adolescentes daquele lugar. Para cada jovem em estudo, foi selecionado o nome de uma princesa ou personagem das histórias infantis, fazendo uma analogia entre os desejos que essas jovens têm em relação ao futuro ou ao seu modo de enfrentar os problemas e, características das princesas. Por essa ocasião, foram escolhidos os nomes das princesas para serem usados como pseudônimos dos casos que compõem este trabalho.

Nesta semiosfera, as princesas carregam atributos que representam desejos e aspirações de identificação muitas vezes incorporadas nas narrativas das participantes. Desde cedo, as meninas são expostas aos contos de fadas e aos filmes que lhes transmitem imagens idealizadas do feminino e da realidade. Por exemplo: as princesas desejam ter um reino no qual possam ser o centro das atenções, pois desejam se sentir amadas, cuidadas, respeitadas, especiais e, em geral, a sonhada ascensão social se dá através do relacionamento amoroso. Um príncipe é necessário para que esta menina se torne “senhora de sua vida”. A princesa é vista por muitas adolescentes como o ideal de felicidade. Como para qualquer adolescente e, de modo mais amplo, e, como para qualquer pessoa, é central nas narrativas das participantes o desejo de amor, justiça e felicidade. A opção feita foi por adotar como pseudônimos, personagens bem conhecidas dos contos de fadas (Rapunzel, Aurora, Alice, Cinderela, Bela e Jasmim) que ajudam a compor aqui o simbolismo dos anseios.

No contexto deste estudo, experienciar os sonhos que cada princesa representa adquire uma concretude particular. Aqui, o príncipe está relacionado ao chefe do tráfico, ou qualquer outro que tenha algum tipo de privilégio ou poder.

Ser mãe adolescente é uma experiência diversificada. Foram encontrados diferentes tipos e circunstâncias ligadas à maternidade e várias perguntas surgiram: como entender as diferenças individuais dentro de um contexto em um cenário de vida com tantas similaridades?

Que estratégias de enfrentamento elas utilizam frente a dificuldades e para conseguir realizar suas expectativas em relação ao futuro?

Dentre as mães escolhidas para desenvolver a pesquisa foram selecionados alguns casos conforme as circunstâncias da maternidade: (1) mães adolescentes que tiveram filhos e permaneceram casadas com o pai da criança; (2) mães que permaneceram solteiras, dependentes ou independentes dos pais e (3) mães que perderam seus companheiros de forma violenta. Esses casos selecionados trazem pontos característicos importantes no que se refere ao objetivo da pesquisa, isto é, caracterizar, identificar e analisar as trajetórias de mulheres que foram mães quando adolescentes. No entanto, o que mais foi levado em conta foram os fatores que diferenciavam um caso do outro. O interesse por compreender as diferenças entre as trajetórias individuais se origina da própria experiência da autora, que viveu sua adolescência no mesmo contexto. Sua trajetória de desenvolvimento poderia ter sido similar aos casos aqui estudados; principalmente quando se alude aos casos das viúvas. No entanto, foi seguida uma trajetória diferente.

Na análise, foram também observados aspectos importantes tais como: reação da família e do companheiro quanto à gravidez, as alterações no que diz respeito ao estudo e trabalho e perspectiva futuro, após a gravidez e nascimento do filho.

5.1. Momento atual das entrevistadas

5.1.1. Aurora

Hoje Aurora permanece trabalhando na mesma função que desenvolvia quando engravidou pela primeira vez: doméstica. Apenas deixou de ser mensalista para ser diarista, considera que desta forma consegue oferecer uma assistência adequada ao filho, podendo acompanhá-lo as atividades esportivas e escolares que desenvolve.

Em relação à criação do filho, Aurora diz que oferece aquilo que a mãe deu a ela, uma boa educação baseada em valores. Aurora não desejou um novo companheiro, portanto também não engravidou outras vezes, diz que na região onde mora, poucos são os rapazes que não são envolvidos com drogas ou com o tráfico e não desejava mais sofrer pelo mesmo motivo. Afirma que conhece o final dessa história.

O desejo de Aurora é ter uma casa em outro bairro onde o índice de violência não seja elevado, mas, tem uma preocupação, não deseja se distanciar da família de origem. Pretende oferecer ao filho o melhor, porém, não consegue dar os passos necessários para isso, por falta de condições financeiras para sustentar a casa, apenas reciclando e fazendo faxina. Os seus irmãos contribuem com os custos da casa, mas a maior responsabilidade fica com ela. Mesmo com o passar dos anos o desejo de concluir os estudos não foi alcançado.

5.1.2. Rapunzel

Atualmente Rapunzel mora em uma pequena casa construída no andar de cima da casa da mãe, ao lado de umas das irmãs. Hoje, além de uma filha adolescente ela tem um filho de dois anos, do novo companheiro, este não envolvido com drogas, retornou a trabalhar em um novo salão de beleza em um bairro nobre de Salvador, além de manicure agora ela desenvolve a profissão de depiladora.

Rapunzel concluiu o ensino médio e depois de alguns anos foi tentar ingressar na universidade para cursar psicologia, mas acabou desistindo por causa de diversas dificuldades encontradas como: a morte do companheiro e o nascimento do segundo filho.

Mesmo diante da morte violenta do companheiro Rapunzel não desanimou, permaneceu com o desejo de concluir o ensino médio e oferecer a filha um futuro diferente como desejava aos quinze anos, ter sua casa própria e um novo companheiro sem envolvimento com drogas.

5.1.3. Bela

Hoje com vinte e nove anos, Bela é evangélica, casada e permanece com o companheiro de trinta e cinco anos, pai dos seus filhos, que trabalha como gari de maneira estável. Engravidou mais duas vezes, hoje tem três filhos: Gustavo de doze anos, Ícaro de seis anos e Esmeralda de dois anos.

Ela se diz muito satisfeita com a vida que leva. Mora em uma casa cedida pelo tio, enquanto isso, ela e o companheiro providenciam o término da construção de sua casa que tem quase dez anos em andamento. Continua contribuindo de

maneira concreta com o sustento familiar através de diversas atividades que realiza como vendedora, além do trabalho formal que desenvolve como confeitadeira de bolo em uma padaria.

Para o futuro ela pretende concluir o ensino médio que havia abandonado ingressar na universidade no curso de direito e montar o próprio negócio junto com o marido.

O caso Bela, mostra que de fato é possível construir uma família, da maneira que ela almejava , mesmo quando a realidade dura tenta mostrar o oposto , que os desejos que a pessoa carrega de ser feliz não podem ser concretizados.

Bela apaixonou-se por um rapaz considerado por todos não adequado, e lançou-se na aventura de descobrir o que havia de positivo nesse relacionamento. Hoje, dez anos depois, Bela e João permanecem juntos, superaram todas as dificuldades na construção de um futuro digno para a família, consideram cada filho um presente de Deus.

5.1.4. Jasmim

Jasmim hoje tem vinte cinco anos, não tem trabalho formal, continua exercendo a mesma atividade informal, através da comercialização de alguns bilhetes da rifa e assim contribui no sustento familiar.

Permanece no mesmo relacionamento, com o pai dos filhos: casada, apesar de não possuir um casamento civil. Engravidou outras vezes e hoje tem quatro filhos: Eric 12 anos, Gabriel oito anos, Janaína cinco anos e Maria de quatro anos. Tem histórico de um aborto provocado.

Não concluiu o ensino médio, apesar da tentativa. Com a ajuda dos familiares conseguiu conquistar o sonho de ter uma casa própria onde mora com sua família.

5.1.5. Cinderela

Cinderela tem vinte cinco anos apresenta uma vida totalmente diferente do que traçou, do que esperava. Permanece morando com mãe, na mesma casa que morava antes, simples e pequena de apenas um quarto, com ela mora a mãe, suas três filhas, dois irmãos e uma sobrinha.

Depois da primeira filha, (sete anos) que mora com avó paterna, ela engravidou mais duas vezes teve uma filha (cinco anos) e depois mais duas gêmeas (dois anos) e no momento encontra-se grávida de seis meses, novamente de gêmeos, o pai das crianças é um homem de trinta e cinco anos, também envolvido no mundo do tráfico.

Permanece solteira, pois os pais não assumiram a responsabilidade, as filhas são todas de pais diferentes, todos os companheiros envolvidos com drogas. Em relação aos estudos ela não conseguiu retomar, pois apesar de manifestar o desejo de concretizar o ensino médio, não consegue dar passos concretos para que esses desejos se realizem, apesar do apoio familiar. A mãe continua sendo a única responsável pelo sustento familiar. Cinderela apesar do desejo de contribuir com o sustento familiar, se diz impossibilitada de trabalhar, pois precisa prestar cuidados as filhas pequenas.

Diante dessas circunstâncias Cinderela não perde aquele sorriso no rosto. Permanece sempre sorridente e com os mesmos objetivos: ter uma casa própria,

5.1.6. Alice

Hoje, Alice tem vinte oito anos, encontra-se solteira, após ter finalizado um relacionamento duradouro (dez anos) com um rapaz que decidiu inserir-se no mundo do tráfico de drogas. Com apenas um filho, de onze anos, mora em casa própria que foi cedida pelos avôs, em outra região do mesmo bairro, trabalha como auxiliar de dentista em um consultório odontológico é universitária, estudante de biomedicina. Alice permanece confiante em relação ao futuro e deposita esse otimismo na certeza de um futuro bom para ela e para o filho.

CAPÍTULO 6

**“NEM TODA PALAVRA É, AQUILO QUE O DICIONÁRIO
DIZ”...**

(O Teatro Mágico)

Após apresentadas a trajetória das mães no contexto atual, dez anos após o primeiro encontro. Apresento agora os seis casos escolhidos de forma que se possa entender a trajetória de cada caso de forma particular, nessa secção será apresentada como se encontram no que diz respeito à situação conjugal em relação ao pai da criança: Casadas, Solteiras e Viúvas.

Apresento primeiro dois casos onde essas, apesar das inúmeras dificuldades encontradas na trajetória permaneceram até os dias atuais com o pai da criança, constituíram família, mesmo contra as expectativas da família e amigos. Observem com essas duas trajetórias foram traçadas.

6.1“Felizes para sempre!” - As casadas (Bela e Jasmim).

6.1.1- O caso Bela

“Nem toda palavra é, aquilo que o dicionário diz,
Tem sorriso que parece choro...
Tem choro que é pura alegria...
Tem dia que parece noite...
e tristeza que parece alegria”

(O Teatro Mágico)

O caso “Bela” ganhou este nome porque, tal qual a personagem da “Bela e a Fera”, esta menina enxergou em seu bruto amado, características boas que ninguém mais via. Quando a encontrei pela primeira vez, ela tinha apenas um filho de dois anos, morava com o pai da criança, tinha abandonado os estudos por causa da gravidez. Para ajudar no sustento da família, ela e o companheiro faziam coleta de lixo para encaminhar para uma cooperativa de reciclagem que existia no bairro. Ela engravidou aos 16 anos do pai do filho, foi sua primeira gravidez, ela diz que nunca fez aborto. Fazia uso de preservativo de forma irregular e, como muitas adolescentes, achava que este episódio nunca iria acontecer com ela.

Bela, diferentemente das outras meninas, foi morar com o pai da criança antes mesmo de engravidar. E assim ela relata a surpresa da gravidez:

“Quando a gente quer, demora de acontecer, e quando a gente não quer, acontece rápido [...] Ah, eu fiquei com medo, fiquei desesperada Mas, a gente, por mais que não tá usando nada, a gente não espera uma gravidez [...]Depois de dois meses, eu vi meu selho (seio) inchar, a menstruação não desceu, fui fazer exame, chegou lá deu que eu estava grávida com dois meses”.

O companheiro dela ao saber que ela estava grávida, a apoiou do início ao fim da gestação.

“Sempre tive o apoio dele. Ele dizia ‘se vier, a gente assume!’, aí foi o que me deu mais força né! É que no começo eu ficava chorando, preocupada, com “16 ano” e já estava grávida de um menino, de uma criança, uma criança grávida de outra criança, como é que ia ser?”

O maior desejo que carregava, é que depois do filho, ele pudesse mudar deixar as drogas e não mais ser violento, porém...

“Mesmo com a minha gravidez ele não parou de se envolver com as drogas e usar armas”. Ele não parou logo não, parou logo nada! Demorou bastante, permaneci com ele assim mesmo. Gostava dele, como até hoje gosto, né!?”

Bela tinha um relacionamento estável com o companheiro e relata que:

“Ele era envolvido com o tráfico *mermo!* (mesmo) É claro que eu não gostava! Eu sempre ficava falando com ele, que isso não era certo. Quando o conheci ele já era usuário e andava com os colegas dele. Mas acabei gostando dele. Não sei explicar bem..., *mas no fundo sabia que por trás daquele homem que parecia ruim, tinha um cara bom, e quis pagar pra ver.* Sofri demais, mas hoje estou vendo um cara mudado!
“Eu passava pela rua e ele ficava me olhando, certo dia ele mandou um recado dizendo que queria falar comigo. Resolvi ir conversar com ele acabei gostando da conversa, e aí comecei a namorar com ele, mas sem compromisso, aí depois o compromisso ficou sério”.

Depois de três meses de namoro eles resolveram morar juntos na casa onde o companheiro morava sozinho, era uma casa muito simples sem muito conforto, mas muito limpa e organizada. Esta é a casa que eles derrubaram estão construindo outra. O companheiro de Bella já tinha duas filhas com outra mulher, um relacionamento anterior ao dela, porém não relatou nenhum problema de relacionamento entre ela e antiga companheira. “Decidi ir morar com ele por que ali eu tinha meu canto, só meu e dele. Eu colocaria minhas coisas e ninguém ia bulir ninguém ia pegar”.

Bela relata que onde ela morava, não tinha muita organização, a relação familiar não era muito harmoniosa e ela desejava ter um pouco de tranquilidade.

“Lá em casa éramos uns oito irmãos, uma roupa que eu colocava em um lugar, sempre vinha uma irmã vinha e vestia, comprava um perfume com tanto esforço vinha outro irmão e usava ,entendeu? E lá não, eu botava lá e era só meu ninguém mexia.”

“No início do relacionamento ele me dava tudo que eu precisava: roupa, sapato, essas coisas, tudo que precisasse, mas depois que saiu da padaria onde trabalhava como padeiro ele parou de me ajudar.”

“Ele trabalhava de padeiro, em uma padaria, na Pituba, aí depois se desempregou, teve corte na empresa ele acabou saindo”.

Ela relata que sua gravidez foi tranquila, mas durante o parto houve uma pequena complicação.

“A gravidez só foi complicada no final: a minha perna inchou muito, e na hora que ele nasceu fiz muita força, porque não tinha passagem pra sair, o sangue não tinha passagem pra sair, depois formou um coágulo, depois de eu ter tido ele, eu tive que fazer outra cirurgia de novo, pra tirar um monte de pedaços de sangue de dentro de mim. As médicas falaram que não teve passagem pra sair, mas o parto foi normal, a única coisa que teve no parto foi que o meu bebê era muito grande, nasceu com 53 cm e na hora que puxaram ele, o bracinho deslocou.”

“Ah, quando vi, fiquei feliz, mas depois fiquei com uma cólica. Não sabia amamentar, ele chorava, chorava, e eu com cólica, aí eu peguei, ainda no hospital, botei ele na minha frente, fui pro canto e virei às costas e fui dormir aí a enfermeira me chamou pra me dá bronca ‘Tá maluca! se ele cair aí, vai complicar pra mim, pro hospital e pra você. Bote ele no canto!’ Expliquei, ela me deu um copinho de leite pra ele, e aí depois, ela me ensinou a amamentar: tinha que colocar a parte escura, toda na boca dele”

Ela não se arrepende do filho, só acha que poderia ter esperado um pouco mais... Ela gostou da experiência, mas ao mesmo tempo comenta que foi difícil,. Apesar de complexa a experiência que Bela enfrenta da maternidade, complexa .pois há uma relatos de momentos de prazer e momentos de dor em uma mesma experiência , e ao mesmo tempo há uma consciência de imaturidade para cuidar de um filho.

“Eu acharia que deveria esperar mais né, tava ainda me descobrindo, entendeu, eu fiquei moça com treze ano (anos),comecei colocar corpo, tava me descobrindo, foi tudo muito rápido, mas foi bom, eu gostei da experiência, foi difícil”

Bela relata que após o nascimento da criança algumas dificuldades começaram a se apresentar:

“A situação se tornou mais difícil porque naquele momento ele ficou desempregado. Nós dois resolvemos ir reciclar para conseguir sustentar a casa e o bebê. Ele arranhou dinheiro, fez um carro com uma geladeira velha, colocou rodas e nós dois íamos reciclar. À noite, ou de manhã, não importa, só não podia deixar a criança e nem a gente, precisando do alimento. Esse trabalho não tirou a nossa honra!” Ele nunca roubou, nunca traficou. Nem sei por que ele andava armado, má influência, no meio do bairro que a gente morava, todo mundo andava armado, aí a pessoa acha bonito... Depois de pouco tempo que fui morar com ele, ele deu fim na arma, vendeu.”

Segundo ela, uma das maiores dificuldades foi o uso da droga por parte do companheiro. Mesmo com o nascimento da criança ele continuou fazendo uso de substâncias ilícitas que muitas vezes alteravam seu comportamento ocasionando diversos transtornos familiares. Para eles o fato de ter uma arma é encarado com muita normalidade, adquirir e depois vender é algo banal. Assim, como a maternidade na adolescência e outros aspectos importantes são vividos de forma inconsequente.

“Ele chegava muito violento, querendo me bater, a gente brigava, entendeu? Eu já cheguei a pegar a faca pra meter nele, porque ele veio pra cá me enforcar, pegava pau também, pegava a vassoura, dava vassourada. E eu tinha que me defender né!? Que eu também não ia ficar sentada apanhando! Ele me bateu várias vezes e para me defender tirei sangue do braço dele com a faca.”

“Fiquei morrendo de medo de ele dar queixa de mim por causa do ferimento que fiz, precisou até de pontos, mas foi até bom eu ter feito isso. Depois deste dia, nunca mais ele me bateu, ficou mansinho”.

[..] Antes, toda vez, assim que a gente brigava eu ia pra casa da minha mãe, passava uma semana, ele ia lá pra me buscar dizendo que estava com saudade, eu tirava tudo de dentro de casa, levava pra casa da minha mãe, depois voltava com tudo de novo”.

Bela conta que sempre teve o apoio materno para permanecer estudando após o nascimento do filho. Relata que a mãe carregava a dor de não ter estudado e que para as filhas queria que fosse diferente, que não fossem domésticas como ela. A mãe era analfabeta e dependia de ajuda até para pegar o ônibus.

“Eu nunca gostei de estudar, só ia para escola porque minha mãe mandava, repetia sempre: ‘Vá estudar!’, ‘Alguém sem estudo, não é nada!’”

“Minha mãe sempre me ajudou, sempre olhou meus filhos, pra eu trabalhar, pra estudar, até pra passear também, me apoiou.”

“Estudei só até o segundo ano do segundo grau porque eu quis, entendeu? Comecei a ficar cansada: trabalho, filho, casa, aí fui me desmotivando.”

“Sei que terminar os estudos é muito importante, desejo terminar, mas ainda não coloquei como prioridade na minha vida, porque trabalhar na rua, cuidar de criança, trabalhar dentro de casa, e ainda ir à noite pra escola, o corpo não aguenta não”.

Ela decidiu retomar os estudos após entrar no projeto. Lá, ela começou a resignificar sua experiência de mãe e de aluna, de mulher, de pessoa.

“Após algum tempo, depois que conheci um centro aqui no bairro que acolhia adolescentes mães, resolvi retomar os estudos. Foi lá que comecei a entender que estudar e ter conhecimentos em relação às coisas ajuda a cabeça a funcionar. Lá tive a oportunidade de ampliar meu olhar, meus olhos abriram, comecei a entender as coisas. Comecei a perceber que o mundo era bem maior do que esse que vivia aqui. Conhecemos, através das diversas atividades que tinha lá, teatro, cinema, shopping, restaurantes, fazenda, sítios e conhecemos tudo isso acompanhadas de nossos filhos, experiência que eu nunca havia feito. Lá nossa autoestima era elevada! Aprendi a me valorizar, ali aprendi um monte de coisas através das palestras, aulas e oficinas. Entendi que podia. Bastava querer.”

“Depois daí do Maranata (centro que apoiava adolescentes mães) que minha visão começou a crescer, comecei a ter sonhos. Eu morava numa casa que só tinha um quarto, um banheiro, caindo aos pedaços, depois daí eu vi que eu podia fazer algo a mais, né?”

“Era gratificante olhar as coisas que conseguia fazer após os cursos. Depois, nossos produtos eram vendidos nos shoppings da cidade. Eu gostava de ir ver minhas camisetas expostas na vitrine das lojas, gostava de saber que estavam sendo exportadas para outros países e, o melhor de tudo, saber que o que eu fazia, ajudava no sustento da minha família.”

Algumas mudanças começaram acontecer com Bela e isso chamou a atenção do companheiro.

“Mudei tanto, que meu marido ficou assustado e foi lá perguntar a coordenadora quem era que estava mudando a minha cabeça. Disse a ele que só ficaria com ele se ele mudasse também. Foi bonito ver o resultado depois. Meu marido não usa mais drogas, não bebe mais e trabalha. Comprou uma moto (pra quem tinha só um carrinho de reciclagem!). Hoje tem uma moto zero, quitada!”

Ela conta que foi importante ter contato com pessoas que trabalhavam no projeto e que um dia foi como ela. Fala da necessidade de ter alguém para olhar.

“você mesmo contava que morava na Chapada do Rio Vermelho, e conheceu um padre que acreditou em você e te apresentou outras coisas da realidade, aí você seguiu em frente, foi pra faculdade, se formou”... Daí eu falei: ‘Se ela, que morava em um bairro igual ao meu, mudou, por que eu também não posso mudar?’

“Percebi que precisamos de pessoas para olhar e desejar ser igual, pessoas que nos inspirem, por que olhando para algumas pessoas que conseguem dar alguns passos na vida, nós que estamos por perto também acabamos nos inspirando. Aqui mesmo, não tenho ninguém para olhar na minha família e nem na vizinhança.”

O encontro com ela mesma e com pessoas a quem olhar que foi propiciado pelo projeto, mudou o olhar desta mulher sobre a vida, sobre a maternidade, sobre seu filho.

“Meu filho é calmo, tranquilo, na dele.”

“Incentivou-me a correr um pouco atrás das coisas, porque eu era acomodada, não tinha filho, não tinha nada, o que minha mãe me desse tava bom, o que meu marido me desse tava bom, mas depois que eu tive filho, aí sim, eu quis trabalhar pra dar o melhor a ele, porque a gente sempre quer dar o melhor para filho, tudo aquilo que a gente não teve.”

“Eu penso assim: minha vida melhorou por causa do meu filho, por ele tive coragem. Tive mais vontade de trabalhar, de crescer, vontade de mudar né!? Que a gente gostava de festa, de pagode, bebia muito, subia e descia de roupa curta fazia farra... Depois que eu tive meu filho... “Poxa! Agora, tenho que dar exemplo pra ele entendeu!? Eu tenho que ser um espelho pra ele, porque se eu fizesse e acontecesse, se eu bebesse todas e fumasse, e depois fosse falar pra ele não fazer isso, que moral eu teria? Cada filho é uma benção! Faz a vida da gente mudar... A minha vida foi mudando pra melhor, eu fui mudando para melhor!”

O olhar de Bela foi mudando aos poucos. Ela foi entendendo que criar um filho em meio a condições dignas é base para uma boa formação.

“O melhor é educação, alimento, uma roupa boa né!? Minha mãe era sozinha pra oito filhos, só ganhávamos roupa e sapato no tempo de festa: São João e Natal. Eu posso comprar roupa sempre que estão precisando. Divido no cartão, mas já posso comprar.”

Para ela, o fato de ter um companheiro ao lado ajudou muito, pois assim, a criança teve mais de um olhar sobre sua pessoa e suas necessidades.

“Ajuda sim, claro! A presença do pai é fundamental para a criança, é muito diferente um filho ter só a mãe, com o pai ele não vai ficar a vontade né !? por mais que a mãe crie, tem que ter um pai pra apoiar, as vezes a mãe tem alguma coisa passando despecebido, o pai já observa, já chama no eixo e corrige.”

“Ele me ajuda, quando os meninos fazem alguma coisa errada. Ele senta e conversa.”

“Às vezes eu acabo tomando atitudes de homem, do pai. Mas acredito que é porque não tive a figura paterna em casa, sou o espelho da minha mãe, ela que tomava a decisão de tudo. Quando ele pensa em tomar a decisão, eu já executei, mas estou atenta a isso preciso deixar o espaço pra ele.”

Para Bela, ter um companheiro foi importante, mas, mesmo que não tivesse tido, o desejo de crescer que foi plantado em seu coração, seria suficiente para seguir à diante.

“Se alguma coisa tivesse acontecido com ele no passado e ele não estivesse mais comigo, eu ia continuar, porque o que foi plantado ali no meu coração, ali naquele projeto que participava para adolescentes mães, foi um desejo e até hoje tenho esse desejo de crescer, e nada por mais que aconteça não vai tirar esse desejo de crescer e melhorar.”

“Esse desejo não é só por que tenho um marido, é o desejo de querer ter o que é **melhor** .”

Sobre a atividade de coleta de lixo reciclável, ela relata que teve a ideia observando outras pessoas da comunidade que já sobreviviam desta atividade. Este trabalho informal garantia a ela o dinheiro do pão e do leite para cada dia.

“Reciclei, e, se for preciso, reciclo de novo! A ideia de reciclar partiu de mim. No início, meu companheiro não aceitou bem a proposta. Eu observava que muitos vizinhos viviam desta atividade de reciclar assim, iam sobrevivendo, era uma atividade muito comum. Eu catava garrafa pet, lata, papelão, papel, e daí já dava para comprar um gás, um leite, uma fralda. O que a gente achava vendia e já dava o dinheiro pro pão. Era um dinheiro só para comer.”

Após a experiência que fez no projeto que apoiava adolescentes mães, ela aprendeu diversas atividades e a que mais se identificou foi à técnica de vendas. Bela ganhou no projeto uma educação para o trabalho que a acompanha ainda hoje pela vida.

“Eu aprendi a fazer bijuteria, aprendi fazer camisa, sandália, mas ainda aí não era o meu dom. Lá no Maranata, é que foi descoberto o meu dom: vendas, é disso que vivo até hoje. As oficinas além de ensinarem a produzir, ensinavam também a vender e a cobrar. Acabei aprendendo a conquistar o cliente. Antes eu vendia, mas não sabia a forma mais adequada de fazer. Se o cliente atrasasse o pagamento eu ameaçava, fazia o maior barulho, aí ele só comprava uma vez e os outros que me viam fazendo aquilo também não compravam”.

“Ah, hoje eu trabalho em um *bocado* de coisa, trabalho numa confeitaria no Rio Vermelho, vendo Natura, vendo Avon, vendo DeMillus, vendo O Boticário, vendo Jequití, vendo Danone, faço trufa, e quando tem alguma festa de largo vou vender queijo coalho”. “Hoje, meu companheiro é gari, trabalha na Revita”.

6.1.2 O caso Jasmim

“Céu azul é o telhado do mundo inteiro sonho é coisa que guardo dentro do travesseiro.” (O Teatro Mágico)

Jasmim chegou ao projeto com muito desejo de aprender alguma atividade, mas não possuía muita habilidade. Com o passar do tempo foi se aperfeiçoando. Não tinha muitas amizades e ficava sempre no canto fazendo as atividades que eram solicitadas. Ela tinha 15 anos, e sempre vinha acompanhada com seu filho de

dois anos.

Ela iniciou a vida sexual, com o irmão de uma amiga, começaram de um namoro simples de beijos e abraços e após uma semana iniciaram a ter relações sexuais aos 11 anos, ele tinha 17 anos, sabiam sobre anticoncepcionais, mas não usavam.

“Comecei a ter relações com um irmão de uma amiga, ele tinha 17 anos e eu na época tinha 11 anos, Sabia sobre anticoncepcionais, não queria engravidar, mas não ligava”.

Aos 13 anos ela engravidou pela primeira vez. Relata que desconfiou que estivesse grávida por causa do atraso menstrual e pela sonolência e resolveu ir ao médico sozinha e quando fez a ultra sonografia teve a confirmação da gravidez. Diz que não ficou desesperada em nenhum momento.

“Ao contar ao companheiro, ele ficou super feliz, alegre, Minha mãe reagiu de forma natural. Foi tudo normal.”

“Quando descobrir, não fiz nada. Fiquei pensativa. Não chorei nem me desesperei.”

“Sentia muito sono e minha menstruação atrasou, comecei a desconfiar, ai fui ao médico, sozinha, aí quando fiz a ultrassom tive a confirmação da gravidez. Fiquei tranquila!”

Quando Jasmim engravidou ela estudava, mas acabou desistindo dos estudos, pois relatava que era muito cansativo ir à escola. Abandonou os estudos na quarta série. Depois retornou, aos 17 anos e estudou até a o primeiro ano, mas não concluiu o segundo grau, desistiu, pois engravidou do segundo filho. Aponta que: “Ficava muito cansada. Tinha uma preguiça daquelas.”.

Ao perguntar se alguém da escola ou da família incentivou a não abandonar a escola ela respondeu: “Não! Lá onde eu moro não tem isso de apoiar não. - Meus filhos nunca atrapalharam meus estudos. Eu não fui por que não quis mesmo. Era preguiçosa mesmo”.

Depois do nascimento do primeiro filho Jasmim iniciou o uso do contraceptivo (camisinha), aos 17 anos eles decidiram ter mais um filho. “Queríamos outro filho e pronto. Decidimos ter outro, Gabriel”.

Jasmim conta que a gestação dos filhos na adolescência foi tranquila ela fez todo o pré-natal e não teve nenhuma dificuldade com relação à amamentação, cuidado com o bebê, Não teve muito apoio da família. Pouco falou a respeito da sua

mãe. “Virava-me sozinha.” Assim que engravidou Jasmim foi morar na casa da sogra com o companheiro.

“Ela aceitou minha gravidez. Mas com um tempo começou a jogar o filho contra mim. Inventava fofoca. Fica azucrinando nossa vida. Eu também já não tinha um temperamento muito bom. Dai começou as brigas. Ela inventava que me via com outros homens. Como ele era ciumento ficava nervoso. Era muita confusão.” “O relacionamento com minha sogra melhorou bastante, não se envolve mais como antigamente.”

Na época eles não trabalhavam, a mãe do companheiro de Jasmim não aceitava que o filho fosse trabalhar. Eram as mães do casal que arcavam com o sustento do neto.

“No início morávamos todos juntos na casa da minha sogra, não tínhamos um espaço nosso, fizemos um quarto por conta da chegada de Gabriel. Depois que o nosso segundo filho nasceu, minha cunhada passou (cedeu) a casa dela pra nós.”

“Só minha sogra trabalhava, acho que fazia faxina, o dinheiro era bem pouco, mas dava com dificuldade, às vezes faltava alguma coisa. Quando acontecia de não ter nada para comer esperávamos chegar o outro dia. Era raro. Mas já aconteceu.”

Jasmim, triste conta a respeito da mudança que aconteceu no seu relacionamento ao longo desses anos...

“No início muito bom fazia tudo que eu pedia, era apaixonado por mim, tinha: flores, amor, paixão. Depois foi mudando. Ficou mais ciumento brabo, daqueles que agride. Ele nunca usou drogas.”

“Hoje parecemos amigos, só que há muitas brigas. Ele continua muito ciumento ciúmes de quê, eu não sei! Acho que ele tá comigo é por causa das crianças. Por que antes ele se preocupava mais comigo, hoje nem liga muito. Liga mais para as meninas. São dois meninos e duas meninas. Ele é mais carinhoso com as meninas.”

Para sustentar os quatro filhos o companheiro de Jasmim desenvolve uma atividade informal muito comum entre os homens que não conseguiram concluir o ensino médio, e não desejam ingressar no mundo das drogas, guarda e lava de carros na região da Pituba.

Jasmim deixa claro que a vida que leva não é muito tranquila, pois diante das condições que vive com sua família e as mudanças que ocorreram não pode afirmar que leva uma vida maravilhosa, mas, demonstra imensa gratidão pela possibilidade

de ter os filhos, ter uma família.

“A maternidade foi uma coisa muito boa pra mim. Depois do meu segundo filho então, fiquei mais calma. Era muito estressada, e nervosa, brigava com a mãe dele. Não me arrependo hora nenhuma de ter filhos, tive dificuldades, mas posso dizer que filhos são bênçãos de Deus.”

Para ajudar no sustento da família Jasmim faz uma atividade informal, muito comum entre as mulheres do bairro que não desejam e não conseguem ingressar em uma profissão formal.

“Para ajudar no sustento da família eu faço rifas (*Bolão*) e saio pelas ruas do bairro vendendo bilhetes. Dar para ganhar um bom dinheiro. Tem dias que são melhores que outros.”

“Poderia está numa situação melhor. Num trabalho. Ganhando um dinheiro a mais. Numa loja, revendendo, recepcionista, alguma coisa assim. Mas, não dei prosseguimento aos estudos”.

“Eu recebo bolsa família no valor de R\$ 210,00 ajuda para complementar no pagamento das despesas.”

Jasmim diz que para ajudar na educação dos filhos ela acaba não tendo ninguém como referência. Apesar de não ter concluído os estudos Jasmim compreende a importância do estudo para a própria vida e dos seus filhos.

“não existe ninguém aqui para eu olhar como referência para criar meus filhos vou educando da maneira que acho mais adequada.”

“Dou exemplos, converso para ele ser alguém melhor, tem que estudar; trabalhar; ser honesto. Para ser um advogado ou medico, etc.”

“Nem a educação que minha mãe me deu posso passar para minhas filhas. Se eu com onze anos, já vivia na rua namorando, batendo perna. Isso é uma forma de educar? Ela também não ligava nem um pouco para o que eu estivesse fazendo. Quem me orientou em relação ao sexo foram minhas amigas da rua, ela nunca me orientou em nada!”

Ela é muita certa em relação a sua felicidade, se sente satisfeita com o que conseguiu conquistar com o companheiro, uma família. Confessa que não planeja o futuro. É uma coisa que não pensa, para ela o que importa agora é o momento presente, o futuro aos poucos vai construindo.

“Nem pensei. Nem penso nisso, não fazemos planos, vamos vivendo cada dia [...] Moramos em uma casa nossa em cima da casa de minha sogra. Ajeitada. Tem tudo que eu preciso. [...]Eu me sinto feliz, tenho minha casa, minhas coisas, meus filhos, minha família.”

As entrevistas a seguir remetem-se às mães que engravidaram na adolescência e permanecem solteiras nomeadas de caso Cinderela e caso Alice. Os relatos apontam a trajetória destas jovens mães, sendo descritos o início, as dificuldades, a superação e a atualidade em que se encontram estas mães.

6.2 “A espera de um príncipe”- As solteiras (Cinderela e Alice)

6.2.1 - O caso Cinderela

**“Será que a sorte virá num realejo? Trazendo o pão da manhã, a faca e o queijo ou talvez... um beijo teu que me empreste à alegria.”
(O Teatro Mágico)**

O primeiro contato com Cinderela foi quando ela tinha apenas 15 anos. Ela chegou e quis fazer a inscrição para participar das atividades que eram oferecidas pelo projeto, mas foi informada que não poderia, pois o projeto era apenas para mães adolescentes.

“se esse é o problema então resolvo já!”

Diante de tal situação resolveu-se fazer a exceção para ela, aos poucos outras adolescentes que não tinham filhos acabaram também aparecendo para participar do projeto. E uma nova turma acabou sendo formada com adolescentes que não eram mães, por meio dos quais eram abordados assuntos relacionados à prevenção da maternidade na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, mundo do trabalho, dentre outros.

Cinderela aparecia sempre sorridente, feliz, isso chamava atenção! Pois todos sabiam o quanto a vida que ela enfrentava era hostil, dura, mas nunca ela era encontrada desanimada, triste ou mal humorada.

Cinderela iniciou a atividade sexual aos 14 anos, e antes de engravidar aos 18 anos da primeira filha já tinha conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, foi orientada pela prima a procurar o posto de saúde para acabar não engravidando na adolescência, como ela e tantas outras.

“A principio fui orientada por uma prima que me mandou procurar o posto de saúde. Chegando lá fui orientada pelo médico de planejamento familiar. Ele então passou o remédio.”

Ela aprendeu desde muito cedo sobre sexo, foi ouvindo através das colegas. O ambiente em que vivia favorecia para que a iniciação sexual se iniciasse mesmo na adolescência.

“Fui aprendendo pela boca de minhas colegas mesmo.”
“Eu via o sexo como uma curtição. Também iniciei por influência de minhas colegas. No início não gostava de fazer, mas, com o tempo fui aprendendo a gostar”.

Aos 18 anos ela engravidou pela primeira vez, menciona que foi uma gravidez não planejada, mas confessa que no momento não usava preservativo algum, apesar de saber do risco, ela teve apenas uma relação sexual, e acabou engravidando. Além dele, ela tinha outros parceiros sexuais. E isso acabou sendo um problema, pois o rapaz com quem teve relações sexuais não estava seguro em relação à paternidade. Eles não eram namorados fixos, foi apenas uma aventura.

“Nós ficávamos juntos sem compromisso. Algumas vezes quando se *batia* numa festa.”

Ela nem desconfiava da possibilidade da gravidez, mas descobriu que estava grávida quando retornou para consulta de rotina.

“Descobrir quando fui pegar os remédios. Como eu tinha parado de tomar, tive que fazer exames de sangue e ultrassom. Aí os exames deram positivos.”

Cinderela ficou desesperada com o resultado positivo dos exames, iniciou a chorar e pensar como seria a vida dela com uma criança.

“No começo estava pensando em tirar. Pensei em tomar remédios escondido para abortar. Só que depois entrou Aurora, minha prima. Aí nós conversamos. Ela disse que não era pra fazer isso. Era pra procurar o pai e a mãe dele pra explicar o ocorrido. Daí eu fui me acalmado. Conversei com a mãe dele ela disse que ia querer ficar com a criança depois que nascesse. Mas ele disse que não queria também, assim como eu. Ele queria comprar o remédio para tirar. A mãe dele insistiu que iria querer. Daí foi quando decidir ter a criança.”

Ao contar ao pai da criança que estava grávida ele pediu logo que ela abortasse o filho, pois não queria e não iria assumir e pediu para que ela procurasse o verdadeiro pai, o rapaz era bem mais velho que ela, tinha 26 anos, era um dos traficantes do bairro. Perguntei a Cinderela por que ele tinha dúvida da paternidade, respondeu: “Porque eu não pegava só ele, pegava vários. Depois que ele se conformou, pois a mãe dele também conversou com ele”.

Na família de Cinderela, assim como na maioria das famílias, a conversa sobre sexualidade não era comum. Cinderela conta que a mãe não sabia que ela já havia iniciado a ter relações aos 14 anos e que já se prevenia, não tinha liberdade para contar e conversar sobre esse assunto com a mãe.

Contar à mãe que estava grávida aos 18 anos não era um problema para Cinderela, pois todas as suas irmãs haviam engravidado na adolescência.

“Ela criou o filho da minha irmã, que engravidou aos 14 anos. Quando contei a ela também ficou contrariada. Mas, não criticou, ficou chateada, mas ficou tranquila quando disse que outra avó havia dito que iria criar a criança.”

Em relação aos estudos era perceptível para quem havia conhecido Cinderela aos 14 anos, que ela gostava de estudar, mas ao engravidar abandonou a escola e ao perguntar o motivo ela disse:

“Eu estudava à noite, já estava quase terminando o segundo grau, cheguei até ir à escola ainda grávida, mas, parei durante a gestação. Porque fiquei com vergonha de sair com aquele barrigão crescendo e do povo comentando, antigamente me preocupava com o que o povo falava, agora não”.

O parto de Cinderela ocorreu sem nenhuma complicação, toda a gestação foi tranquila, ela frequentou todo o pré-natal, solicitei que me contasse um pouco da experiência da maternidade.

“Assim que minha filha nasceu eu quis logo ver, abraçar e beijar, sentir uma grande felicidade. Cuidei e fiquei com ela até os quatro meses, mas logo entreguei a avó paterna como foi combinado. Não queria entregar minha filha, mas era necessário, eu não podia oferecer a ela o que precisava, lá ela é bem cuidada, todos gostam dela. Era a cara do pai.”
“Logo depois dos primeiros quatro meses, ela foi morar com avó, eu continuei fazendo as mesmas coisas que fazia antes, brincando, me divertindo. Nada mudou. Eu gostei de ser mãe. Ia vê-la todos os dias. Ficava com ela, mas continuei a vida que tinha antes.”

O pai da filha, mesmo depois do nascimento da criança permaneceu apenas com os encontros que eles tinham, ocasionais, porém Cinderela desejava um relacionamento mais próximo com ele. Ela gostava muito dele, e o fato dele ser um traficante a atraía:

“Se eu estivesse em qualquer lugar ele chegasse eu tinha que ir pra casa. Mas eu gostava. Tipo assim, eu gostava de apanhar dele. Eu não queria sair do lado dele. Eu queria tá com ele. Todo lugar que ele estivesse eu queria tá perto dele. Mesmo ele com outras mulheres, me maltratando, eu queria ficar do lado dele.”

A segurança que ele transmitia. Eu me sentia mais segura ao lado de uma pessoa que se envolvia. Ao lado dele ficava mais a vontade. A fama que ele tinha, sabia que não teria ninguém pra mexer comigo. Apesar de não me dá nada, tinha a sensação de poder. Tipo assim: “ela é mulher de fulano. Ninguém mexe!”.

Alguns anos depois do nascimento da filha, o pai a filha de Cinderela acabou morrendo de forma violenta, fato muito comum quando esses jovens se envolvem com tráfico de drogas.

“Ele era traficante, dono de uma boca de tráfico. Depois começou a usar drogas, fumar pedra. Depois entrou na igreja. Ficava com um pé dentro e outro fora. Mesmo assim roubando e traficando. Até que os próprios colegas o executaram.”

6.2.2 O caso Alice

**“No nosso livro, a nossa história é faz de conta ou faz acontecer!”
(O Teatro Mágico)**

Alice tinha 17 anos, quando iniciou as atividades no projeto. Já tinha um filho de três anos. Ela sempre foi uma adolescente muito alegre e interessada, participou de diversas atividades oferecidas no projeto de apoio a adolescentes mães. Diferente da maioria das mães que frequentavam o projeto ela estudava e conseguiu completar o segundo grau.

Alice iniciou a vida sexual muito cedo, pois se dizia muito curiosa em relação a tudo. Seu pai era muito severo com ela, em relação aos estudos, comportamento, amizades e quando desobedecia ele era extremamente agressivo. A mãe de Alice era mais tranquila e às vezes na ausência do pai deixava brechas para ela aprontar.

Aos 11 anos iniciou um namoro de forma inicialmente boba, aos poucos percebeu que havia iniciado a vida sexual.

“Iniciei a namorar muito cedo, fui descobrindo sozinha de forma bem ingênua, quando fui perceber já estava tendo relações sexuais aos onze anos, o menino era meu vizinho tinha a mesma idade que eu.”

“Aos 14 anos engravidei, não usava anticoncepcional, nem sabia que existia. Engravidei de outro rapaz bem mais velho que eu, ele tinha 28 anos.”

“eu nem percebi que estava grávida, já estava com três meses a barriga já grande quando minha irmã desconfiou e me perguntou, falei com meu namorado ai fomos fazer o exame, chegou lá deu positivo, eu fiquei normal, ele um pouco desesperado”.

“Em nenhum momento pensei na possibilidade de tirar meu filho, nem eu nem meu namorado. Não estávamos felizes com a gravidez, pois eu ainda era muito nova, não consigo explicar o que senti direito, não era felicidade, mas era uma sensação de liberdade”.

“Conheci ele nestas festinhas de largo que acontece aqui no bairro. Na verdade no fundo engravidei por que queria contrariar mesmo meu pai, ele era muito rígido e queria mostrar pra ele que não adiantava tanta violência, por isso escolhi um rapaz bem mais velho, assim estava mais segura.”

Os pais de Alice não trabalhavam no momento em que ela ficou grávida, o pai apenas fazia alguns biscates na área de construção civil, e mãe cuidava de uma senhora doente e eram com esses pequenos serviços que sustentavam a família. Ela tinha uma irmã mais nova. Eles moravam, em uma casa ampla, bem estruturada, com quartos, sala, banheiro e cozinha.

“Meu pai era muito rígido comigo, por tudo ele me batia, eu era revoltada com isso.”

“Minha mãe era diferente, ela tentava amenizar as coisas pra mim por que sabia que meu pai era grosso, então sempre que tinha oportunidade com ela, aproveitava bastante, por que sabia que para ter outra oportunidade daquela seria difícil”.

“Na verdade ficava curiosa quando ele me proibia de fazer certas coisas, aquilo na verdade me despertava curiosidade.”

Quando o pai de Alice ficou sabendo que ela estava grávida de um homem bem mais velho, ficou completamente transtornado e até pediu para que ela abortasse o filho.

“Meu pai pediu para eu abortasse o meu filho, foi à condição que me deu, ele não me mandou embora diretamente, mas entendi que para continuar com meu filho teria que sair da casa dele, ai fui embora com meu namorado”.

Alice foi morar com o companheiro na casa dos pais dele, mas confessa que não foi uma experiência satisfatória como imaginava, pois o companheiro ciumento e não permitia que ela saísse de casa. Logo depois que o filho nasceu ela voltou para casa dos pais. Acabou não encontrando a liberdade que achava que iria ter longe dos pais.

Assim, Alice conseguiu manter os estudos, até o final, mesmo grávida. A figura materna diferente da paterna sempre foi presente durante esse período. Depois que concluiu os estudos, Alice participou de diversos cursos técnicos um deles foi de Auxiliar de dentista.

“Minha mãe sempre foi muito importante pra mim, sempre ao meu lado no momento em que precisei,”

“Em nenhum momento sentir vontade de desistir dos estudos, não me sentia cansada, desmotivada. Tinha certeza que para conseguir ajudar meu filho precisaria ter uma boa bagagem escolar.”

“Terminei todo o segundo grau, após o nascimento dele, com ajuda dos meus pais.”

Alice não precisou trabalhar com o surgimento da gravidez, ela foi morar na casa do namorado. E ele mantinha a casa. Depois que retornou para casa dos pais a prioridade era que ela concluísse o estudo.

“Após o nascimento do meu filho, meu pai mudou completamente aquela postura que tinha antes, assim que viu meu filho, ficou apaixonado e é até hoje.”

Alguns problemas começaram a surgir após o nascimento da criança, mas Alice foi aos poucos com o apoio familiar superando cada um destes obstáculos.

“O pai do meu filho era muito ciumento, não deixava eu falar com ninguém. Certa vez depois de ter encontrado um amigo muito querido de infância fui cumprimentá-lo, ele ficou muito ciumento e tentou me agredir, depois deste dia, não quis mais ficar com ele, voltei para casa dos meus pais.”

Após algum tempo da separação do pai do filho, ela iniciou um novo relacionamento com outro rapaz, foi com que ele que ela passou a maior parte da vida. “Foi ele que criou meu filho, ele é o pai do meu filho.”

O companheiro que Alice escolheu para compartilhar a vida era trabalhador, responsável, competente na atividade que desenvolvia como segurança, mas, com o passar do tempo escolheu o tráfico para fazer parte da vida.

A vida de Alice ao lado dele começou a ficar complicada, pois além de vender ele fazia uso de drogas, iniciou a viver uma vida muito turbulenta, com brigas, traições e risco para ela e para o filho. Diante de tal circunstância ela resolveu ficar longe dele, apesar de ser muito afeiçãoada ao companheiro, Ela relata que: “Não desejo de maneira nenhuma viver correndo riscos, não é isso que escolhi para mim e para o meu filho, se ele quiser permaneça, eu estou fora! Apesar de gostar dele de verdade”.

6.3 "Até que a morte nos separe” - As viúvas (Aurora e Rapunzel)

A escolha desses casos se deu pelo fato de envolverem duas situações de rupturas que abrangem na sua complexidade: o fato da maternidade adolescente e a experiência da perda do companheiro de forma precoce e carregada de violência. A perda sempre é algo angustiante que provoca dor e remete a pessoa a questionamentos, especialmente, quando essa morte acontece de forma violenta e inesperada, em um período tão dinâmico, tão confuso como a adolescência.

As jovens mães diferem nas seguintes condições: A maneira como enfrentaram a gravidez e a maternidade e principalmente a perspectiva que tinham em relação ao futuro (estudo e trabalho); Os dois casos apresentados, foram selecionados justamente por serem diversos na forma de enfrentar a gravidez a viuvez. Sendo assim, observa-se que um mesmo evento é enfrentado pelas adolescentes de diferentes maneiras.

As duas jovens mães engravidaram de companheiros que eram envolvidos com drogas e com o tráfico, e, após o nascimento dos filhos, elas perderam esses companheiros de forma trágica. Porém, mesmo vivendo em contextos parecidos, elas enfrentaram esta situação de forma diferente. O fato da vivência da morte do pai da criança é mais uma experiência de ruptura enfrentada por essas adolescentes.

6.3.1 O caso Aurora

**Enquanto for... Um berço meu
Enquanto for... Um terço meu
Serás vida... Bem vinda
Serás viva... Bem viva
Em mim**

(O Teatro Mágico)

Aurora, a princesa conhecida como “A bela adormecida” é o codinome utilizado para este caso porque a adolescente em questão era uma menina doce e tímida que foi despertada pelos beijos de um “príncipe” que a inseriu na realidade dura da maternidade sem planejamento. Ela era uma das meninas que participava do projeto para mães adolescentes desenvolvido na região do Areial. Destacava-se das outras devido à timidez. Aparentemente insegura e triste, foi aos poucos desenvolvendo seu potencial de maneira séria e comprometida com o seu futuro. Durante sua primeira entrevista, ela contou a respeito da sua vida com muita liberdade e transparência. Sempre se fazia acompanhar do filho Pedro, que, segundo seu relato, tinha dificuldades em afastar-se dela.

Para favorecer a presença das adolescentes, que não tinham com quem deixar os filhos, fora adaptado um espaço em que eram desenvolvidas atividades concernentes a “berçários” - as crianças que ainda eram amamentadas ficavam em salas próximas junto com outras maiores. Isso propiciava às mães a própria permanência durante as atividades sem se preocuparem com os seus filhos, que estariam em salas ao lado com pessoas de sua confiança.

Um aspecto percebido nas entrevistas era a abertura que as jovens tinham em confidenciar, sua experiência em relação aos temas propostos, como se deu o início da prática sexual em suas vidas, o nascimento dos filhos, dentre outros assuntos pessoais. Elas demonstravam apreciar esses momentos e, no caso de Aurora, não foi diferente.

Ela relatou a perda da sua virgindade aos quatorze anos, bem como o fato de que não tinha sido com o pai do seu futuro bebê. Este, de prenome Juan, era um conhecido do bairro, um rapaz que ela gostava de conversar, mas não tinha nenhum interesse afetivo. O relacionamento dos dois iniciou-se em um encontro acertado por

um casal de amigos. Neste mesmo dia tiveram relação sexual usando preservativo. Segundo a jovem, eles acabaram se apaixonando e mantiveram o relacionamento. Juan tinha uma namorada fixa, que no início foi um problema, pois o rapaz, por algum tempo, relacionava-se com as duas.

“Ele era muito amigo. Uma ótima pessoa. Todos gostavam muito dele. Eu nem imaginava ter nada com ele e já me tratava muito bem. Conversamos muito. Depois que tivemos este envolvimento inicial ficamos juntos por cinco anos.”

“Na época eu tinha quinze anos. Eu e outra amiga estávamos saindo para ver outros garotos, mas nos encontramos, ele e outro amigo. Minha amiga gostou deste amigo dele e aí surgiu a possibilidade de ficarmos. Aí deu “bolo” (naquela época era o termo usado quando se queria paquerar). Fomos para casa dele e daí então não nos separamos mais.”

“Inicialmente era escondido. Pelo fato do comportamento dele, eu tinha medo do que as pessoas e meus familiares iriam dizer. Mas, depois ficou escancarado.”

“Foi uma confusão ela (a namorada do rapaz) aparecia em minha casa. Era muita discussão, era um “fuzuê”. Nem ela nem eu largamos dele.”

Juan era um rapaz de vinte e um anos; estudava, morava com a mãe, no entanto, era usuário e vendedor de drogas. Depois de dois anos de relacionamento com Juan, Aurora foi surpreendida com a possibilidade de estar grávida, ficou desesperada e logo pensou em aborto, mas não chegou a tentar.

“Eu imaginava que isto nunca poderia acontecer comigo. Na época os meninos usavam camisinha.”

“Eu comecei a ficar sonolenta. Nunca tive o hábito de dormir pela tarde. Meus seios começaram a crescer. Isto chamou a atenção de uma amiga minha que suspeitou. Daí então minha prima me chamou para irmos numa clínica para fazer os exames. Neste dia, eu até menti para minha mãe, dizendo que iria para a escola. O resultado deu positivo. Já estava com uma gestação de dois meses e meio. Eu fiquei muito preocupada! Como eu iria explicar esta novidade para minha mãe? Por outro lado, eu não tinha uma relação afetiva segura com meu parceiro. Ademais, ele tinha envolvimento com drogas. Então eu tive muito mais medo ainda de conversar com minha mãe”.

“Eu fiquei desesperada, mas foi minha prima que falou com ele. Então ele disse que se fosse verdade que ele assumiria e sustentaria a criança.”

Aurora declarou que tinha uma relação muito próxima com a mãe, mas esta não tinha conhecimento acerca do relacionamento da filha com o Juan.

“No principio eu contei para uma prima minha. Ela prontamente começou a espalhar para todo mundo. Daí “caiu no ouvido” de minha mãe. Ela “me acabou”! Ficou chateada por eu não ter sido sincera, mas me apoiou me orientou e disse que iria me ajudar para que eu criasse meu filho do mesmo jeito que ela me criou, pois não queria que eu fizesse aborto”.

Aurora foi criada sem o apoio do pai, pois este, ao saber que a mãe dela estava grávida, deixou a casa, fazendo com que a criança fosse criada apenas pela genitora.

“Fui criada sem o apoio do meu pai porque ele me abandonou. Quando ele soube que minha mãe estava grávida, ele “deu no pé”. Foi trabalhar em Belo Horizonte e por lá ficou. Nunca tinha visto. Sequer me registrou. Conheci ele há pouco tempo, tem uns dois anos”

Aurora relata que o período de gestação foi muito tranquilo, apesar de ouvir comentários de que a gravidez na adolescência é de risco, com sérias consequências para adolescente e filho.

“Pelo que o povo falava, eu não achei esta complicação toda. Eu emagreci muito. Não fiquei triste, mas chorava muito. Qualquer coisa me irritava.”
“Comecei a sentir umas dores, assim, tipo cólicas. Ia e voltava . Minha mãe providenciou um carro pra me levar para a maternidade. Fiquei internada no soro. Das 19h00min às 00h00min, o horário em que ele nasceu.”
“Meu parto foi normal, o pai não foi comigo. Só pagou o carro pra me levar. Apoiou-me todo o tempo. Ele não era violento comigo. Quando o bebê nasceu ele não foi me visitar, pelo fato ele estar envolvido nestas “coisas”, por ter *rixa* (rivalidade) com o pessoal de Brotas.”

Quando Aurora retornou da maternidade, permaneceu morando com sua mãe e irmãos mais novos, sempre com a total assistência desta. “Ela sempre esteve do meu lado”.

Mesmo com todo o apoio da mãe e do companheiro, Aurora teve que enfrentar algumas dificuldades. Logo após o nascimento do filho diversas brigas aconteceram com a outra companheira de Juan.

“Meu companheiro no princípio aceitou, mas, nesta vida que levava, ele tinha outras mulheres. Uma delas ia à minha porta procurar briga e havia muita discussão, ela não queria que ele registrasse meu filho”.

Outro fator que se agravou com a gravidez de Aurora foi o relacionamento com o padrasto, principalmente quando ele descobriu que Juan era o pai do filho dela.

“Eu brigava muito com meu padrasto e toda vez que via ele , me dava um nervoso. Eu chorava. Ele bebia muito. Ficava querendo bater em minha mãe. Nunca houve uma harmonia entre nós. Desde meus 13 anos, quando minha mãe começou a se envolver com ele, nós sempre brigávamos. Era uma briga atrás da outra. Então neste período eu comecei a sentir mais raiva dele ainda.”
“Depois do nascimento de Pedro as brigas aumentaram. Meu padrasto ficou muito irritado pelo fato de haver uma criança em casa, o ambiente deveria ser mais silencioso, mas ele sempre fazia o contrário. Ele queria maltratar

meu filho. Numa época ele quebrou uma cadeira e o estrondo assustou a criança que ficou em estado de choque. O pai de meu filho ficou sabendo. Foi tirar satisfações. Eles acabaram brigando. Outras pessoas também queriam pegá-lo. Meu padrasto foi embora 'corrido'. Depois disto, houve a separação dele e de minha mãe. O que provocou esta confusão toda foi por ele me maltratar, não aceitar minha relação e minha criança. Xingava-me de 'vagabunda'. Dizia que eu tinha pegado um ladrão. Era um 'fuzuê'!!!"

Ter que abandonar os estudos, foi outra consequência da gravidez, que Aurora precisou enfrentar.

"Eu estudei, mas precisei parar, pois eu queria trabalhar. Desejava que meu filho tivesse uma condição melhor. Além de fazer reciclagem, eu tomava conta de uma criança na casa de uma senhora. Juntava o dinheiro para fazer o enxoval. Comprar as coisas pra ele."

"Alguns professores falavam que eu deveria ter aproveitado mais os estudos, pelo fato de ser uma adolescente, poderia estar fazendo um aproveitamento melhor. Um futuro mais digno. Mesmo ocorrendo um descuido meu, que eu não desistisse de estudar. Eles se prontificaram em me dar apoio. Mas, mesmo assim eu desisti."

"Até uma professora foi me visitar e me incentivou a voltar a estudar."

Aurora confessa que teve todo o apoio, inclusive da família para não ter que abandonar os estudos.

"Sim". Eu que não quis mesmo. Eu achava que se eu estudasse não teria tempo para trabalhar. E quando eu voltasse, teria que ficar com o menino. Então não haveria tempo para conciliar estudos, trabalho e maternidade.

"Parei no primeiro ano do segundo grau. Queria até voltar, mas quando chego do trabalho estou tão cansada, sei que isto não justifica."

Após três anos do nascimento do filho, o pai da criança acabou falecendo de morte violenta no bairro onde ela reside. Juan para Aurora era um rapaz excelente, um ótimo companheiro, um grande amigo. Ele estudava e morava com os pais. Era envolvido com o tráfico, mas não era considerado perigoso, apenas revendia a droga. Tinha outra mulher, que logo após o nascimento do filho de Aurora também engravidou.

"Ele apenas revendia. Não era chefe de nada. Sempre tem os mais envolvidos e mais perigosos. Ele era tranquilo. Só repassava o que alguém dava pra ele revender."

"Eu tinha acabado de deixá-lo para ir buscar nosso filho. Assim que voltei, tinha uma movimentação intensa de policiais, helicóptero, viaturas, e ao me aproximar, uma senhora me disse que três pessoas tinham sido baleadas e estavam mortas. Ela me deu o nome de dois, mas o terceiro ela não disse, pois sabia que eu tinha filho com ele. Estava uma "agonia" na rua. Muita gente chorando, gritando. Ao chegar ao local, me avisaram logo que um dos era ele. A princípio eu não acreditei porque ele tinha sofrido outros atentados à bala e tinha sobrevivido. Eu ainda tentei chegar mais próximo, mas minha mãe não deixou. Vi outros amigos dele caídos. Foi muito triste. Só que ele morreu com um tiro na testa. Até hoje me bate um desespero.

Uma sensação de “imobilização”. Eu gostava muito dele. Todo dia eu chorava. Foi uma depressão. Quando eu olhava para meu filho eu o via. Ele parece muito com ele. Fui para o sepultamento dele sem acreditar que ele estava morto. Muito triste. Ficava imaginando como criar Pedro sem o pai.”.

Aurora, após a morte trágica do companheiro por quem tinha uma afeição muito grande, ficou muito abalada, pois com ele, Aurora se sentia amada, protegida, segura, como visto no episódio da fuga do padrasto: “depois do dia que ele maltratou meu filho e Juan foi “tirar pergunta” a ele, nunca mais vi meu padrasto, foi embora com medo de ser morto”

Juan oferecia a ela algo que nunca experimentou uma sensação de proteção dada por uma figura masculina próxima. O seu padrasto, além de maltratá-la, era alcoólatra. O pai da criança oferecia todo o sustento que necessitava, através do dinheiro adquirido com o tráfico.

“Eu fiquei desesperada. Como iria criá-lo sem apoio de ninguém? já que minha mãe não trabalhava e a avó de meu filho por parte de pai não ajudava com nada?”
“Enquanto estava vivo não deixou faltar nada. O que faltasse e eu falasse, ele dava tudo.”

Aurora nunca escondeu do filho quem de verdade foi o pai dele, um traficante. A criança sentia falta do pai e sempre a questionava.

“Quando chegava o dia dos pais, nas festinhas da escola ele dizia: - todo mundo tem pai, menos eu. Aquilo me dava um desespero.”
“Ele sabe de tudo, eu falo sem medo. Onde moramos, tem muitas crianças envolvidas. Então eu o oriento a estudar para ter uma vida decente. Sempre alerta que o pai dele morreu porque se envolvia com drogas.”
“Ele queria saber por que só o pai dele não era presente. Não comparecia as festinhas da escola. Os outros pais de amiguinhos apareciam e o dele não. Todo mundo tem pai e só ele não tinha.”

Percebe-se que o projeto de vida que ela traça, mesmo de forma simples, não envolve apenas a própria condição de vida e perspectiva, mas o fato de ter o filho é um fator essencial que está sempre ligado a ela.

Logo que engravidou, Aurora começou a trabalhar como babá. Diante da morte do companheiro percebeu a necessidade de se profissionalizar em alguma área, pois sentia o peso da responsabilidade em relação ao filho.

Conta que apesar de todo o sofrimento que enfrentou após a morte do companheiro, ela conseguiu dar passos, principalmente com relação ao filho.

“Só em perceber que meu filho só me teria, a partir daquele momento, me fortaleceu. Tinha que ser eu para ajudar ele e mais ninguém. Até hoje nesta luta.”

“Quando não tinha nada para ele, eu ia para a Pituba fazer reciclagem. Eu me virava! Nesta época também apareceu uma possibilidade de fazer uns cursos, onde eu vendia camisetas, entre outras atividades. Foi melhorando, sempre tinha um dinheiro. Depois comecei a trabalhar. Trabalhei de babá. Ganhava muito pouco. Mas, tinha que sustentar meu filho, não podia deixá-lo sem nada”.

“Eu só não queria que ele seguisse o mesmo caminho tortuoso das pessoas daquele lugar. Até mesmo o pai dele quando estava vivo, não o deixava ficar por ali por perto. Então eu fui trabalhar. Virava-me com reciclagem para pagar escola particular com o pouco dinheiro que ganhava. Era duzentos e cinquenta reais.”

Após mais de uma década, parece que apenas alguns aspectos mudaram na vida de Aurora. Poucos, são aparentemente os desejos que ela relata em relação ao seu próprio futuro. O contrário acontece quando ela fala em relação ao futuro do filho.

“Felicidade é o que a maternidade representa pra mim. Hoje depois de onze anos eu sinto alegria, realização. Por mais que tenha vivido com dificuldades e ainda vivo, ele me faz muito feliz. É muito obediente. Eu tenho um retorno prazeroso. Muito mesmo.”

“Querida oferecer a ele o melhor, mas falta um monte de coisas neste lugar: uma estrutura de lazer, de conforto, e o que conquistamos foi na base de muito sacrifício mesmo.”

Apesar de todo o apoio familiar em relação ao trabalho, estudo e criação do filho que possam ter as adolescentes, aparentam não alcançar mudanças importantes que representem uma melhoria em suas condições de vida. Sabe-se que a presença de um filho, independentemente da idade da mãe, requer por parte de toda a família uma mudança, na rotina e principalmente no modo de viver e pensar a vida.

Aurora, diante da gravidez, percebeu uma necessidade de abandonar a escola, e os acontecimentos seguintes afastaram-na definitivamente. Hoje, permanece sem concluir os estudos, apesar de reconhecer a importância deles.

Alguns autores defendem que, para se desejar e planejar um futuro mais adequado no tocante à moradia, escolaridade e saúde se torna necessário haver uma pessoa tida como referência, papel este inicialmente reservado ao pai ou à mãe

no âmbito familiar. No contexto em que a jovem Aurora está inserida, não houve esta referência, uma pessoa a quem ela pudesse ser direcionada, tanto nas questões escolares quanto profissionais. O abandono dos estudos é recorrente em situações análogas. Alcântara e Bastos, (2003) defendem que:

“O vínculo estável com o adulto fornece o desempenho de novos papéis na família e, portanto, contribui para a reorganização de todo o grupo familiar em eventos que representem crise e ruptura”.

As atividades desenvolvidas por estas pessoas são aquelas em que a escolaridade não é exigida, a exemplo a mãe da jovem Aurora, que trabalhava em reciclagem, do irmão que é lavador de carros, e da irmã é manicure. Quando questionada se na família ou vizinhança ela tem alguém com quem ela possa “olhar”, conversar, confrontar sobre o futuro profissional ela respondeu: “Não. Eu não tenho!”

Aurora demonstra um desejo de ter uma vida melhor do que vive atualmente, porém, afirma que ter um companheiro que não seja envolvido com o tráfico é algo quase impossível.

“Desejo muito ter minha casa para morar com meu filho.”

“Não desejo sofrer de novo tudo que passei antes com o pai do meu filho, aqui quase todos os rapazes são envolvidos com drogas, não desejo isso novamente, prefiro ficar sozinha.”

6.3.2 O caso Rapunzel

“Só o agora é importante. O ontem já foi, e o amanhã nem existe ainda”. (O Teatro Mágico)

Rapunzel tinha dezoito anos quando a conheci, e já tinha uma filha de três anos, seu cabelo afro era cheio de longas tranças como as da personagem que dá nome ao caso. Ela era uma adolescente de personalidade forte e muito decidida, responsável e comprometida com as atividades que eram desenvolvidas no projeto. Ela costumava dizer: “estou aqui porque desejo aprender a fazer alguma coisa para

que de alguma forma possa garantir um futuro bom para mim e principalmente para minha filha”

Ela ainda estudava, estava terminando o ensino médio, durante o dia trabalhava como manicure e a tarde sempre participava dos trabalhos desenvolvidos no projeto: corte e costura curso de flores, cabeleireiro, decoração de camisetas e outros.

Rapunzel morava com o companheiro na casa dos pais dele, mas ela pouco falava sobre ele, ninguém sabia nada de sua vida pessoal. Apenas que, Rafaela, outra aluna do projeto, era irmã sua cunhada. Esse mistério era devido o envolvimento do companheiro com as drogas.

Era evidente para quem a conhecia o desejo que tinha de realizar seus objetivos e oferecer a filha uma boa qualidade de vida. Tinha perspectivas positivas em relação ao futuro, apesar das dificuldades que encontrava. Durante um dos encontros Rapunzel falou: “Minha filha chegou em um momento que eu não esperava, mas eu sou responsável e vou oferecer a ela o melhor que puder...”

O caso de Rapunzel é diferente dos outros casos encontrados. Ela, como tantas outras meninas engravidou na adolescência, enfrentou este fato, porém além de enfrentar todas as dificuldades de uma adolescente grávida: a falta de apoio dos pais e a falta de um trabalho formal, a morte violentado companheiro não desistiu dos estudos e nem de reconstruir sua família.

O encontro, depois de cinco anos, foi amistoso, apesar do desencontro inicial. A casa era dos pais dela, estavam todos finalizando um almoço de família. A filha dela que hoje é adolescente também estava lá e também o filho de dois anos: Bruno. Estava ainda, o pai dela, a mãe e uma das irmãs. Era costume almoçar com os pais no domingo.

Rapunzel mora no andar de cima, em um espaço pequeno que foi cedido pela mãe: um quarto, sala, cozinha e banheiro. A irmã dela mora na casa ao lado. A mãe da entrevistada D. Joana tem 67, teve quatro filhas, com o pai de Rapunzel e duas filhas com outro companheiro. Todas as irmãs tiveram filhos no período da adolescência.

A primeira aos 16 anos, a segunda com 17 anos, a terceira também, e a quarta, aos 15 anos. Quando Rapunzel engravidou a irmã de 17 anos também

estava grávida. D. Joana não soube informar exatamente a idade com a qual engravidou a primeira vez, mas lembra de que também era adolescente.

Finalmente Rapunzel desceu, arrumada como se aquele fosse um momento especial à entrevista iniciou-se na sala ao lado. Ela estava bastante desconfortável com a presença da filha que observava tudo, então, pediu que a filha se retirasse, pois estava atrapalhando, mas a mesma recusou-se. Assim, a conversa foi transferida para a laje de casa.

Rapunzel também não ficou muito confortável em falar sobre a sua primeira maternidade, pois o novo companheiro estava na casa ao lado de onde acontecia a conversa. Aos poucos, foi contando com a voz bem baixa e triste tudo que aconteceu em sua vida, após 2005. A primeira coisa que falou foi sobre a morte violenta do seu primeiro companheiro que foi brutalmente assassinado por policiais.

“Ele morreu dia 27/12/10 aqui nessa rua, ele estava de folga e eu não”... Teve o maior fuzuê aqui na rua e “os *homem*” (policiais) acabaram matando ele. Ele andava com gente que não prestava, ficava dizendo que os meninos eram amigos dele, só pelo fato de ser sido nascido e criado aqui, achava que tinha que andar com eles.”

Seu primeiro companheiro era usuário de drogas e andava no meio de outros usuários e até traficantes, mas, trabalhava e sustentava a família. E Relata que: “ele era um ótimo companheiro, trabalhava de segurança, eu gostava muito dele, me faz muita falta, todos aqui gostavam dele”

Rapunzel conheceu o seu primeiro companheiro, pai da filha, no tempo da escola, quando foi passear com as amigas lá no “Boqueirão” local, do bairro conhecido pela violência e pelo tráfico de drogas. Segundo ela, “apaixonaram-se de verdade” e logo começaram a namorar “sério”. Encontravam-se na casa dele, todos os dias após a escola. Naquela época, ele tinha 17 anos. Ele tinha orelhas de abano e por isso era conhecido como “*Orea*” (orelha). Ela disse que ele era um rapaz muito respeitador, sério e só iniciaram um relacionamento mais íntimo porque ela pediu, foi com ele que ela teve a primeira relação sexual. Eles não faziam uso de nenhum método anticoncepcional por falta de conhecimento. “[...] depois que engravidei a escola começou a falar sobre esse assunto [...] pelo menos minha gravidez serviu para orientar as minhas colegas”.

A sogra desconfiou que Rapunzel estivesse grávida e resolveu procurar a mãe dela para comunicar a provável gravidez, pois, a menina apresentava vômitos constantes. “Ela me viu vomitando e perguntou: você tá grávida é sua descarada?”.

Desconfiadas da gravidez, e não contentes com fato de serem avós dentro daquelas condições, a mãe e sogra combinaram de oferecer um “chá de cravo” ou “Cytotec”. Rapunzel se recusou a tomar. Então elas, sem terem o que fazer, resolveram aceitar as circunstâncias. A sogra logo disse: “Eu não vou cuidar de neto nenhum!” e a mãe gritou “se ela procurou tem que assumir.”.

Rapunzel disse que esses comentários ajudaram a ela a ser mais forte e a dar alguns passos na vida que a ajudaram a responder aos pontos críticos que apareceram em sua trajetória. Ela tem consciência que a coisa mais importante que fez foi continuar os estudos. Apesar da vergonha de ir à escola grávida, ela não abandonou aquilo que dava a ela a “possibilidade de um futuro melhor para filha”.

Logo que a filha nasceu, Rapunzel foi morar na casa do companheiro, com a cunhada, a sogra e o sogro. Com apenas 15 anos, ela achou que morar na casa do companheiro seria a melhor opção, mas percebeu depois que não havia diferença, entre estar com a família dela ou a família do companheiro, a responsabilidade em relação à filha era sempre dela e dele. Morar em um ambiente estranho era desconfortável para ela.

Depois da chegada da pequena Flora, nome escolhido para a menina, Rapunzel precisou ausentar-se um pouco da escola, mas logo que pôde, retornou aos estudos. O problema é que só podia assistir às aulas no turno noturno, pois assim conseguia frequentar com maior tranquilidade. Ela alternava as pessoas que podiam cuidar da criança, mas quando ninguém queria ajudar, ela levava a pequena para a escola.

O companheiro não trabalhava, pois o pai o achava muito novo. Aos poucos, ele foi se introduzindo na construção civil, como ajudante de pedreiro. O sogro, que sustentava a família, trabalhava como mestre de obras.

“Minha maior dificuldade em ter tido minha filha na adolescência foi o fato de não poder trabalhar, pois sem trabalhar eu não podia ter minhas coisas. Eu pensei que morar na casa dele seria melhor pra mim... mas passei por algumas humilhações, elas escondiam creme de cabelo e leite para eu não usar.”

Assim que pôde ela procurou aprender a fazer alguma atividade que gerasse renda para ajudar a sustentar sua filha e a comprar as coisas dela, expôs que: “Resolvi fazer unhas. Depois que minha filha nasceu entendia que a responsabilidade da minha filha era minha e do pai dela, além de fazer unhas saia para vender produtos de dedetização pelas ruas do bairro”.

Rapunzel tinha um grande problema que sempre a atrapalhava de ter um trabalho formal, pois precisava faltar devido a problemas respiratórios que a filha apresentava constantemente.

“Uma vez fiquei muito triste com minha mãe... Fui a uma loja lá na Santa Cruz e encontrei uma *Melissa* (Sandália) linda para minha filha, queria muito comprar, mas não tinha dinheiro. Fiquei com vergonha e pedi a minha sobrinha para pedir a minha mãe. E minha mãe disse que quem tem seus carvões molhados que abane, não vou mandar dinheiro não!”

“Minha mãe, como havia prometido, não ajudava em nada com minha filha e o pouco que fazia jogava na minha cara”.

Apesar das diversas dificuldades encontradas ao longo da vida, e mesmo sem apoio integral da família, ela tem uma perspectiva positiva em relação ao futuro.

Diante da morte do companheiro, ela enfrentou dificuldades ainda maiores, teve que abandonar toda uma vida construída dentro daquela comunidade e ir embora para um novo lugar, diferente e longe das pessoas com as quais era acostumada a viver.

Ela precisou ser afastada do trabalho, que trabalhava há seis anos, pois ficou muito fragilizada com o assassinato do companheiro, foi diagnosticada com depressão.

Iniciar uma nova vida, enfrentar a depressão, perder o trabalho, foram alguns dos dramas que não contribuía para um bom desenvolvimento do seu papel de educar uma filha sozinha. A violência e o uso de drogas são os maiores medos de uma mãe.

Após oito meses do falecimento do companheiro, ela iniciou um novo relacionamento com um rapaz que conheceu próximo ao seu trabalho. Rapunzel sente uma enorme falta da presença do pai da filha, principalmente agora que a filha se encontra na adolescência e está ocasionando sérios problemas em relação à escola, pois já deseja iniciar um namoro, mas acredita que a presença do pai que era extremamente rigoroso com a filha só iria ocasionar problemas mais graves.

“se o pai dela estivesse presente não teria muito diferente, às vezes aconteceu isso para não acontecer algo pior. Se ele estivesse aqui já teria feito um arte (matado) com ela.”

“Ele morreu e a vida segue! Preciso enfrentar a vida, sem ele, e não fico pensando como estaria minha vida se ele estivesse aqui. Penso que agora ele não está, mesmo fazendo uma enorme falta. Ele era um bom companheiro, hoje tenho um filho e um novo companheiro”.

CAPÍTULO 7
UM OLHAR TRANSVERSAL: CONSIDERANDO AS
TRAJETÓRIAS PECORRIDAS

Nesta seção, assume-se uma perspectiva transversal, comparativa, sobre os diversos casos, considerado momentos e aspectos importantes da trajetória das meninas: como se deu a descoberta da gravidez, a reação do companheiro e família diante da gravidez e as alterações que ocorreram no universo do estudo e trabalho.

7.1 Descobertas da gravidez

Para algumas adolescentes iniciar a relação sexual é uma descoberta, uma aventura, uma possibilidade de descobrir novas emoções, tornar-se independente, deixar de ser criança. Em alguns casos existe um medo, um temor. Em outros casos, a gravidez na adolescência é encarada como uma possibilidade de fuga da realidade em que se vive.

Em raros casos, houve um temor em relação às consequências a que a iniciação sexual levaria, como: gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, reação violenta dos pais, o afastamento dos familiares e do namorado, comentários das pessoas no meio em que vive a respeito da sua gravidez, as cobranças e as responsabilidades que são geradas pela maternidade e, ainda, a possibilidade de assumir sozinha a criação dos filhos e de alterar seus planos futuros.

Apesar de reconhecer que todas essas possibilidades poderiam acontecer diante da iniciação sexual, poucas enfrentaram este possível fato como problema. Inicia-se a atividade sexual e somente depois as possíveis consequências são avaliadas e analisadas.

Relato a seguir como aconteceu a descoberta da gravidez das jovens mães em estudo, conforme descrito pelas mães mais atentas. Sabe-se que a gravidez provoca na mulher uma série de alterações devido às mudanças que o organismo necessita para acolher esse novo ser. Uma das primeiras alterações é um aumento da mama e principalmente uma maior pigmentação da aréola do mamilo, este é um sinal claro.

Bela, grávida aos dezesseis anos, relata que começou a observar algumas alterações no corpo; ela não desejava engravidar, já morava com o companheiro, confessa que nunca pensou que isso não poderia acontecer com ela, e diz que:

“Depois de dois meses, eu vi meu selho (seio) inchar, a menstruação não desceu, fui fazer exame, chegou lá deu que eu estava grávida com dois meses.”

O mesmo aconteceu com Jasmim que engravidou aos treze anos, ela diz que havia iniciado a ter relações com o namorado aos onze anos e foi orientada a respeito do uso de anticoncepcionais, mas não fazia uso, desconfiou que estivesse grávida, mas não contou a ninguém. “Sentia muito sono e minha menstruação atrasou, comecei a desconfiar, ai fui ao médico, sozinha, quando fiz a ultrassom tive a confirmação da gravidez!”

Para outras, não muito atentas aos sinais, mesmo com todas essas alterações que o corpo apresenta com a chegada do bebê a descoberta da gravidez só se deu com a observação de outra pessoa próxima.

Alice, já estava grávida de três meses, com quinze anos, ninguém em casa imaginava que ela estava grávida, nem mesmo que ela tinha um namorado foi a irmã mais velha que percebeu a barriga já pulando. “Eu nem percebi que estava grávida, já estava com três meses a barriga já grande quando minha irmã desconfiou e me perguntou, eu disse que barriga estava grande por que tinha acabado de comer.”

Outro sintoma que a gravidez provoca é a presença de sonolência intensa durante o dia, e foi esse sintoma que Aurora sentiu, mas mesmo assim não desconfiou, foi então que sua amiga um pouco mais experiente desconfiou e perguntou.

“Eu comecei a ficar sonolenta. Nunca tive o hábito de dormir pela tarde. Meus seios começaram a crescer. Isto chamou a atenção de uma amiga minha que suspeitou. O resultado deu positivo. Já estava com uma gestação de dois meses e meio”

Para Rapunzel a descoberta se deu de forma meio que constrangedora, pois ela nem desconfiava que estivesse grávida, na casa do namorado, a sogra a viu apresentando diversos episódios de vômitos durante o dia e desconfiada ficou observando. “Eu nem sabia que estava grávida, minha sogra que me viu vomitando quase todos os dias e desconfiou me perguntou bem assim: - Você está grávida é sua descarada?”

Apenas em um dos casos a gravidez foi descoberta por exames médicos, quando Cinderela foi fazer o exame de rotina para adquirir a próxima cartela de anticoncepcionais no centro de saúde do bairro onde a mesma fazia o planejamento

familiar. “Descobri quando fui pegar os remédios. Como eu tinha parado de tomar, tive que fazer exames de sangue, ultrassom. Aí os exames deram positivos.”

A descoberta da gravidez se deu de formas variadas: algumas apresentavam conhecimento do próprio corpo, notaram as alterações que a gravidez provoca no corpo da mulher: como aumento da mama, atraso menstrual, sonolência, enjoo, vômitos. Outras já não tinham esse conhecimento a respeito do próprio corpo não observaram essas alterações. Apenas duas das meninas perceberam que estavam grávidas. No quadro abaixo será apresentado por quem foi percebida inicialmente a gravidez.

| | Bela | Jasmim | Alice | Cinderela | Aurora | Rapunzel |
|------------------------------|-------------|---------------|--------------|------------------|---------------|-----------------|
| Percepção da gravidez | A mesma | A mesma | Irmã | Exames médicos | Prima | Sogra |

Quadro 13 – Percepção e descoberta da Gravidez

7.2. Reações da família

Aqui será analisada a posição de cada família diante da notícia que a filha estava grávida. Uma experiência de ruptura para algumas famílias, para outras, esta notícia é considerada algo normativo, já esperado, mesmo que de forma inconsciente. Será caracterizado o comportamento da família diante desse evento, tão complexo, tão cheio de novidades e expectativas que é a maternidade na adolescência.

A família de Bela reagiu de forma acolhedora; não seria algo fora do normal que ela aparecesse grávida, já que ela morava com o companheiro, antes mesmo de engravidar.

“Lá em casa ninguém falou nada não quando fiquei grávida, iriam falar o que? eu tinha meu marido, ele assumiu tudo, o problema era meu, ninguém se mete não”.

Apesar de pouca idade, Bela já se considerava uma mulher vivendo com o companheiro. Neste caso, assim como a maioria dos casos abordados, não existe a figura paterna presente, a mãe geralmente é a única responsável pela educação dos filhos, Bela tinha sete irmãos. Não conseguindo prestar conta de toda

responsabilidade com os filhos, a mãe atribui aos filhos muito precocemente algumas responsabilidades; este fato acontece não por abuso ou negligência; muitas vezes é por necessidade mesmo.

“Petrini, Moreira, Alcântara, Reis, Santos, & Fonseca (2007) em seus estudos afirmam que, entre as famílias de baixa renda, os núcleos monoparentais chefiados por mulheres são cada vez mais presentes, ou seja, são comuns as famílias constituídas pela mulher com seus filhos, nas quais o pai é ausente ou desconhecido. Além disso, em casos de famílias reconstituídas, muitas vezes a mulher tem filhos de diferentes relacionamentos e seu companheiro nem sempre é o pai biológico de todas as crianças.” (MATTOS, 2013)

Educar oito filhos de maneira solitária não é uma tarefa muito facilitadora, sem contar os diversos fatores que estão inseridos nesse contexto que favorecem com que a educação fornecida em casa não surta o efeito desejado nos filhos: a violência, a pobreza, a ausência de oportunidades são alguns exemplos.

“Quando eu engravidei, eu já morava com ele, minha mãe não reclamou não e meu pai não mora com a gente não”.
“Lá em casa éramos uns oito irmãos, uma roupa que eu colocava em um lugar sempre uma irmã vinha e vestia, comprava um perfume com tanto esforço vinha outro irmão e usava, entendeu”? “E lá (na nova casa) não, eu botava lá e era só meu ninguém mexia.”

A gravidez não ocasionou mudanças relevantes na família de Bela, pois ela já morava com o pai da criança, essa decisão de ir morar com ele também não provocou mudanças, pra ela só benefícios, pois com ele alguns privilégios foram adquiridos como: a privacidade e um maior conforto. Este caso a gravidez para a família aparece associada à conquista de alguns ganhos de natureza social e psicológica.

A maternidade para a família de Bela era considerado um evento esperado, normativo e o fato da filha estar morando com um rapaz usuário de armas e drogas não era considerado pela família um problema, pois, apesar do companheiro apresentar tais características, havia a possibilidade dele ser um rapaz adequado para filha, ele tinha algumas características vistas como positivas, como o fato de ter uma profissão e um trabalho fixo.

“A família passou por transformações recentes e perdeu seus contornos tradicionais e autoritários, mas tornou-se palco de discursos contraditórios em relação à autonomia e dependência dos filhos. O modelo tradicional não desapareceu totalmente e convive com novos arranjos familiares mais igualitários, onde há mais liberdade e autonomia.” (Mattos 2013)

Jasmim engravidou muito precocemente, aos treze anos. A reação da família dela foi mesmo de aceitação, não houve muita discussão, as avós maternas

decidiram apoiar a gestação e assim aconteceu, mas com o passar do tempo os problemas com a sogra foram aparecendo, ocasionando diversos conflitos familiares.

“Minha mãe não falou nada quando fiquei grávida. Ela ia falar o que? Se eu com onze anos já vivia na rua namorando, batendo perna. Isso é uma forma de educar. Ela também não ligava nem um pouco para o que eu estivesse fazendo. Quem me orientou em relação ao sexo foram minhas amigas da rua, ela nunca me orientou em nada!”

“Ela (sogra) aceitou minha gravidez. Mas com um tempo começou a jogar o filho contra mim. Inventava fofoca. Fica azucrinando nossa vida. Eu também já não tinha um temperamento muito bom. Dai começaram as brigas. Ela inventava que me via com outros homens. Como ele era ciumento ficava nervoso. Era muita confusão.”

De acordo com relatos de Jasmim a mãe tem um percentual de culpa em relação ao fato dela ter engravidado tão precocemente, refere à falta de cuidados maternos em relação a ela, falta de comunicação esclarecimento acerca da sexualidade. Relata que toda orientação que possuía sobre sexualidade foi recebida pelas amigas.

Ao descobrir que a filha de 14 anos estava grávida de um homem muito mais velho que a filha, o pai de Alice ficou extremamente contrariado, não aceitando de hipótese alguma a gestação da filha.

“Quando meu pai ficou sabendo que eu estava grávida de um homem , ficou completamente transtornado e até me pediu para que eu ela abortasse o filho como eu não aceitei , acabei indo embora de casa”.

“Na verdade ficava curiosa quando ele me proibia de fazer certas coisas, aquilo na verdade me despertava curiosidade.”

“Meu pai pediu para eu abortasse o meu filho, foi a condição que me deu, ele não me mandou embora diretamente, mas entendi que para continuar com meu filho teria que ir da casa dele, ai fui embora com meu namorado.”

Diferente da postura paterna, a mãe tentou de alguma forma ficar perto da filha, pois sabia o tamanho da imaturidade da filha e dos problemas que ela poderia encontrar, mas, para não provocar ainda mais o companheiro ela fez isso de forma discreta para que ele não notasse. Mas Alice sabia que a qualquer momento poderia contar com o apoio da mãe. Mattos (2013) salienta que na esfera familiar, a figura materna é uma presença forte e emerge como principal fonte de acolhimento, cuidado, incentivo e diálogo.

“Minha mãe era diferente, ela tentava amenizar as coisas pra mim por que sabia que meu pai era muito rigoroso.”

“Minha mãe também não gostou, mas ficou ao meu lado, mas não podia contrariar meu pai”.
“Acabei voltando pra casa depois que meu filho nasceu, eles me aceitaram de volta”.

Aqui há uma figura paterna diferente dos outros casos , é um pai daqueles rigorosos. Para esse pai, o fato da filha ter um filho na adolescência seria a última possibilidade. Diante das duas propostas feitas pelo pai: abortar o filho ou ir embora de casa, Alice preferiu ir embora com o pai da criança. “Era eu ou meu filho, acabei decidindo pelo meu filho”.

Aqui a maternidade e a escolha por engravidar de um homem maduro fornecem indícios de ter sido buscada, mais ou menos de forma consciente, a possibilidade de uma independência de vida que a mesma desejava, mas que não era possível próximo à figura de um pai tão rigoroso.

Porém foi observado que essa expectativa não foi confirmada depois de ter experimentado o que tanto desejou e vislumbrava como o mais adequado. E relatou que: “Fui morar com meu namorado na casa dos pais dele, mas, não foi uma experiência muito boa, pois ele era muito ciumento e não permitia que eu saísse de casa. “A liberdade que achei que ia ter não aconteceu”

A situação familiar de Cinderela também não difere em relação aos outros casos apresentados. Tomar conhecimento que mais uma filha estava grávida tão precocemente não foi uma notícia nada agradável para a mãe de Cinderela.

“Ela criou o filho da minha irmã, que engravidou aos 13 anos. Quando contei a ela também ficou contrariada. Mas, não criticou, ficou chateada, mas ficou tranquila quando disse que a outra avó havia dito que iria criar a criança.”; “Não conheço meu pai”

A maternidade neste caso é vista também como um evento normativo: todas as filhas engravidaram na adolescência; Cinderela dentre as irmãs, foi quem engravidou com mais idade, aos 17 anos. A sua irmã mais nova engravidou aos 13 anos. Aqui diante de um fato não esperado, os familiares têm como solução delegar a responsabilidade à outra pessoa. O mais comum é que a figura materna se responsabilize. A mãe, mesmo sem condições, acaba assumindo a responsabilidade da maternidade das filhas. Vivem em uma situação de extrema pobreza.

Neste caso não é cogitada a possibilidade de aborto, eliminar o filho ainda na barriga não é considerado como solução. Um filho é visto aqui como uma graça de Deus.

“Aprendi que cada filho é uma graça, por isso não aborto, pensei na possibilidade, mas não consigo fazer “Quando falta algo para comer, os vizinhos e os familiares compartilham, e caso não tenha “a gente espera o outro dia chegar.”.

No caso Rapunzel, a não aceitação surgiu em ambos os lados da família nem a sogra e nem mesmo a mãe de Rapunzel aceitaram a gravidez de forma tranquila; não contentes com fato de serem avós, as mães ofereceram um chá de cravo ou “Cytotec” (Misoprostol), dois métodos utilizados para provocar aborto. Rapunzel se recusou a tomar. E então elas resolveram aceitar a gravidez.

Diante da postura de recusa a sogra disse: “Eu não vou cuidar de neto nenhum!” e a mãe comentou “se ela procurou tem que assumir.”.

“Uma vez fiquei muito triste com minha mãe... Fui a uma loja lá na santa cruz e encontrei uma melissa linda para minha filha queria muito comprar, mas não tinha dinheiro. Fiquei com vergonha e pedir a minha sobrinha para pedir a minha mãe fiquei esperando a resposta, quando ela chegou me disse Sua mãe dizer: fale a ela que “ Quem tem seus carvões molhados que abane, não vou mandar dinheiro não !”

“Minha mãe como havia prometido não ajudava em nada com minha filha como ela prometeu, e o pouco que fazia jogava na minha cara”. Os pais deles ajudaram com o enxoval.

“Meu pai me abandonou. Quando ele soube que Mãinha estava grávida ele deu no pé. Foi trabalhar em Belo Horizonte e por lá ficou. Nunca tinha visto. Sequer me registrou. Conheci ele há pouco tempo tem uns dois anos”.

“Eu brigava muito com meu padrasto.”

“Depois do nascimento de Lucas as brigas aumentaram. Meu padrasto ficou muito irritado”.

“Falava mal de mim, me chamou de vagabunda. Que eu tinha pegado um ladrão. Era um fuzuê!”

“Meu padrasto foi embora corrido”.

A relação mãe e filha aqui ganha destaque, a queixa principal da figura materna é a falta de sinceridade e não o fato de ter engravidado. Diante do medo e desejo de não dar continuidade a gestação por parte de Aurora, é a decisão da mãe que prevalece.

“No principio eu contei para uma prima minha. Ela prontamente começou a espalhar para todo mundo. Daí caiu no ouvido de minha mãe. Minha mãe me acabou! Ela ficou chateada por eu não ter sido sincera. Mas, ela me apoiou. Orientou-me e disse que iria me ajudar, para que eu criasse meu filho do mesmo jeito que ela me criou, pois não queria que eu fizesse aborto.”

É notório que quando essas adolescentes percebem um suporte familiar seguro diante dos pontos críticos que ocorrem ao longo da trajetória, uma resposta diferente é dada diante desses acontecimentos, capaz de trazer respostas positivas diante da vida.

“Estudos realizados por Ferreira-Santos (2005, 2010) em comunidades populares de Salvador, ressaltam que a figura materna é uma referência forte na vida dos jovens, uma presença que simultaneamente apazigua e orienta e, também, promove o encontro com o mundo. A mãe é percebida como fonte de acolhimento, trocas e diálogos, ensinamentos e conselhos. Ela compartilha com os jovens os momentos difíceis e oferece importante apoio no enfrentamento das adversidades.” (MATTOS, 2013)

Porém percebemos que em alguns casos mesmo com todo o apoio familiar algumas entrevistadas respondem de forma não adequada, não esperada a alguns aspectos da realidade como: aspectos profissionais e educacionais.

Note nestes dois casos...

Alice e Cinderela engravidaram, nos dois casos, os pais apesar de contrariados com a situação em que as filhas se encontravam, acabam apoiando de certa forma a maternidade.

Elas respondem completamente diferente a esse suporte familiar. Principalmente no que diz respeito à questão profissional e educacional.

A família permanece como o principal eixo de referências de cuidado e afetividade, fonte de trocas afetivas e simbólicas, tanto para crianças e adolescentes, como também, para os jovens (Abramo, 2005; Gonçalves & Coutinho, 2008; Rabinovich et al., 2012; Sarti, 2004).

7.3. Reações do companheiro

As meninas desta localidade começaram a namorar muito precocemente e o início da atividade sexual vem quase sempre acompanhado com o início do namoro, a ideia de ter um companheiro é importante pra elas, pois, segundo narraram, passam a se sentir protegidas, seguras diante de algumas situações de risco como: violência física, sexual, moral por parte de familiares e alguns moradores do bairro.

Uma coisa curiosa, é que na maioria dos casos elas geralmente se envolvem com os rapazes envolvidos com o tráfico de drogas ou usuários, pois veem nesses rapazes um status de poder, de ascensão, de segurança. Geralmente eles não têm

apenas uma mulher, pois são muitas as meninas que se atraem por esse tipo de rapazes. Os outros rapazes que não fazem parte deste contexto, não são bem vistos por elas, são considerados: babacas, idiotas, fracos, inseguros.

É fácil deixar-se envolver por esta forma de enfrentar a vida, as crianças vão crescendo e observando como se faz para viver e acabam achando atraente esta forma, sabem que é um risco, pois vêm todos os dias vizinhos e familiares sendo violentados, mortos ou fugindo de forma rápida para outro lugar, deixando toda uma história para trás, mas, mesmo assim se atraem, são muitos os benefícios considerados por eles: mulheres bonitas, amigos submissos, dinheiro garantido de forma facilitada, poder. Elas percebem que para alcançar tais benefícios não é necessário estudo e nem, muito menos, grande esforço físico.

São conscientes que o preço que pagam depois é caro: muitas vezes a própria vida, ou de familiares, mortos pelos próprios companheiros ou pelos “os homem” - (os policiais).

A ausência de uma perspectiva para o futuro é muito presente, não são traçadas metas, objetivos.

Aqui, o desejo esboçar como se deu a reação do companheiro diante da notícia que a companheira estava grávida. As reações dos companheiros ao saber da confirmação da gravidez das companheiras variaram entre a dúvida e aceitação da paternidade, essa aceitação se deu na maioria dos casos, de forma tranquila.

Vejamos como aconteceu:

Cinderela relata que teve receio em dizer ao companheiro que estava grávida, mas precisava contar. Ao revelar pessoalmente, ele teve uma reação desagradável, como ela já esperava que ele tivesse, não aceitando a paternidade da criança, ele não iria se responsabilizar. Eles não tinham um relacionamento estável, ele era envolvido com drogas e tráfico.

“Ele não acreditou que o filho era dele porque eu não pegava só ele, pegava vários. Depois que ele se conformou, pois a mãe dele também conversou com ele.”

“Ele disse que era para eu abortar, ou que fosse procurar o verdadeiro pai do meu filho.”

A tensão entre interromper ou não a gestação foi confrontada com uma prima, mais velha, que havia passado pela mesma situação e encontrou na mãe o apoio e

a solução. Aqui a figura do adulto entra como uma referência. “É melhor você ir conversar com a mãe dele para tentar resolver isso.”

Ela mostra conhecimento do próprio corpo, pois apesar dos diversos parceiros sexuais sabia quem era a pai da criança. “Eu lembrava o dia em que havia ficado com ele, ai fiz as contas, com a quantidade de meses que o médico falou que estava eu tinha certeza que era dele.”

Alice, diferente de Cinderela, ao saber que estava grávida foi contar imediatamente ao companheiro da desconfiança da possibilidade da gravidez o companheiro de Alice logo mostrou preocupação, pois a família da namorada não sabia que eles namoravam, um filho seria algo muito grave para falar com os pais de uma menina de 15 anos que namorava um homem de 28 anos. Este trabalhava como segurança e não era usuário de drogas. “Falei com meu namorado ai fomos fazer o exame na clinica, chegou lá deu positivo, eu fiquei normal, ele um pouco desesperado.”

O caso de Bela é singular, pois, diferente dos outros casos, este casal já morava juntos, antes mesmo de surgir a gravidez; mesmo nesta situação ela ficou preocupada em contar ao companheiro que estava grávida, pois ela já tinha outros dois filhos com outra mulher.

“Sempre tive o apoio dele. Ele falou: se vier, a gente assume, aí foi o que me deu mais força né! É que no começo eu ficava chorando, preocupada, com “16 ano “e já estava grávida de um menino, de uma criança, uma criança grávida de outra criança, como é que ia ser?”

Já no caso de Jasmim, esta se mostrou muita tranquila ao desconfiar que estivesse grávida, antes de contar ao companheiro resolveu ter certeza do resultado. “ele ficou muito feliz, alegre”.

No caso de Rapunzel foi perceptível que eles não tinham ideia do que estava para acontecer com a chegada de uma criança, eram muitos jovens: ela tinha 15 anos e ele com 17 anos. Ainda estudavam, porém mesmo sem ter a consciência do tamanho da responsabilidade desejaram o filho. “Sim eu quero! vamos assumir nosso filho!”

Para Aurora, ter que contar para o companheiro foi algo um pouco dramático, mas a reação do companheiro também foi de aceitação da gravidez, o drama se deu pelo fato dela não ser a companheira oficial. Aurora conta que não teve coragem de

contar a ele, mas disse que a reação foi de aceitação, quando a prima dela contou. “Se ela estiver grávida mesmo eu irei assumir toda a responsabilidade, sei que o filho é meu!” “Eu nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo, e nem que ele fosse aceitar”.

Diante da resposta do companheiro em relação a sua gravidez Aurora se encontrou diante de uma situação que ela não esperava, e isso pra ela foi algo de excepcional.

Para Aurora aconteceu exatamente assim, e isso fez com seu amor crescesse ainda mais por aquele homem, que apesar de ter todo um envolvimento no mundo do tráfico, e das drogas era diferente para ela. “Aqui todos gostam dele” “Ele apenas revendia. Não era chefe de nada. Sempre tem os mais envolvidos e mais perigosos. Ele era tranquilo. Só repassava o que alguém dava pra ele revender.”

Ela temia a não aceitação por parte dele da gravidez, pois ele tinha uma namorada fixa. Mas não! Para surpresa e desejo dela, ele assumiu perante a toda comunidade que o filho era dele, ele iria se responsabilizar. Aurora se encontrava diante de algo excepcional para ela, nunca imaginara que ele de verdade desejasse a criança como ela a queria. “um filho do meu amado”. “Meu filho é tudo pra mim, tudo, tudo, tudo”.

| | Jasmim | Bela | Alice | Cinderela | Rapunzel | Aurora |
|--------------------------------|---------------|-------------|--------------|------------------|-----------------|---------------|
| Idade | 19 | 21 | 28 | 26 | 17 | 21 |
| Envolvimento com drogas | NÃO | SIM | NÃO | SIM | SIM | SIM |
| Filhos anteriores | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | NÃO |
| Aceitação | SIM | SIM | SIM | SIM | SIM | NÃO |
| Sugeriu aborto | NÃO | NÃO | NÃO | SIM | NÃO | NÃO |
| Trabalho | NÃO | SIM | SIM | NAO | NAO | NÃO |
| Escola | SIM | NÃO | SIM | NÃO | NÃO | NÃO |

Quadro 14- Informações a respeito do companheiro no momento em que ocorreu a gravidez

A faixa etária das idades dos companheiros variavam entre dezessete a vinte e oito anos, em dois dos casos os companheiros já haviam feito à experiência da paternidade. Apenas um companheiro sugeriu que a companheira realizasse o aborto, todos os outros aceitaram.

Em relação à profissão apenas dois deles trabalham: um como padeiro e o outro como segurança. A maioria não estudava ou havia abandonado os estudos. Quatro deles faziam uso de drogas.

7.4. Estudos

Foi notado durante as narrativas que dentre as diversas consequências que a maternidade na adolescência provoca é justamente as relacionadas ao aspecto educacional.

Percebe-se que apesar de reconhecer por parte de algumas a importância do estudo para um bom desenvolvimento da trajetória materna, elas não conseguem persistir, vejamos como esse processo acontece e que fatores contribuem para que essa falta de desejo aconteça.

“Não foi nem porque não tinha com quem deixar meu filho, minha mãe sempre me ajudou, sempre olhou meus filhos, pra eu trabalhar, pra estudar, até pra passear também, sempre minha mãe me ajudou, me apoiou”.

“Estudei até o segundo ano porque eu quis, entendeu? Comecei a ficar cansada: trabalho, filho, casa, aí foi me desmotivando.”

Para Bela o estudo, isto é, a escola não tem o significado de um lugar, um espaço de construção de conhecimento que favorece a vida, o estudo pra ela foi apresentado de outra maneira, ou foi entendido por ela de outra forma, uma forma não atraente. Percebe-se claramente um distanciamento entre o mundo da escola e o que ela vive. Um fato não tem nenhuma relação com o outro. Há mesmo um desinteresse. “Eu nunca gostei de estudar, só ia para escola porque minha mãe mandava”.

Há uma ambivalência a respeito dos estudos; acima, Bela disse que não gosta de estudar. Porém, no relato abaixo, há uma intuição do seu significado, da importância que estudo tem para o desenvolvimento da vida, indicado pela família, porém, não há uma radicalidade, um desejo concreto, capaz de mudar a realidade.

“Sei que terminar os estudos é muito importante, desejo terminar, mas ainda não coloquei como prioridade na minha vida, porque trabalhar na rua, cuidar de criança, trabalhar dentro de casa, aí... a noite ir pra escola, o corpo não aguenta não”.

Em relação aos estudos Jasmim não difere de Bela, o motivo é bem similar, um desinteresse total, justificado por um cansaço após a rotina diária, cuidados com a criança, cuidados domiciliares, atividade fora de casa e não sobra tempo e nem espaço na cabeça para estudar. “Ficava muito cansada. Tinha uma preguiça daquelas.”

O que difere um caso do outro é que Jasmim diz que não teve apoio familiar para permanecer na escola.

“Não. Oxi! lá onde eu moro não tem isso de apoiar não, você estuda se quiser.” (Jasmim).

“Meus filhos nunca atrapalharam meus estudos. Eu não fui por que não quis mesmo. Era preguiçosa mesmo.” (Bela).

Esses dois casos são diferentes dos outros apresentados anteriormente;, elas também estudavam quando engravidaram, mas diante das mesmas dificuldades encontradas não desistiram, permaneceram e usaram as dificuldades com motivação para permanecer na escola.

Alice, aparentemente imatura devido a pouca idade, intuiu logo que a escola era uma instituição central para o desenvolvimento do seu futuro, mas para entender isto contou com o apoio familiar e da própria escola.

“Em nenhum momento sentir vontade de desistir dos estudos, não me sentia cansada, desmotivada”. “Tinha certeza que para conseguir ajudar meu filho precisaria ter uma boa bagagem escolar.”

“Terminei todo o segundo grau, após o nascimento dele, com ajuda dos meus pais.”

No caso Cinderela o que ganha destaque e o que difere dos outros casos é que a justificativa utilizada por ela é o sentimento de vergonha que apresentou ao ficar grávida.

“Eu estudava à noite, já estava quase terminando o segundo grau, cheguei até ir à escola ainda grávida, mas parei durante a gestação. Porque fiquei com vergonha de sair com aquele barrigão crescendo e do povo comentando. Antigamente me preocupava com o que o povo falava, agora não”.

Para ela o estudo era sim um aspecto que interessava a vida, já estava terminando o ensino médio aos 18 anos, mas diante do evento da maternidade,

diante da opinião dos outros a seu respeito deixou de ser uma instituição central a vida, por vergonha de ter engravidado de um marginal. No caso Rapunzel, o sentimento da “vergonha” diante da gravidez também ganha destaque neste caso, mas observe a diferença na forma de enfrentar. Ela visualiza a escola como uma “promessa futura” “Eu ia para escola assim mesmo grávida, morria de vergonha, mas sabia que se não estudasse, não poderia dar uma vida melhor a minha filha”.

As dificuldades vão sendo enfrentadas, a todo o momento, ela não desanima, vai enfrentando, isso a diferencia dos outros casos - muitas vezes, ela desanimava antes mesmo da dificuldade se apresentar.

“Passei a estudar a noite, depois que minha filha nasceu, às vezes encontrava dificuldade de encontrar alguém para ficar com ela, quando não encontrava ninguém, eu levava ela comigo.”
“Com muita dificuldade e com pouco apoio da minha família, consegui concluir, mas foi ela (filha) que me deu forças para ir adiante”.
“Desejo voltar à universidade assim que meu filho crescer, aos poucos vou voltar para faculdade que não conseguir terminar.”

Algumas das entrevistadas relataram que, quando desistiram dos estudos por causa da gravidez, a evasão dela não foi significativa para os professores e direção da escola. Jasmim diz: “aqui não tem isso de apoiar não, você estuda se quiser professor e nem diretor fica atrás de ninguém, incentivando para permanecer os estudos não”.

Esta informação não é confirmada no caso de Aurora; aqui, a escola tem o papel importantíssimo, é reconhecida como uma instituição central em suas vidas, apontada um lugar de relações de amizade e de cumplicidade com colegas e com professores.

“Alguns professores falavam que eu deveria ter aproveitado mais os estudos, pelo fato de ser uma adolescente, poderia estar fazendo um aproveitamento melhor. Um futuro mais digno. Mesmo ocorrendo um descuido meu, que eu não desistisse de estudar. Eles se prontificaram em me dar apoio. Mas, mesmo assim eu desistir.”
“Até uma professora foi me visitar e ate me incentivou a voltar a estudar.”

Estudos revelam (Amparo et al., 2008; Leão et al. , 2011; Sposito & Galvão, 2004) também mostram que os jovens consideram os professores como uma referência central em suas experiências escolares, mas não deixam de apontar críticas. Os professores são vistos positivamente como incentivadores e orientadores dos alunos, não apenas em relação aos estudos, mas também com referência aos seus projetos de vida e sua visão de futuro. Além disso, são apontados como

peças com quem os jovens podem contar para dar conselhos e informações relevantes (Mattos & Chaves, 2010).

Mesmo diante de todo o incentivo da escola, ela não consegue permanecer, pois se ver diante de uma necessidade maior que é o sustento do filho. Há um desencontro no reconhecimento do apoio que teve dos professores e da família e a atitude em permanecer os estudos.

“Sim”. Eu que não quis mesmo. Eu achava que se eu estudasse não teria tempo para trabalhar. E quando eu voltasse teria que ficar com o menino. Então não haveria tempo para conciliar estudos trabalho e maternidade!”

Mas o que acontece aqui? Há uma multiplicidade e heterogeneidade das experiências. (trabalho/ estudo/ cuidado com os filhos). “Parei no primeiro ano do ensino médio. Queria até voltar, mas quando chego do trabalho estou tão cansada. Sei que isto não justifica.”

É nítida a ambivalência entre o reconhecimento do valor dos estudos e o desejo de estudar. A verdade é que a realidade grita e diante das dificuldades, cada um enfrenta da forma que consegue.

Sabe-se que muitas vezes a garantia de um estudo não garante um futuro profissional satisfatório quando se diz respeito às questões financeiras. O que está em jogo não o diploma, o certificado. O importante é entender a importância do estudo para construir a própria vida, pois estudar abre novos horizontes.

“Estudos revelam que a experiência escolar é vivida de forma ambígua pelos jovens de comunidades populares como um espaço necessário ao alcance de seus objetivos futuros, mas também distante de suas experiências cotidianas. Ao mesmo tempo em que os jovens seguem valorizando a escola – pela vontade que têm de permanecer estudando e por apreciarem o ambiente que desfrutaram ali – o fazem de maneira contraditória, revelando o distanciamento existente entre as esferas da experiência escolar e familiar, bem como do trabalho, apontando as tensões vividas nessa relação (Dayrell, 2007, 2010; Ferreira Santos, 2005; Mattos & Chaves, 2010)” Mattos, 2013.

7.5 TRABALHO

Quando nasce um filho geralmente nascem nos pais e familiares novos modos de sentir, agir e pensar. Um deles é a responsabilidade em relação ao novo ser que passa a fazer parte de sua realidade. Em algum dos casos apresentados esse sentimento é bem presente, em outros acontece de forma menos intensa.

Diversos foram os aspectos que mudaram na vida dessas jovens mães após o nascimento do primeiro filho na adolescência e um desses aspectos foi a necessidade de uma forma de trabalho para ajudar no sustento do filho.

No âmbito da experiência de trabalho, associado com a vida escolar e a familiar, vem sendo apontada como constituindo um dos condicionantes da inserção no mundo adulto para uma significativa parcela da população jovem em nosso país, especialmente aqueles que necessitam trabalhar para ajudar no sustento da família (Camarano, 2004; Sposito, 2005)

Esse aspecto relacionado ao trabalho foi necessário em todos os casos, e foi fortemente presente nas narrativas das entrevistadas, em cada caso aconteceu de maneira diferente, vejamos como se deu a seguir.

No caso de Bela, logo que o filho nasceu ela se viu diante de algumas dificuldades. Seu companheiro exercia a profissão de padeiro, mas devido a algumas demissões que aconteceram na empresa ele acabou ficando desempregado e Bela não trabalhava na época, conseguir outro trabalho não foi uma tarefa muito fácil para o companheiro.

Nos seus estudos, Santos (2005, 2010) destaca que em periferias a forma de trabalho que os jovens realizam são hostis e precárias similares as destacadas no estudo apresentado.

No Nordeste de Amaralina-Areial, muitos moradores, para complementar o sustento da família, acabam fazendo algum tipo de trabalho informal - reciclagem de materiais reutilizáveis e foi observando os vizinhos fazendo este tipo de atividade que eles resolveram fazer o mesmo; coletavam todo esse material pelos bairros próximos e depois vendiam para uma cooperativa que existia no bairro onde moravam.

“A situação se tornou mais difícil porque no momento ele ficou desempregado. Nós dois resolvemos ir reciclar para conseguir sustentar a casa e o bebê. Ele arranhou dinheiro, fez um carro com a geladeira, com aquela parte dentro colocou roda e nós dois íamos reciclar, à noite, ou de manhã, não importava, só não podíamos deixar a criança precisando do alimento nem a gente, esse trabalho não tirou a nossa honra não.”

Interessante é que eles sabiam como conseguir dinheiro de forma facilitada, pois o companheiro era envolvido com as drogas, mas, decidiram juntos lutar como os vizinhos faziam para sustentar os filhos de forma honesta.

“Ele nunca roubou, nunca traficou. Nem sei por que ele andava armado, mau influência, no meio do bairro que a gente anda todo mundo anda armado, aí a pessoa, tem gente que acha bonito, depois de pouco tempo que fui morar com ele deu fim, vendeu.”

Jasmim também sempre achou importante o trabalhar de alguma maneira para contribuir no sustento da família. Diante das dificuldades para adquirir um trabalho formal ela buscou usar a criatividade.

No início os pais deles ajudavam, mas com o passar do tempo diversos atritos familiares foram surgindo, para evitar tais constrangimentos eles resolveram fazer alguma atividade que gerasse renda. Então ele passou a lavar e guardar carros na região da Pituba, bairro próximo onde eles moram e ela passar de rifas, “bolão” durante toda semana e desta forma vivem com o dinheiro desses pequenos “bicos” que surgem. Ferreira-Santos (2005) relata que seu estudo, que os jovens da periferia, apesar de toda condição desfavorável como: baixa remuneração e condições precárias de trabalho, persistem na busca do sustento familiar.

Nem sempre esse tipo de trabalho informal apresentava um retorno financeiro satisfatório e às vezes eles retornavam as suas residências sem uma quantia necessária para oferecer ao filho o que realmente necessitava.

“Logo no início só minha sogra trabalhava, acho que fazia faxina, o dinheiro era bem pouco, mas dava, com dificuldade, às vezes faltava alguma coisa. Quando acontecia de não ter nada para comer esperávamos chegar o outro dia. Era raro. Mas já aconteceu.”

“Para ajudar no sustento da família eu faço rifas (Bolão) saio pelas ruas do bairro vendendo bilhetes. Dar para ganhar um bom dinheiro. Tem dias que são melhores que outros.”

Cinderela era mais acomodada que as outras entrevistadas, ela confessa que se sente assim, mesmo diante da necessidade de trabalhar para contribuir com sustento da filha, ela não se sente motivada para trabalhar. É mesmo a mãe que se responsabiliza, reciclando e exercendo atividade como doméstica para manter o sustento da família. “Sou muito acomodada, minhas filhas precisam de alguém para olhar para ser diferente.”

Apesar de reconhecer a importância do trabalho, ela confessa que não consegue dar passos para mudar a realidade em que se encontra, relata as dificuldades que são variadas: vergonha, preguiça, falta de motivação, mas o que destaque aqui é a forma de enfrentar; todas as outras entrevistadas se encontram

diante das mesmas dificuldades ou até outras mais delicadas. No entanto, diante da necessidade de um filho e da responsabilidade que cria perante este, usam de criatividade, além de recursos que respondam a tal necessidade. Vejamos o que acontece com Aurora.

Assim que soube que estava grávida ela decidiu procurar alguma modalidade de conseguir recursos para o sustento do filho que aguardava. Sendo assim, iniciou um trabalho como babá em uma casa na Pituba. E assim fez, trabalhou até o nascimento do filho e depois retornou ao trabalho após três meses. Não era fácil para ela enfrentar as diversas dificuldades, mas, enfrentou todas. "Desejava que meu filho tivesse uma condição melhor. Além de fazer reciclagem, eu tomava conta de uma criança na casa de uma senhora. Juntava o dinheiro para fazer o enxoval. Comprar as coisas pra ele".

O mesmo aconteceu com Rapunzel: diante da maternidade e das necessidades que a filha ia apresentando, ela usava as habilidades que tinha, saía a procurar, uma atividade remunerada e encontrava diversas, a principal que desenvolvia era a de manicure. "Resolvi fazer unhas, depois que minha filha nasceu entendia que a responsabilidade da minha filha era minha e do pai dela, além de fazer unhas saía para vender produtos de dedetização pelas casas do bairro".

O caso de Alice já foi diferente de todas as outras entrevistadas, diante da gravidez não houve por parte dela a necessidade real do trabalho, os pais e o companheiro assumiram toda a responsabilidade.

"Não! eu não precisei trabalhar, eu era muito nova, no início meu companheiro que se responsabilizou depois que terminamos o relacionamento eu fui morar na casa dos meus pais e lá eu também não precisei trabalhar, a prioridade eram meus estudos."

CAPÍTULO 8
SIGNIFICADOS, NOVAS POSIÇÕES DO EU, EVENTOS
CRITICOS, RUPTURAS E ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO

Valsiner (2007) fundamenta que ao longo da pesquisa desenvolvida foi possível observar que na da trajetória de vida de cada entrevistada elas constroem significados mediante o uso de alguns signos, diante do evento da maternidade precoce. Esses signos acabam por inibir ou até mesmo incentivar a resposta da entrevistada diante desses eventos que ocorrem na própria trajetória, interferindo de forma positiva ou negativa a posição materna em questão.

Foi possível observar, em alguns casos, o uso desses signos, principalmente quando elas tinham a maternidade como uma possibilidade de mudança, de esperança, tornando-se ela protagonista da sua própria vida. Sendo capaz de agir diante das diferentes dificuldades que essa maternidade acabou repercutindo em sua trajetória.

No entanto, foi possível também verificar em alguns casos, mesmo que de forma discreta, não exposta verbalmente pela mãe, o filho como signo inibidor, a chegada de um filho como um evento que não foi capaz de gerar, de provocar na jovem mãe um desejo de que a vida se torna diferente, mas o contrário.

Não é o filho em si, mas, as repercussões que a maternidade provoca isso são visíveis, principalmente no caso, em que elas relatam que o filho não as impediram de estudar, pois tinham o apoio da família e do companheiro, mas ela diante da demanda que o filho exigia, não se sentia em condições de enfrentar uma sala de aula, por exemplo.

É desta maneira que ao longo do tempo elas vão percebendo a vida e os efeitos que a maternidade representa na vida delas, significando-as. As pessoas experimentam e significam o mundo através dos signos. E através de mediação semiótica enfrentam o futuro. (VALSINER, 2007 apud ABBEY; VALSINER 2004).

Salgado e Hermans (2005) enfatizam que a característica crucial de qualquer diálogo é a relação entre mensagens comunicativas – então qualquer mensagem evoca de algum modo de estar no outro e assim por diante. Para falar dessas posições do eu nesses diversos campos da experiência de uma jovem mãe que teve filho no período da adolescência, a teoria do self dialógico ganha importante sentido aqui, pois tem a pessoa como o centro de construção social. Para a psicologia cultural o que vale é a experiência para construção do mundo social, então tem toda

relação com o trabalho apresentado, pois o objetivo aqui é caracterizar, identificar e analisar como essas jovens mães experienciaram e significaram essa maternidade precoce, levando em conta seus diversos aspectos. O centro é ela.

Valsiner (2012, p. 127) valoriza em seus diversos trabalhos o conceito de self dialógico, pois essa teoria se organiza por meio de um processo de relações dialógicas entre seus componentes. “[...] O self não está apenas “aqui”, mas também lá, e, devido ao poder da imaginação, a pessoa pode agir como se ele ou ela fosse o outro [...]”.

As entrevistadas estão constantemente em um processo de tensão diante das multiplicidades de posições que precisam ter diante dos eventos que acontecem ao longo da sua experiência, essa tensão é vivida e significada de forma diferente entre as entrevistadas. Observando essa tensão de forma individual, ela também sofre alterações. De modo geral, o contexto interfere nas transformações do self podendo ser múltiplas, sendo ainda característico dos modelos de self baseados em seus supostos componentes.

Diante da maternidade precoce, diversos eventos críticos acontecem na trajetória individual das jovens mães entrevistadas, eventos que estão relacionados: à vida escolar, a necessidade de uma forma de contribuir para o sustento familiar através de um trabalho, a estabilidade da conjugalidade com o pai da criança. É possível perceber que diante de tais circunstâncias, após significá-las é exigida uma posição pessoal diante dessas cotidianas para que depois possa ter um significado.

Hermans (1993) defendem uma noção que pode ajudar o entendimento dessas experiências maternas. Ele fala “múltiplas posições do eu “conhecida como *I-positions*”. Aqui:

O eu flutua em posições diferentes, e mesmo opostas, e tem capacidade de dotar cada posição como uma voz, da mesma forma que personagens em uma história, engajadas em um processo de perguntar e responder, acordo e desacordo. (p.127).

Exatamente assim como acontece nos casos abordados, portanto esta teoria de self dialógico é pertinente, diante dos eventos críticos que enfrentam: decidir, por exemplo, se escuta ou não o pedido da mãe, da sogra ou do companheiro em relação ao aborto.

Aqui cada entrevistada tem uma história para contar sobre sua própria experiência materna, a partir da sua própria expectativa. Que pode ser comparada com as princesas dos contos tradicionais, como foram escolhido os pseudônimos das jovens mães. Elas como as princesas constroem seus castelos, definem suas expectativas e vão buscando a cada dia responder, cada uma de sua maneira o desejo que carregam de serem felices, de atribuir sentido a sua vida.

Valsiner (2013, p. 128) confirma dizendo que nessa multiplicidade de posições, algumas posições podem torna-se mais dominantes do que outras, de modo que as vozes das posições menos dominantes podem ser subjugadas.

Dentre os diversos contextos familiares das mães estudadas: casadas, solteiras e viúvas e, diante da multiplicidade de posições, foi possível perceber que o campo de posições do eu não envolve apenas a coexistência de diferentes perspectivas, mas também a construção de hierarquias. Que quer dizer, relações de dominância/subdominância entre “vozes” (que representam posições de eu “ que estão sendo constantemente negociadas. (p.130).

Foi possível perceber “diferentes posições de eu”: eu –mãe , eu-recicladora, eu-dona de casa, eu- doméstica, eu- esposa, eu- estudante, eu viúva, eu- amante , eu-esposa, eu- mãe solteira, eu-sonhadora, eu-sem sonhos. Percebeu-se também durante as entrevistas que dois aspectos tiveram destaque. A maternidade como um evento capaz de impulsionar a vida e conseqüentemente as perspectivas diante do futuro, o filho como recurso para alcançar os desejos, como instrumento para mover o que parecia quebrado, anestesiado e a maternidade como modalidade de se expressar dentro do contexto em que se encontra. Este evento foi observado nos casos de Rapunzel e Alice, que diante da maternidade e das inúmeras dificuldades encontradas para concluir os estudos, conseguiram superá-las.

Porém, foi possível também perceber em alguns casos, que o oposto, também ocorreu. O filho, não como possibilidade de provocar uma mudança na vida, como ocorre em outros casos, mas o filho como ocasião de desistir do que havia planejado como perspectiva para o futuro. Destaco o caso Aurora, que diante da morte violenta do pai do filho , sente medo em iniciar um novo relacionamento. E o caso da jovem Cinderela que diante das necessidades que as filhas apresentam, ela sendo mãe, não se sente capaz de contribuir com algum tipo de atividade para o sustento familiar.

Mesmo com os diversos obstáculos que são muitos comuns de serem encontrados ao longo da trajetória de uma jovem mãe adolescente elas conseguiram alcançar os resultados esperados, ou mesmo que não esperavam.

Para alcançar esses resultados elas contaram com alguns elementos importantes como: apoio da família, do companheiro, da escola, dos vizinhos, igrejas, da rede social, posto de saúde, assistência médica adequada e principalmente a seriedade que tinham com as próprias exigências.

Foi possível perceber em alguns casos que mesmo sem um suporte adequado para enfrentar os diversos eventos encontrados, algumas conseguiram alcançar os objetivos traçados e para isso lançaram mão de recursos como ferramenta. Recursos como: a seriedade com os desejos que carregam de serem felizes foi o principal deles, mas foi possível reconhecer também como recurso utilizado por elas a responsabilidade com o estudo no caso Rapunzel e Alice o desejo de ter uma família constituída nos casos: Bela e Jasmim.

A maternidade na adolescência experienciadas pelas jovens em estudo é entendida como uma ruptura, pois nesse período da vida é algo não esperado socialmente, não apenas a maternidade é encarada como ruptura, mas também as repercussões que este evento ocasiona na trajetória de vida da adolescente e da sua família. Repercussões que vão do corpo físico a sociais.

Gerar um filho nesta etapa da vida é considerado uma ruptura no fluxo da experiência, e exigem processos de reposicionamento e podem solicitar novas aquisições, entendimentos e redefinições pessoais, até que a jovem mãe possa encontrar um caminho através da incerteza em direção a uma nova regularidade. (Zittoun, 2007)

Ao analisar as diferentes trajetórias de desenvolvimento em mulheres que se tornaram mães quando adolescentes, identificando as estratégias de enfrentamento das quais elas lançam mão para lidar com os diversos eventos críticos que ocorreram e desenharam suas trajetórias. Percebe-se que não se pode reduzir a uma única estratégia de enfrentamento escolhida e nem mesmo a um único significado, pois a maternidade na adolescência refere-se a um evento complexo, no qual múltiplos fatores se encontram envolvidos.

A estratégia de enfrentamento é utilizada não no sentido de consertar algo que foi rompido, quebrado. Durante as narrativas das entrevistadas é possível perceber que a maternidade na adolescência é encarada na maioria dos casos como algo que possibilita o conhecimento do próprio eu, da própria pessoa, proporcionando o entendimento de uma capacidade diante dos fatos ainda não pensados sendo capaz até mesmo de mudar o próprio futuro, alterando de maneira concreta as próprias perspectivas. É neste sentido que se fala de estratégias de enfrentamento, indo no sentido contrário ao de autores que defendem que a maternidade na adolescência é um evento que é capaz de trazer para jovem mãe repercussões negativas, prejuízos. Resultados alcançados através da busca do entendimento do significado que aquele evento tem na sua vida. A fé, a família.

A forma como elas enfrentaram essas consequências é o que mais chama atenção, enfrentam como possibilidade para vida, enfrentam como uma oportunidade de ascensão social, somente por um fato, o filho. Longe dessa justificativa, algumas delas consideram que poucos passos seriam capazes de ter dado se não fosse pelo nascimento do filho.

“com certeza minha vida não seria essa que tenho hoje, tudo que sou hoje foi por causa dos meus filhos” (Bela, 28 anos, mãe de 3 filhos, doméstica, casada.) “meu filho é tudo, tudo pra mim” (Aurora, 28 anos, doméstica, mãe de um filho, viúva) “.Ah! meu filho é a razão da minha vida, faço tudo por ele, não deixo faltar nada!

(Alice, 25 anos, universitária, solteira).

CAPÍTULO 9

CONCLUSÃO:

A MATERNIDADE COMO POSSIBILIDADE DE VIDA NOVA

“E o fim é belo, incerto... Depende de como você vê”.

(O Teatro Mágico)

Ao analisar as diferentes trajetórias de desenvolvimento em mulheres que se tornaram mães quando adolescentes, identificando as estratégias de enfrentamento das quais elas lançam mão para lidar com os diversos eventos críticos que ocorreram e desenharam suas trajetórias percebe-se que não se pode reduzir a uma única estratégia escolhida e nem mesmo a um único significado e nem mesmo a um único signo, pois a maternidade na adolescência refere-se a um evento complexo, no qual múltiplos fatores se encontram envolvidos.

O estudo buscou identificar novas posições de eu nos campos do trabalho, estudo, conjugalidade e família, todos ligados à condição de ser mãe. Diversas foram às estratégias de que elas lançaram mão para enfrentar os eventos críticos que foram acontecendo ao longo desses dez anos. As principais delas estiveram associadas ao desejo que tinham de construir o próprio futuro.

Para chegar ao objetivo do estudo foram analisadas as narrativas das participantes, observando de que modo e com que resultados elas definiram perspectivas para o próprio futuro, ao longo de suas trajetórias, destacando os eventos críticos, rupturas e estratégias de enfrentamento utilizadas por elas.

Tornar-se mãe consiste em uma experiência de ruptura na adolescência em desenvolvimento, pois este evento, por mais que seja um episódio comum em nossa sociedade, é algo não desejado socialmente para uma adolescente. Isso acontece devido às diversas consequências indesejadas que a gravidez pode acarretar na trajetória de vida de uma adolescente, implicando assim, redefinições significativas da identidade, desafiando posições de Eu fundamentais no espaço do self dialógico, como “Eu-adolescente mãe”, “Eu-trabalhadora”, “Eu-estudante”, “Eu-esposa”, “Eu-mãe-solteira”, “Eu-mãe viúva. Rupturas podem ser vislumbradas como ocasiões para a construção de uma nova estabilidade relativa, através do uso de recursos disponíveis em seus contextos sociais – que darão suporte a esse processo de transformação. (PONTES, 2013, p. 212).

O estudo procurou explicitar a forma como as jovens mães vivenciaram diversas esferas da experiência de vida ao longo desses dez anos, um processo mediado por relações dialógicas com outros sociais significativos (MATTOS, 2013). Para melhor explicitar o entendimento, foi abordado por tópicos, identificando sempre as diferentes maneiras como elas se posicionam diante dos eventos críticos ocorridos nas trajetórias: eventos relacionados: descoberta da gravidez, reação da família e do companheiro, eventos críticos relacionados ao trabalho, estudo e estratégias de enfrentamento usadas por elas.

A maioria das entrevistadas demonstrou não ter sido planejada à gravidez, mesmo as adolescentes tendo conhecimento dos métodos contraceptivos, já que não faziam uso ou o faziam de modo inadequado, o que torna claro que esta gravidez não pode ser considerada realmente indesejada por parte da adolescente, se havia algum conhecimento. Apenas em um dos casos a entrevistada afirma que não tinha conhecimento sobre métodos anticoncepcionais. Observou-se que a descoberta da gravidez, na maioria dos casos, foi percebida por uma pessoa próxima adolescente. Apenas em um dos casos a própria entrevistada estava atenta aos sinais da gravidez; isso demonstra que poucas estavam preocupadas com as consequências que o sexo ocasiona na própria vida.

As reações dos companheiros em relação à maternidade variaram, porém a maioria aceitou o fato e se responsabilizou com a criança. Apenas em um dos casos não houve a aceitação, quando o mesmo sugeriu o aborto da gravidez.

As famílias reagiram de formas distintas, algumas aceitaram o fato sem muitos questionamentos, é claro que a gravidez na adolescência já era um fato esperado pela família. Apenas em um dos casos a gravidez foi considerada pela família como um evento não esperado. A maternidade para a família é um evento considerado provável, esperado por suas filhas; porém a maternidade adolescente não é um evento desejado, apesar de esperado.

Contribuir de alguma maneira para o sustento familiar já era algo comum entre as entrevistadas e, com a chegada de mais um integrante na família, a contribuição que era uma opção passou a ser algo indispensável. A maternidade precoce fez com essas jovens mães adentrassem mais precocemente a o universo do trabalho, pois os pais sozinhos não eram capazes de satisfazer as necessidades de toda a família.

Diante da necessidade de um trabalho, a qualidade dos estudos acabou sendo afetada, a maioria delas não conseguiu permanecer e concluir o ensino médio. Mesmo com todo o apoio familiar e até mesmo do companheiro elas não conseguiram. Porém duas delas percorreram uma trajetória diferente. Entenderam que para construir um futuro diferente e realizar-se profissionalmente precisava ter conhecimento e para isso era só levando de forma séria os estudos. E assim aconteceu, mesmo sem o apoio familiar em um dos casos.

Em alguns casos não há um incentivo por parte da escola e nem da família, para que essas jovens permaneçam com os estudos. Apesar de conferirem valor aos estudos elas acabam ficando envolvidas com as atividades domiciliares. Algumas continuaram o relacionamento com o pai da criança, concluíram os estudos, conquistaram a casa própria.

A maternidade na adolescência trouxe para essas entrevistadas a possibilidade de enfrentar diversos eventos como: desconfiança do companheiro em relação à paternidade, viuvez inesperada, perda da filha por falta de condições, evasão escolar, trabalho sem condições adequadas, dificuldade na educação dos filhos, ausência do apoio familiar, depressão, mudança de ambiente familiar, submissão à violência física, dentre outros.

Deste modo, o desafio do presente estudo consistiu em responder a essa questão específica: Como se caracterizam as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência? Que estratégias utilizam para e conseguem lidar com o enfrentamento de eventos críticos e rupturas ao longo dessas trajetórias?

Para enfrentar cada uma dessas dificuldades encontradas ao longo da trajetória, cada entrevistada lançou mão de distintas estratégias. Para algumas, a solução dos problemas estava depositada, na escolha adequada de um companheiro, no apoio familiar, na seriedade com os estudos; para outras, na seriedade em relação ao trabalho, na construção de uma família. Mas, para a maioria, a estratégia foi a relação com o próprio filho, foi o amor a este e a representação que ele tinha para essas jovens mães que as impulsionaram a desejar um futuro diferente e bom, cheios de grandes expectativas.

É notório que, em alguns dos casos estudados aqui, o fato de terem se tornado mães quando adolescentes afetou negativamente sua perspectiva de futuro em relação ao estudo e trabalho, pois nestes aconteceram mudanças significativas

como: a necessidade de um abandono escolar, prejudicando conseqüentemente a escolha por uma profissão antes desejada. Nestes eventos, as mudanças não levaram a uma expansão do horizonte de desenvolvimento, restringido, pelo contrário, possibilidades antes sonhadas.

Por outro lado, a maternidade e os eventos críticos que essas entrevistadas tiveram que enfrentar propiciou a elas a construção de significados. Os seres humanos são construtores de significado e é através da imaginação que eles podem se reinventar (PONTES, 2013). Imaginação é entendida enquanto um recurso fundamental de adaptação e exploração do mundo – que permitiu a algumas dessas mulheres ampliarem a gama de possibilidades futuras.

Um filho, para a maioria das entrevistadas, corresponde à realização de um sonho, bem como a oportunidade de não mais se sentirem sozinhas, pois tê-lo significa possuir algo próprio, ter alguém capaz de lhes fornecer um suporte afetivo e solucionar os problemas até então vivenciados (VOLKMER, 2009).

Diferentes foram os significados atribuídos à maternidade relatados pelas jovens mães. Dentre os encontrados ficou evidente a possibilidade de melhor qualidade de vida. A gravidez, na maioria dos casos estudados, apesar de não planejada, foi considerada como algo positivo que dá um novo significado para a vida das mães entrevistadas.

Os casos analisados, assim, retratam as mais distintas estratégias enfrentamento, mostrando o empenho de cada uma das jovens mães entrevistadas para enfrentar as elevadas incertezas em relação ao seu futuro, bem como as tensões entre as diversas vozes de pessoas significativas (a mãe, o companheiro, a amiga, a prima).

Por essa razão, foram realizadas as análises das trajetórias maternas de seis mulheres, com o intuito de compreender os processos de rupturas e, especialmente, de entender os significados da maternidade na adolescência de forma individual.

A maternidade na adolescência é considerada então uma possibilidade, assim como qualquer outra, de atribuir significado a própria vida, fazendo com ela possa ser tão significativa como aquelas planejadas, desejadas pelo companheiro e pela família. Aqui foram apresentadas distintas experiências, sendo possível verificar que uma adolescente pode ser capaz de ser protagonista da própria história. É ainda

capaz de enfrentar os inúmeros eventos que causam consequências significativas na vida de uma pessoa, como estudos apontam.

Aqui foi possível perceber que há possibilidades de encher uma experiência materna precoce de significados. Basta para isso, uma consciência adequada do próprio significado e das próprias exigências. Como dizia Bela em sua narrativa: “Agora que descobri do que sou capaz, eu vou a qualquer lugar e ninguém me segura”. É aqui que aparecem os elementos sustentadores daquilo que é o mecanismo que move o sujeito humano.

Em uma experiência materna uma adolescente só pode descobrir-se capaz de responder ao o que seu filho necessita se responde a essas necessidades de forma concreta, só pode responder à necessidade do estudo se vai à escola e responde seriamente ao que é solicitado, e somente pode ser um profissional qualificado se responde às qualificações exigidas - ou ao menos tenta responder. É assim a vida em quaisquer circunstâncias.

Quanto ao potencial impacto desta pesquisa, almeja-se que as implicações favoreçam a compreensão da maternidade na adolescência. Foi ainda possível fazer um estudo quanto aos significados atribuídos à experiência dessa transição a partir da narrativa de jovens mães, as quais puderam favorecer uma compreensão mais próxima deste evento e assim colaborar para a capacitação de profissionais que lidam no cotidiano com essa população. Este estudo ainda representa um incentivo à elaboração de programas e projetos sociais que favoreçam uma maior apoio a essas jovens.

REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R., MACHADO, P. S., OLIVEIRA, V. Z. E GOMES, W. B. (1998). **A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico**. *Psicol. Reflex. Crit.* v.11 n.3 Porto Alegre.
- AMPARO, D. M., Galvão, A. C. T., Cardens, C., & Koller, S. H. (2008). **A escola e as perspectivas educacionais de jovens em situação de risco: perspectivas educacionais de jovens**. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12(1), 69-88.
- BASTOS, A. c. (2001). **Modos de partilhar A criança e o cotidiano da família**. Taubaté, Bahia, Brasil: Cabral Editora Universitária.
- BENSON, M. J. (2004). **After the Adolescent Pregnancy: Parents, Teens, and Families**. *Child & Adolescent Social Work Journal* 21 (5):
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2006). **Transição para a vida adulta: autonomia e dependência da família** [Versão eletrônica]. *Psico*, 40(1), 42-49.
- BRANCO (Orgs.), **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional** (pp. 87-128). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- BRASIL, **Estatuto Da Criança e do Adolescente**. (1990), lei 8.069.
- BRASIL, Portal do Ministério da Saúde. **Campanhas educativas previnem a gravidez precoce no País: Gravidez na adolescência**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/campanhas-educativas-previnem-a-gravidez-precoce-no-pais> , Acesso: 02 Mar. 2015.
- BRUNER, J. (2002a). **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1997b). **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas
- CASTRO, M. G., & Abramovay, M. (2002). **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências** [Versão eletrônica]. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 143-176.
- CAMARANO, A. A. (2004). Os caminhos dos jovens em direção à vida adulta [Versão eletrônica]. **Revista do IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, 1, 1, 59.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, (Colab.). **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Artmed, 2005.

DIAS, Ana Cristina Garcia and TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2010, vol.20, n.45, pp.123-131. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>.

DIAS, A. C. G. e LOPES, R. C. S. (2003). **Representações de Maternidade de Mães Jovens e suas Mães**. Psicologia em Estudo, Maringá,

DONATI, P. (2011). **Família no século XXI abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas.

ELDER JR. (1991). **Family Transitions, Cycles, and Social Changes**. Em: P. A. Cowan e E. M. Hetherington (Eds.) Family Transitions. Hilldale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers

ESPINHEIRA, G (2005). **Violência e pobreza: janelas quebradas e o mal estar da civilização**. caderno CRH Salvador v. 18. n.45 . p.441-470.set/dez. 2005

ESTEVES, J. R. e MENANDRO, P. R. M. (2005). **Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência**. Estudos de Psicologia, 10(3), 363-370.

FALCÃO, D. V. S. e SALOMÃO, N. M. R. (2005). **O papel dos avós na maternidade adolescente**. Estudos de Psicologia, Campinas, 22(2).

GUIMARÃES, N. A. (2005). **Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?** In H. W. Abramo, & P. P. M. Branco (Orgs.), Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional (pp. 149-174). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

GRAVIDEZ PRECOCE, **Brasil tem índice de país que permite casamento infantil**. Correio Brasiliense, São Paulo, 18 set. 2015. Disponível em: http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/08/18/internas_polbraeco,495139/gravidez-precoce-brasil-tem-indice-de-pais-que-permite-casamento-ifa.shtml>. Acesso em: 12 out. 2015.

GRANDESSO, M. A. (2006) **Famílias e narrativas: histórias, histórias e mais histórias**. In: OLIVEIRA, C. M. (Og.) Família e.... São Paulo: Casa do psicólogo.

HERMANS, H. J. M e KEMPEN, H. J. G. (1995). **Body, Mind and Culture: The Dialogical Nature of Mediated Action**. Culture & Psychology, Vol. 1

HUTZ, C.(org.) (2002). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MILLER, D.W. **Pokin holes in the Theory of “ Broken Windows”**. [Http://chronicle.vaitcom/free/v47/i22/22a01401.htm](http://chronicle.vaitcom/free/v47/i22/22a01401.htm). dezembro 2015.

MOREIRA, Lúcia A. M. (2008). **Família e Educação olhares da Psicologia**. São Paulo: Paulinas.

LEVANDOWSKI, D.; PICCININI, C.; LOPES, R. **Maternidade Adolescente. Estudos de Psicologia**, Campinas. v.25, n.2, 2008.

LEÃO, G., Dayrell, J. T., & Reis, J. B. (2011). **Jovens olhares sobre a escola do ensino médio** [Versão eletrônica]. Cad. Cedes, Campinas, 31(84), 253-273.

Mahfoud, M. (2012). **Experiência Elementar em psicologia aprendendo a reconhecer**. Brasília: Universa e artesã editora.

LOPES, R. C. S., DONELLI, T. S., LIMA, C, M. e PICCININI, C. A. (2005). **O Antes e o Depois: Expectativas e Experiências de Mães sobre o Parto**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área**. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 13, n. 2, p. 91-103, dez. 2005.

MATTOS, Elsa de. **Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos** / Salvador: UFBA, 277 f. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2013.

MATTOS, E. (2008). **Caminhos da inserção no trabalho: mudanças, desafios e oportunidades na perspectiva dos jovens aprendizes**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

MATTOS, E, & Chaves, A. M. (2010). **Trabalho e escola: é possível conciliar? A perspectiva de jovens aprendizes baianos** [Versão eletrônica]. **Psicologia Ciência e Profissão**, 30(3), 540-555.

OLIVEIRA, N.R. (1997). **Perfis de grávidas e mães adolescentes: Estudo psicossocial de adolescentes usuárias de um serviço público de pré-natal e maternidade**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

OXFORD, M. L.; GILCHRIST, L. D.; LOHR, M. J. (2005). **Life course heterogeneity in the transition from adolescence to adulthood among adolescent mothers**. *Journal of Research on Adolescence*

PETRINI, J. C. et al, (2007). **Combate à pobreza e às desigualdades sociais: rotas da inclusão**. **Manuscrito não-publicado**, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA.

PETRINI, J. C. et al, (2003). **Família XXI entre pós-modernidade e Cristianismo**. São Paulo: Companhia ilimitada.

PETRINI, J. C. et al, (2013). **Família no debate cultural e político contemporâneo**. São Paulo: ed Loyola.

PINHEIRO, V. S. (2000) **Repensando a maternidade na adolescência**. **Estudos de Psicologia**, 5 (1), 243-251.

REIS, Lílian Perdigão Caixêta. **Construção cultural da maternidade: a experiência de mães do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Ba** / Salvador: UFBA, 2010. 227 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – **Programa de Pós-graduação em Psicologia**, Faculdade de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, 2010.

SANTOS; José Eduardo Ferreira. Travessias **A adolescência em novos alagados**. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, S. R.; SCHOR, M. H. C. Vivências da maternidade na adolescência precoce. **Revista de Saúde Pública**. Vol. 37, n. 1, fev. 2003.

SANTOS, M.M.J.F. **Gravidez precoce: matéria de capa**. Estado de Minas, Belo Horizonte, p.4-5, 14 de maio, 2006.

SANTOS, J. E. (2010). **Cuidado com o vão**. Salvador: EDUFBA.

SANTOS, J. E. (2005). **Novos Alagados História do povo e do lugar**. Bauru, SP: EDUSC.

SANTOS, J. E. (2005). **Travessias a adolescência em Novos Alagados**. Bauru-SP: EDUSC.

SARTI, C. (2001) **Família e individualidade: um problema moderno**. Em: CARVALHO, M.C. B. (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/ Cortez, p. 39-49.

SPOSITO, M. P. (2005). **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In H. W. Abramo, & P. P. M.

SPOSITO, M. P., & Galvão, I. (2004). **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência** [Versão eletrônica]. *Perspectiva*, 22(2), 345-380

TAKEI, Roberta Ferreira. **Transição para a maternidade em diferentes contextos socioculturais: a experiência de mães brasileiras no Brasil e nos EUA** / Salvador: UFBA, 2012. 172 f. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2012.

UNFPA, **Fundo de População das Nações Unidas. Gravidez na Adolescência é tema do Relatório Anual do UNFPA**. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/669-gravidez-na-adolescencia-e-tema-do-relatorio-anual-do-unfpa-2> , Acesso: 01fev.2015.

VALSINER;J. **Mundos da Mente, Mundos da Vida. Fundamentos de uma Psicologia Cultural**, 2012.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia Cultural Mundos da mente mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed (2012).

Volkmer; Vivian. **Construindo continuidade frente a sucessivas rupturas: estratégias semióticas de reparação dinâmica do self**, (2014).

VALSINER, J. (1998). **The Guided Mind – A Sociogenetic Approach to Personality**. Harvard University Press, London.

VALSINER, J. (2001). **Comparative study of human cultural development**. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje.

ZITTOUN, T. (2004). Symbolic competencies for development transitions: the case of the choice of first names. *Culture & Psychology*, 10(2), 131-136. Recuperado em 11 de abril, 2015, do **Portal de Periódicos da CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index>. Jsp

ANEXO

1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada: “MULHERES QUE FORAM MÃES QUANDO ADOLESCENTES: TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO EM DIFERENTES CONTEXTOS FAMILIARES. UM ESTUDO DE CASOS EM UM BAIRRO POPULAR DE SALVADOR.”, coordenada pela Mestranda Alessandra Dalto Pereira Santana s sob a orientação da Professora Doutora Ana Cecília de Sousa Bastos, professora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Este estudo mostra-se relevante, na medida em que pode favorecer aos profissionais de saúde um entendimento ampliado relacionado a experiência de ser mãe no período adolescência , entender como este evento acontece e que consequências tem a vida desta jovem mãe e seu filho , bem como subsidiar programas de assistência à saúde da mulher que levem em conta as dificuldades envolvidas em casos como estes.

Este estudo tem por objetivo caracterizar as diferentes trajetórias de mulheres que se tornaram mães na adolescência, identificando as estratégias de enfrentamento e reparação das quais elas lançam mão para lidar com eventos críticos que ocorrem ao longo dessas trajetórias de jovens moradoras dos bairros do Nordeste de Amaralina em Salvador-Ba.

Para coleta de dados/informações, que acontecerá somente após aprovação do comitê de ética e pesquisa da universidade, será realizado um encontro e a depender do desenvolvimento da entrevista outros encontros poderão ser necessários. Neste encontro será feita uma entrevista narrativa com uma pergunta disparadora e a partir dela outras poderão surgir , dentro do contexto do tema da pesquisa com duração variável a depender da sua disponibilidade.

Esta atividade não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo a você.

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo; o objetivo da pesquisa não é causar nenhum tipo de constrangimento, danos a participante.
- Os resultados da pesquisa também poderão ser divulgados através da publicação de artigos científicos. Apresentações orais também poderão ser realizadas em congressos e seminários da área. Em qualquer uma das circunstâncias, sua identidade será mantida em absoluto sigilo
- A entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas, assegurando-lhe, no entanto, que as informações só serão utilizadas para este estudo;
- Sua participação não implica nenhum custo financeiro;
- Caso você apresente qualquer necessidade de um acompanhamento psicológico posterior à pesquisa, poderá procurar á pesquisadora para um encaminhamento de referência na cidade de Salvador.

- Você receberá uma cópia deste documento.
- A participação na pesquisa vai levar você a falar sobre situações que podem ter sido complicadas e difíceis podendo gerar algum sentimento que não esperava. Por outro lado, o estudo pode também trazer alguns benefícios, pois falar sobre estes eventos difíceis poderá levar a construir um novo significado destes, sendo positivo para sua vida.

Em caso de dúvidas ou necessidade de falar com a pesquisadora, poderá entrar em contato pelos telefones (71)987424602(vivo) , podendo realizar ligações à cobrar, acrescentando os números 9090 antes dos números discados.

Ou pelo endereço: Alessandra Daltro Pereira Santana – Universidade Católica do Salvador, Rua Cardeal da Silva, nº 205- Federação- Salvador/Bahia, CEP 40.231-902. Tel. 33238913. E-mail cep@ucsal.br E-mail: aledaltro@yahoo.com.br

Considerando as observações acima,

Eu, _____,
declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, aceito participar da presente pesquisa, estando ciente que em qualquer momento poderei desistir de participar da pesquisa, sem que me cause qualquer constrangimento ou problemas.

Local e data: _____

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

RG/CPF: _____

Investigador: _____

2- ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA

- Como se deu a descoberta da gravidez?
- Qual foi a reação do seu companheiro quando ficou sabendo que você estava grávida? Mudou alguma coisa?
- E a sua família como reagiu quando soube da sua gravidez? Mudou alguma coisa?
- Como ficou sua vida com o surgimento da gravidez? Em relação aos estudos e a necessidade de trabalhar?
- O que mudou?
- O que aconteceu durante esses 10 anos na sua vida, em relação ao:
 - filho
 - estudos
 - trabalho
 - conjugalidade
 - Família de origem
- Você enfrentou muitas dificuldades?
- O que você fez para enfrentar as dificuldades que foi encontrando?
- Encontrou ajuda para enfrentar essas dificuldades?
- Quando nos conhecemos você havia traçado algumas metas para o futuro! E hoje, após 10 anos, você conseguiu realiza-las?
- E hoje quais são suas expectativas em relação ao futuro?

3- FICHA DE DADOS SÓCIOS DEMOGRÁFICOS

DADOS PESSOAIS

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. Raça/ Etnia: () branco () pardo () negro

DADOS FAMILIARES

5. Estado Civil:
() solteiro () casado () divorciado () viúvo
() vive com o companheiro sem ser casado
6. Nº Filhos: () 0 () 1 () 2 () 3 () 4 ()
7. Residência é própria: () sim () não
8. Reside na sua casa: () pai () mãe () irmãos - Quantos? _____ () avó/avô -
Quantos? _____
() tio/tia - Quantos? _____ () Companheiro(a) ou cônjuge

ESCOLARIDADE

9. Grau:
() Ensino Fundamental completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Superior completo () Ensino Superior incompleto
10. Você estudando atualmente? () sim () não
11. Caso esteja estudando, qual curso está fazendo? _____
12. Caso não esteja estudando, pretende voltar a estudar? () sim () não

TRABALHO

13. Você trabalha atualmente () sim () não
14. Qual atividade exerce atualmente? _____

4- LETRAS DAS MÚSICAS CITADAS

1. Transição

(O Teatro Mágico)

Apreciar os riscos e suposições
Manifestar brandura e mansidão
Assegurar acessibilidade
E preservar coragem em transição
Se enunciar... repleta e intacta!
Apta a habitar todo lugar!
Se aflorar... **“Bela”!**

Assim que for embora
Perpetuar a história
Desvalidar o improvável!
Desdenhar do inconcebível!
Ocupar o ar das horas!
Plenas, serenas, inéditas e autênticas!
Revidar!
Bela!
Desperta em nós
nova **“aurora”** ao coração!
E ensina a perder... medo!
Alcança a voz!
Acordar de prontidão!
Anunciar!
"Milagres acontecem quando a gente vai à luta!"

“Desvalidar o improvável! Desdenhar do inconcebível!” Esta frase adicionada no início da apresentação elucida justamente a forma de olhar o fenômeno estudado, A maternidade como um fenômeno, uma transição que pode ser enfrentado como uma possibilidade positiva de enfrentar a realidade. Desvalidando o que parecia improvável e inconcebível.

2. Nosso Pequeno Castelo

(O Teatro Mágico)

Já longe de tanta fumaça
Menina que manda seus beijos com graça
Me faça rir, me faça feliz
Sentada na areia, brincando com a sorte.
Não chove não molha
Não olhe agora, estou olhando pra você.

Me faça um gesto, me faça perto
Me dê a lua que eu te faço adormecer

Anoitecerá
Na estrada o farol de quem se foi
Já não ilumina quando te beijar
Parece que a vida inteira esperei para te mostrar
Que na rua dia desses me perdi
Esqueci completamente de vencer
Mas o vento lá da areia trouxe infinita paz

*No nosso livro, a nossa história.
É faz de conta ou é faz acontecer?*

“No nosso livro, a nossa história. É faz de conta ou é faz acontecer? “Esta frase foi adicionada como título do capítulo 5, onde apresento a história das entrevistadas do estudo, no contexto atual, dez anos após o primeiro encontro. Nesta sessão é relatado os eventos que ocorreram na vida delas partindo da descoberta da gravidez até o momento atual., destacando principalmente como se encontraram atualmente em relação a condição : conjugal, da escolaridade ,profissional e número de filhos .

3. Sonho de Uma Flauta

(O Teatro Mágico)

Nem toda palavra é...

Aquilo que o dicionário diz.

Nem todo pedaço de pedra

Se parece com tijolo ou com pedra de giz

Avião parece passarinho

Que não sabe bater asa

Passarinho voando longe

Parece borboleta que fugiu de casa

Borboleta parece flor

Que o vento tirou pra dançar

Flor parece a gente

Pois somos semente do que ainda virá

A gente parece formiga

Lá de cima do avião

O céu parece um chão de areia

Parece descanso pra minha oração

A nuvem parece fumaça

Tem gente que acha que ela é algodão

Algodão às vezes é doce

Mas às vezes é doce não

Sonho parece verdade

Quando a gente esquece de acordar

O dia parece metade

Quando a gente acorda e esquece de levantar

Hum... E o mundo é perfeito

Eu não pareço meu pai
Nem pareço com meu irmão
Sei que toda mãe é santa
Sei que incerteza traz inspiração

Tem beijo que parece mordida
Tem mordida que parece carinho
Tem carinho que parece briga
Tem briga que aparece pra trazer sorriso

Tem riso que parece choro
Tem choro que é pura alegria
Tem dia que parece noite
E a tristeza parece poesia

Tem motivo pra viver de novo
Tem o novo que quer ter motivo
Tem a sede que morre no seio
Nota que fermata quando desafino

Descobrir o verdadeiro sentido das coisas
É querer saber demais

“Nem toda palavra é... Aquilo que o dicionário diz”. Esta frase foi adicionada como título do capítulo 6, onde apresento os diversos casos escolhidos. A escolha desse trecho da música se deu pelo fato de a maternidade na adolescência não ser vista apenas pelo foco da negatividade, mas também dos seus aspectos positivos como o trabalho apresenta.

4. Realejo

(O Teatro Mágico)

Será que a sorte virá num realejo?

Trazendo o pão da manhã

A faca e o queijo

Ou talvez... Um beijo teu

Que me empreste à alegria... que me faça juntar

Todo resto do dia... Meu café, meu jantar

Meu mundo inteiro...

Que é tão fácil de enxergar... E chegar

Nenhum medo que possa enfrentar

Nem segredo que possa contar

Enquanto é tão cedo

Enquanto for... Um berço meu

Enquanto for... Um terço meu

Serás vida... Bem vinda

Serás viva... Bem viva

Em mim

Será que a noite vira num vilarejo

Vejo a ponte que levara o que desejo

Admiro o que há de lindo e o que há de ser... Você

"Os opostos se distraem

Os dispostos se atraem"

"Será que a sorte virá num realejo? Trazendo o pão da manhã à faca e o queijo ou talvez... Um beijo teu". Esta frase foi adicionada no caso Cinderela por a mesma

possuir uma característica de espera, espera de um príncipe, de um companheiro que a queira e realize seu sonho de ser feliz.

“Enquanto for... Um berço meu, enquanto for... um terço meu, serás vida... bem vinda será viva... bem viva em mim.” Esta frase foi adicionada no caso Aurora (Bela adormecida), pois retrata o sentimento que a entrevistada possui de pertencer ao companheiro mesmo ausente, morto por morte violenta, o amor que ainda sente pelo companheiro a impede de começar outro relacionamento. Para ela, seu coração permanece dele, adormecido.

5. O Anjo Mais Velho

(O Teatro Mágico)

O dia mente a cor da noite
E o diamante a cor dos olhos
Os olhos mentem dia e noite a dor da gente
Enquanto houver você do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete, a cena se inverte.
Enchendo a minha alma daquilo que outrora eu
Deixei de acreditar

Tua palavra, tua história.
Tua verdade fazendo escola
E tua ausência fazendo silêncio em todo lugar

Metade de mim
Agora é assim
De um lado a poesia, o verbo, a saudade.
Do outro a luta, a força e a coragem pra chegar no fim
E o fim é belo incerto, depende de como você vê.
O novo, o credo, a fé que você deposita em você e só.

Só enquanto eu respirar
Vou me lembrar de você
Só enquanto eu respirar

“E o fim é belo incerto, depende de como você vê”. Esta frase da música foi adicionada na conclusão, pois retrata que a trajetória de vida de cada pessoa, não parte daquilo que a sociedade espera, mas parte daquilo que a pessoa é, e dos diversos fatores que influenciaram sua trajetória e principalmente da forma que ela enfrenta os eventos ocorridos.

6. Eu não sei na verdade quem eu sou

(O Teatro Mágico)

Eu não sei na verdade quem eu sou
já tentei calcular o meu valor
Mas sempre encontro sorriso e o meu paraíso é onde estou
Por que a gente é desse jeito?
criando conceito pra tudo que restou

Meninas são bruxas e fadas
Palhaço é um homem todo pintado de piadas
Céu azul é o telhado do mundo inteiro
Sonho é uma coisa que fica dentro do meu travesseiro

Mas eu não sei na verdade quem eu sou
Já tentei calcular o meu valor
Mas sempre encontro sorriso
E o meu paraíso é onde estou
Eu não sei... na verdade quem eu sou

Descobrir
Da onde veio a vida
por onde entrei
Deve haver uma saída
mas tudo fica sustentado
Pela fé
Na verdade ninguém
Sabe o que é

Velhinhos são crianças nascidas faz tempo
com água e farinha colo figurinha e foto em documento
Escola! É onde a gente aprende palavrão...
Tambor no meu peito faz o batuque do meu coração

Perceber que a cada minuto
tem um olho chorando de alegria e outro chorando de luto
tem louco pulando o muro, tem corpo pegando doença
tem gente rezando no escuro, tem gente sentindo ausência

Eu não sei na verdade quem eu sou...